



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**LETÍCIA CASSIANO PINHEIRO**

**TRAVESSIAS DE HORIZONTES MÚLTIPLOS: MIGRAÇÃO  
VENEZUELANA EM CAMPINA GRANDE.**

CAMPINA GRANDE – PB  
2021

**LETÍCIA CASSIANO PINHEIRO**

**TRAVESSIAS DE HORIZONTES MÚLTIPLOS: MIGRAÇÃO  
VENEZUELANA EM CAMPINA GRANDE.**

Versão final da Dissertação apresentada e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, como etapa final para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Orientação: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva.

Linha de pesquisa: Cultura e Identidades.

P654t

Pinheiro, Leticia Cassiano.

Travessias de horizontes múltiplos: migração venezuelana em Campina Grande / Leticia Cassiano Pinheiro. - Campina Grande, 2022.

140 f. : il. Color

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva".

Referências.

1. Migrações Transnacionais. 2. Narrativas. 3. Interações. 4. Experiências. 5. Estigmas. I. Silva, Vanderlan Francisco da. II. Título.

CDU 314.15(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS  
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

### FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES

**LETÍCIA CASSIANO PINHEIRO**

TRAVESSIAS DE HORIZONTES MÚLTIPLOS:  
MIGRAÇÃO VENEZUELANA EM CAMPINA  
GRANDE

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais como  
pré-requisito para obtenção do título de  
Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em: 17/12/2021

Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva - PPGCS/UFCG

Orientador

Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior - PPGCS/UFCG

Examinador Interno

Prof. Dr. Edmilson Lopes Júnior - PPGCS/UFRN

Examinador Externo



Documento assinado eletronicamente por **RONALDO LAURENTINO DE SALES JUNIOR, PROFESSOR 3 GRAU**, em 17/12/2021, às 16:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

Documento assinado eletronicamente por **VANDERLAN FRANCISCO DA SILVA, PROFESSOR 3 GRAU**,

03/01/2022 13:31

SEI/UFCG - 2025449 - PRPG-Folha de Assinatura para Teses e Dissertações



em 17/12/2021, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **2025449** e o código CRC **958FE52C**.

Referência: Processo nº 23096.079399/2021-78

SEI nº 2025449

**TRAVESSIAS DE HORIZONTES MÚLTIPLOS: MIGRAÇÃO  
VENEZUELANA EM CAMPINA GRANDE.**

**LETÍCIA CASSIANO PINHEIRO**

**DEFESA E APROVAÇÃO DA DISSERTAÇÃO EM 17/12/2022.**

**Banca Examinadora:**

**Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva – PPGCS/UFCG**

**Orientador**

**Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales - PPGCS/UFCG**

**Examinador interno**

**Prof. Dr. Edmilson Lopes Júnior- PPGCS/UFRN**

**Examinador externo**

## **DEDICATÓRIA**

Para aqueles que se embatem com o Estado, com as fronteiras nacionais, físicas e simbólicas. Para aqueles que colidem com as incertezas da existência e as atravessam, fluem e se movimentam traçando novos caminhos. Meu respeito e admiração!

## AGRADECIMENTOS

O trabalho representado nessa dissertação de mestrado possui inúmeras significações para mim, é símbolo de força, determinação, admiração, resiliência e desafios, constituindo-se por fim numa realização que encontrou diversos obstáculos em seu caminho, mas que os atravessou. Pelo transitar das graças e dos desafios tenho muito a agradecer, por ter conseguido chegar com êxito ao final da trilha.

A Deus e às energias que regem espiritualmente o universo, que nos engajam a alma no fluir da vida, fazendo-nos sentir, enxergar e pisar com firmeza nos caminhos que escolhemos. Doando forças para seguir firme com os objetivos, mesmo diante de desafios.

À minha família, cada um de algum modo e ao seu modo contribuiu para eu ser hoje a mulher que sou. Em especial aos meus amores maiores: à minha mãe, por ter me dado a vida e pelo exemplo de força, doação e resiliência que é para mim, por ter me apoiado a seu modo mesmo durante as suas sessões de quimioterapia, dizendo que estava tudo bem. À minha madrinha e ao meu irmão, que participaram dos fluxos da minha formação humana, sempre presentes e dispostos a estender a mão, abraçar, acolher e incentivar. Ao meu pai, que ao seu modo me ensinou a ser determinada e forte.

À minha família/amor de alma, amigos e amigas. A esses amores que ocupam um lugar especial em minha vida, fazendo os caminhos e os fluxos dessa vida serem mais potentes e ao mesmo tempo mais leves, com seus afetos. A Silvestre, pelo apoio e conselhos: *“mulher, para de ler e escreve”, “larga tudo e foca na tese”*.

Ao meu gato, *Shiva*, companheiro das madrugadas e das horas de estudo e escrita, dando seu apoio felino desde a construção do projeto de mestrado, até o final da escrita da dissertação.

À UFCG por tudo que ela me representa e por ser uma fonte de pesquisadores, estudantes, professores e pensadores dispostos a produzir e disseminar conhecimento com comprometimento, ética, crítica e ciência, representando tão bem o acesso à educação pública por seus programas de inclusão social.

Ao meu Orientador, Vanderlan, pelos ensinamentos, bem como por ter acolhido meu projeto de pesquisa e acreditado nas potencialidades dessa pesquisa e pela confiança em mim enquanto pesquisadora. Assim como, por suas contribuições de conhecimento da Sociologia e da Antropologia, desde antes do mestrado nos debates do seu grupo de pesquisa SOCIATOS, acentuando o gosto que é trabalhar nessas áreas de pesquisa.



Aos membros do SOCIATOS pelos encontros e trocas de afeto e conhecimento.

Aos professores e alunos do PPGCS, pelos ensinamentos nas aulas, nos seminários e nos encontros acadêmicos e da vida, em especial aqueles que admiraram e incentivaram minha pesquisa sobre imigração desde o seu início. Ao Secretário do PPGCS, Rinaldo, por exercer seu trabalho de forma exemplar, sempre disposto a ajudar os discentes em suas demandas junto ao PPGCS.

Aos membros do grupo de ajuda aos migrantes venezuelanos de Campina Grande, pela empatia, pela solidariedade, pelas trocas de experiências durante a pesquisa.

Aos membros da Comissão de Direito Internacional e da Comissão de Direitos Humanos, OAB-PB, pelas trocas de conhecimento durante a pesquisa.

Aos migrantes venezuelanos pelas vivências e trocas durante toda a pesquisa, pelos exemplos que são: de resiliência e de força.

A todos vocês, sou grata!

## EPÍGRAFE

*“O que propomos, entendam, é uma revolução. Não se assustem, vocês já passaram por outras. Agora, é a nossa vez de propor a vocês uma revolução (...) A retirada do arame farpado do mundo graças à migração” (VISNIEC, p. 165, 2017).*

## **TRAVESSIAS DE HORIZONTES MÚLTIPLOS: MIGRAÇÃO VENEZUELANA EM CAMPINA GRANDE.**

Os fluxos migratórios forçados internacionais contemporâneos e suas implicações evidenciam nossa interdependência enquanto sujeitos, bem como enquanto países. Dentro do recorte das migrações transnacionais, o aumento do fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil devido à crise política, social e econômica da Venezuela tem gerado debates complexos e multidimensionais sobre essa temática. Nesta dissertação buscamos entender as dinâmicas dessa experiência migratória, suas subjetividades e as interações de seus percursos, bem como as demandas e direções que podem emergir dessa realidade social. Mais especificamente, nos propomos a entrevistar e analisar as narrativas dos migrantes venezuelanos que estão nas terras campinenses, identificar e esmiuçar o campo da pesquisa, objetivando entender como todas as características, percursos, experiências e narrativas que carregam esses migrantes podem influenciar nas interações e nos seus processos de integração em Campina Grande-PB. Conectando os caminhos das teorias que nos propomos a discutir e as vias que serão descortinadas pelo empírico, buscamos também identificar os estigmas sociais e como esses interferem nas relações sociais estabelecidas por esses migrantes. Essa pesquisa possui caráter qualitativo e se encaixa na linha de pesquisa Cultura e Identidades. Em um diálogo de análise entre os discursos sociais e o que aponta a etnografia, essa dissertação se dispõe a investigar, analisar e discutir sobre a imigração transnacional para o interior da Paraíba, região antes permeada por intenso êxodo e emigração. A partir da análise realizada nessa pesquisa, concluímos (1) que a origem do migrante influencia suas experiências migratórias, (2) que os migrantes são estigmatizados e isso interfere no cotidiano desses migrantes na cidade, (3) que os migrantes indígenas possuem maior dificuldade de interação e integração em Campina Grande-PB, (4) que as narrativas, experiências e características que carregam esses migrantes influenciam nas suas interações e integração na cidade, evidenciando uma categorização dos migrantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migrações transnacionais; Narrativas; Interações; Experiências; Estigmas.

## **A JOURNEY OF MULTIPLE HORIZONTS: VENEZUELAN MIGRATION IN CAMPINA GRANDE.**

Contemporary international forced migrations and their implications underscore our interdependence as subjects as well as countries. Within the scope of transnational migrations, the increase in the migratory flow of Venezuelans to Brazil due to the political, social and economic crisis in Venezuela has generated complex and multidimensional debates on this topic. In this dissertation we seek to understand the dynamics of this migratory experience, its subjectivities and path interactions, as well as the demands and directions that may emerge from this social reality. More specifically, we propose to analyze the narratives of Venezuelans who migrated to Campina Grande-PB, to identify and scrutinize the field of research, aiming to understand how all the characteristics, paths, experiences and narratives that these migrants carry can influence interactions and local integration processes. Connecting the paths of the theories that we propose to discuss and the paths that will be unveiled by the empirical, we also seek to identify the social stigmas and how they interfere in the social relations established by these migrants. This research has a qualitative character and fits into the Culture and Identities research line. In an analysis dialogue between social discourses and what ethnography points out, this dissertation sets out to investigate, analyze and discuss transnational immigration to the interior of Paraíba, a region previously permeated by intense exodus and emigration. From the analysis carried out in this research, we conclude (1) that the origin of the migrant influences their migratory experiences, (2) that migrants are stigmatized and this interferes in their daily lives in Campina Grande-PB, (3) that indigenous migrants have greater difficulty of interaction and integration, (4) that the narratives, experiences and characteristics that these migrants carry influence their interactions and integration in the city, showing a categorization by several local social groups.

**KEYWORDS:** Transnational migrations; Narratives; Interactions; Experiences; Stigmas.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 01</b> - Travessia de imigrantes venezuelanos na fronteira Venezuela- Brasil em 2019.....	36
<b>FIGURA 02</b> - Divisa: Brasil/Pacaraima – Venezuela/Santa Elena.....	37
<b>FIGURA 03</b> - Migrante venezuelana fazendo coleta na praia de Camboinha Cabedelo-PB.....	47
<b>FIGURA 04</b> - Crianças migrantes venezuelanas fazendo coleta na praia de Camboinha Cabedelo-PB.....	47
<b>FIGURA 05</b> - Migrante venezuelano falando no púlpito sobre seu percurso migratório.....	49
<b>FIGURA 06</b> - Migrante venezuelano entregando currículo a empresário.....	49
<b>FIGURA 07</b> - Grupo de migrantes indígenas no Centro de Campina Grande-PB.....	53
<b>FIGURA 08</b> - Migrante venezuelano limpando a área da rodoviária de Campina Grande-PB.....	67
<b>FIGURA 09</b> - Migrante venezuelano estendendo roupas em cerca da rodoviária de Campina Grande-PB.....	67
<b>FIGURA 10</b> - Família de Migrantes venezuelanos na rodoviária de Campina Grande-PB.....	68
<b>FIGURA 11</b> - : Migrantes venezuelanos na rodoviária de Campina Grande-PB.....	68
<b>FIGURA 12</b> - Migrante venezuelana com seu bebê na rodoviária de Campina Grande-PB.....	69
<b>FIGURA 13</b> - Migrantes venezuelanos na rodoviária de Campina Grande-PB.....	69
<b>FIGURA 14</b> - Doação de refeições do grupo de Ajuda aos migrantes venezuelanos na rodoviária de Campina Grande-PB.....	70
<b>FIGURA 15</b> - Print 01 da Reportagem do Blog de Marcio Rangel.....	72

<b>FIGURA 16-</b> Print 02 da Reportagem do Blog de Marcio Rangel.....	72
<b>FIGURA 17-</b> Print 03 da Reportagem do Blog de Marcio Rangel.....	73
<b>FIGURA 18-</b> Print 04 da Reportagem do Blog de Marcio Rangel.....	73
<b>FIGURA 19-</b> Print 01 dos Comentários da Reportagem do Blog de Marcio Rangel.....	74
<b>FIGURA 20-</b> Print 02 dos Comentários da Reportagem do Blog de Marcio Rangel.....	74
<b>FIGURA 21-</b> Migrante venezuelano vendendo água em Campina Grande-PB.....	77
<b>FIGURA 22-</b> Senhora migrante venezuelana fazendo coleta em Campina Grande-PB.....	78
<b>FIGURA 23-</b> Migrantes venezuelanos no Sindicato dos Urbanitários em Campina Grande-PB.....	80
<b>FIGURA 24-</b> Senhora migrante venezuelana no Sindicato dos Urbanitários em Campina Grande-PB.....	81
<b>FIGURA 25-</b> Senhor migrante venezuelano no Sindicato dos Urbanitários em Campina Grande-PB.....	81
<b>FIGURA 26-</b> Migrantes venezuelanos na área externa do Sindicato dos Urbanitários em Campina Grande-PB.....	81
<b>FIGURA 27-</b> Migrantes venezuelanos com doações no abrigo de Bodocongó em Campina Grande-PB.....	82
<b>FIGURA 28-</b> Migrantes venezuelanos oriundos de Recife na entrada do abrigo de Bodocongó em Campina Grande-PB.....	83
<b>FIGURA 29-</b> Migrantes Venezuelanos realizando teste rápido de COVID-19 no abrigo de Bodocongó em Campina Grande-PB.....	84
<b>FIGURA 30-</b> Migrante Venezuelana tomando vacina da gripe no abrigo de Bodocongó em Campina Grande-PB.....	84
<b>FIGURA 31-</b> Reportagem sobre a realização de testes de covi-19 e aplicação de vacina H1N1 nos migrantes venezuelanos que estavam no abrigo (SCFV) de Bodocongó.....	84

<b>FIGURA 32-</b> Print de comentário feito por leitor à reportagem sobre a realização de testes de covi-19 e aplicação de vacina H1N1 nos migrantes venezuelanos que estavam no abrigo (SCFV) de Bodocongó.....	85
<b>FIGURA 33-</b> Migrantes Venezuelanos no abrigo de Bodocongó em Campina Grande-PB.....	87
<b>FIGURA 34-</b> Migrante <i>Warao</i> dando entrevista à imprensa local.....	87
<b>FIGURA 35-</b> Migrantes venezuelanas e crianças no abrigo do Jeremias em Campina Grande-PB.....	88
<b>FIGURA 36-</b> Migrantes venezuelanas e crianças no abrigo do Jeremias em Campina Grande-PB.....	88
<b>FIGURA 37-</b> Migrantes venezuelanos recebendo doações e brinquedos no abrigo do Jeremias em Campina Grande-PB.....	89
<b>FIGURA 38-</b> Migrante venezuelana sentada na calçada do centro de Campina Grande realizando coleta.....	91
<b>FIGURA 39-</b> Migrante venezuelana sentada na calçada do centro de Campina Grande com seu bebê, após realizar a coleta.....	91
<b>FIGURA 40-</b> Senhora migrante venezuelana com um bebê na calçada do centro de Campina Grande pedindo ajuda.....	92
<b>FIGURA 41-</b> Senhora venezuelana no centro de Campina Grande realizando coleta.....	92
<b>FIGURA 42-</b> Migrantes venezuelanas no abrigo do Jeremias, Campina Grande-PB.....	94
<b>FIGURA 43-</b> Migrantes venezuelanas, criança migrante e bebê nascido em Campina Grande, no abrigo do Jeremias.....	94
<b>FIGURA 44-</b> Migrante venezuelano e a horta que está sendo construída no abrigo do Jeremias, Campina Grande-PB.....	95
<b>FIGURA 45-</b> Artesanato <i>Warao</i> em Campina Grande- PB.....	95

## LISTA DE MAPAS

MAPA 01 - Fronteira Brasil e Venezuela (Pacaraima-Santa Elena)	36
MAPA 02- Localização dos Warao na Venezuela.....	52
MAPA 03 - Mapa da América Latina com o destaque da Venezuela e de Campina Grande.....	61
MAPA 04- Principais cidades com fluxo de migrantes Waraos.....	64
MAPA 05- Principais cidades da Paraíba com fluxo de migrantes Waraos.....	64
MAPA 06- “Abrigos” dos Waraos em Campina Grande-PB.....	65
MAPA 07-Fluxo dos pontos de coletas dos migrantes Waraos em Campina Grande-PB.....	66



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ACNUR** - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados ou Agência da ONU para Refugiados.

**CELAG** - Centro Estratégico Latino-Americano de Geopolítica.

**CONARE** - Comitê nacional para os refugiados.

**OAB**- Ordem dos Advogados do Brasil.

**OBMIGRA** - O Observatório das Migrações Internacionais.

**OIM** - Organização Internacional para as Migrações.

**ONGs** – Organizações não governamentais.

**ONU** - Organização das Nações Unidas.

**OIM** - Organização Internacional para as Migrações.

**PNI** – Plano Nacional de Interiorização.

**SCFV**- Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

**SEMAS**- Secretaria Municipal de Assistência Social.

**SUS** – Sistema Único de Saúde.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1- Mosaico da Migração forçada venezuelana para as terras campinenses.....	19
1.1 Migração forçada a nível mundial.....	23
1.2 Migração forçada no Brasil e o fluxo migratório venezuelano.....	30
1.3 Processos de interiorização dos migrantes Venezuelanos.....	41
1.3.1 Migrantes Venezuelanos em Campina Grande-PB.....	46
1.4 Integração de migrantes e as especificidades da integração venezuelana: notas gerais .....	53
CAPÍTULO 2 – Mapeando e analisando o campo: descrições e observações.....	60
2.1 <i>Lócus</i> e tempo da pesquisa.....	60
2.2 Metodologias de abordagem da pesquisa.....	61
2.3 Descrições e análises do campo da pesquisa e dos percursos migratórios.....	63
CAPÍTULO 3 – Trilhas e análises direcionadas pelas entrevistas e interações com os migrantes .....	97
3.1 Das entrevistas e dos interlocutores.....	97
3.1.1 Métodos das entrevistas.....	97
3.1.2 Descrição dos contatos com os migrantes nas entrevistas.....	99
3.1.3 Dos interlocutores.....	100
3.2 Dos desafios e cuidados éticos na pesquisa .....	100
3.3 Estradas do empírico: análise das entrevistas com os migrantes.....	104
3.3.1 Dos diálogos com os migrantes não-indígenas.....	106
3.3.2 Dos diálogos com os migrantes indígenas- <i>Waraos</i> .....	113
3.4 Das direções apontadas pelo empírico.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS.....	132
APÊNDICE A.....	141

## INTRODUÇÃO

*“Vamos desaramizar, caros amigos. Vai ter muitos vagalhões durante nossa viagem. Mas ao menos temos a certeza de que no alto das ondas não se pode plantar cercas”*  
(VISNIEC, p. 166, 2017).

O imaginário social hegemônico ao se pensar sobre imigração, em regra, remete à invasão, desconfiança, caos, medo, aversão, estigmatização, vantagens e desvantagens, utilitarismos e indiferença. Em contraposição, visto que não há apenas uma posição posta, em minoria, há um discurso humanitário que se volta à empatia, mas querendo-se a princípio propor-se neutro. A visão acerca dos fluxos migratórios de mais volume na contemporaneidade que advém em sua maioria de origem Sul-Americana, Centro- Americana, Oriental e Africana. Apresenta-se pelas mídias televisivas, sociais e pelos discursos sociais mais disseminados enquanto uma massa de gente, um grupo sem rosto, pensado como homogêneo e com narrativas comuns. Essa visão de homogeneidade e narrativas comuns sobre os migrantes, será problematizada ao longo da nossa pesquisa, ao ouvir os migrantes e analisar seus percursos migratórios, narrativas e vivências.

Quanto ao fenômeno migratório Viscniec disserta que “não se trata tanto de um fenômeno migratório de uma amplidão sem precedentes, mas de um tipo de revolução do compartilhamento” (VISCNIEC, p. 20, 2017). A crise migratória como é chamada por muitos, em específico pelos países que estão recebendo um fluxo maior de imigrantes e refugiados, seria para o autor na verdade uma revolução do compartilhamento. A migração em busca de melhores condições de vida, bem como a fundada no instinto de sobrevivência, geraria uma tentativa de mudança no compartilhamento de bens, serviços, capital e territórios.

Há uma contradição gerada pelo que se intitula de crise ou problemática migratória. Será demonstrado ao longo dessa pesquisa pelas discussões teóricas, tensões e embates temáticos levantados, que elementos compõem essa visão dos imigrantes enquanto invasores, ameaças, bem como, a formação de estigmas sociais em torno desses indivíduos e a simplista construção utilitarista acerca desses enquanto mão de obra barata. De modo a demonstrar as estradas e direções sociais em que essa temática de movimento migratório está inserida, destacando as interações e narrativas que formam esse contexto.

Falar em mobilidade humana, significa falar de movimento, dinamismo, diversidade de experiências. Carolina Moulin destaca que o movimento se mostra como a característica

mais marcante dos nossos tempos. Essa afirmação enseja a reflexão sobre o que acontece quando as pessoas se movem, quais seriam as práticas e transformações engendradas nos encontros entre os corpos, as histórias, as memórias, os afetos, os sonhos e as dinâmicas de poder produzidas pelo trânsito internacional de pessoas? E aos que são desautorizados e indesejados, que veem suas travessias e histórias interdidas por ideias de clandestinidade, como essas experiências interferem em seus percursos migratórios e em suas vidas, fluídas, em circulação e em constante e necessária reinvenção? (MOULIN *apud* FACUNDO; HAMID, MUNEM, GOMES, 2019). Essas são reflexões relevantes que se encaixam ao se pensar sobre o fluxo migratório venezuelano no Brasil e as dinâmicas, interações e experiências presentes nesse contexto. A complexidade, a multiplicidade e a interdisciplinaridade que atravessam essa temática não coadunam com discursos reducionistas, que parte da sociedade, mídia e Estado, por vezes situam a migração, enquanto única via, plano ou contexto uniforme.

O quadro representativo de tensões e os embates gerados pelos processos migratórios e pelo modo como são expostos e recepcionados pela sociedade, evidenciam a relevância do seu debate no campo sociológico e antropológico. O migrante estimula debates importantes, sobre o preconceito, o racismo, a segregação, a inclusão, a mobilidade social, a democracia. Na atualidade, as migrações internacionais adquiriram uma grande visibilidade resultante tanto do incremento dos fluxos em nível global, quanto das deficiências relacionadas à gestão de política migratória (TRUZZI; MONSMA, 2018). Assim, a temática dos novos fluxos migratórios no Brasil se apresenta como uma importante reflexão, tanto para o apontamento de novas perspectivas e caminhos, trazendo novos debates, quanto para redirecionar e reanalisar antigos discursos.

Ao se pesquisar no banco de dissertações e teses da Capes sobre estudos com a temática de refúgio e imigração venezuelana, há 16 resultados para o termo venezuelanos, filtrando no ano de 2019 em teses e dissertações, dentre essas, apenas uma pesquisa recente foi encontrada na Paraíba no período pesquisado, uma tese de 2019 intitulada: “Imigrantes e refugiados venezuelanos na Paraíba: aspectos para o desenvolvimento da política migratória em nível local”, da UFPB, do centro de ciências jurídicas, mas que não estava com divulgação autorizada. Em pesquisa específica nos sites das universidades públicas da Paraíba encontrou-se: “Bravo Povo: um livro de perfis de refugiados venezuelanos na Paraíba”, 2018, UFPB, na área de comunicação, mas também não disponível o acesso online. Ampliando a pesquisa,

acha-se em outros estados pesquisas nas áreas de sociologia e antropologia sobre os migrantes venezuelanos no Brasil.

Ao se analisar o livro: “O Estado da Arte sobre Refugiados, Deslocados Internos, Deslocados Ambientais e Apátridas no Brasil: Atualização do Diretório Nacional do ACNUR de teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso de graduação em João Pessoa (Paraíba) e artigos (2007 a 2017)”, verifica-se nesse período apenas uma publicação no campo Tese e dissertação na Paraíba sobre Migração Forçada. Dessa forma, nossa pesquisa com enfoque socioantropológico sobre a migração venezuelana na Paraíba, em Campina Grande, mostra-se significativa para a composição desse quadro de estudos de imigração, por se propor a analisar a imigração transnacional para o interior da Paraíba, região antes permeada por intenso êxodo e emigração. Descortinando e fazendo emergir novas demandas, caminhos, tensões, possibilidades e buscas. Encaixando-se no mosaico de estudos sobre imigrações no Brasil. Desse modo, o problema de pesquisa surge da emergência de análise socioantropológica dessa realidade social posta, do fluxo migratório transnacional de migrantes sulamericanos numa região antes caracterizada pelo êxodo.

Quanto à escolha desta temática, venho estudando imigração no contexto brasileiro desde a graduação em 2014, só que à época com enfoque jurídico, onde fiz uma análise sobre a imigração haitiana no Brasil. Agora no Mestrado em Ciências Sociais me proponho a retomar a discussão sobre a temática migratória com a lente da sociologia e da antropologia, estudando a migração venezuelana em Campina Grande-PB. O primeiro contato que tive com os migrantes venezuelanos foi em janeiro de 2017, quando estive em Boa Vista-RR, época em que estava se iniciando o maior fluxo de imigração venezuelana para o Brasil, sendo o Estado Brasileiro de maior fluxo, em virtude de sua fronteira com a Venezuela. O contato com o quadro social desse contexto migratório, me chamou a atenção para a temática migratória novamente. A temática migratória tem me movido enquanto pesquisadora, o seu pulsar de movimento e multiplicidades temáticas e subjetivas me cativa desde o primeiro contato que tive com a mesma.

A pesquisa aqui proposta solicita reflexões: O que dá origem a esse fluxo migratório para o interior da Paraíba? Para além das políticas e discursos propostos, o que ocorre na prática, no cotidiano? O que escapa dos dados estatísticos? Que tipo de interação social ocorre? Que dinâmicas surgem? Que horizontes enxergam e vivem os migrantes nessas terras? Que vias são apontadas pelos encontros e vivências, e quais suas implicações? O que

de início já se tem explícito é que não há imobilidade nessa temática, ela é permeada por movimento e várias vias.

No que concerne às formas de construção dos caminhos de reflexões sobre as teorias e o empírico, a coleta dos dados se deu por diálogos das entrevistas com os migrantes venezuelanos e dados do diário de campo (em ambos, mantivemos o anonimato dos migrantes), além da inserção e investigação de dados por meios digitais (jornais e mídias sociais), pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. Ressaltamos as dificuldades enfrentadas nessa pesquisa em virtude da pandemia COVID-19, que fez com que as visitas ao campo de pesquisa fossem diminuídas, dificultando o acesso e a interação mais constante com os migrantes.

A abordagem dessa pesquisa funda-se na perspectiva epistemológica de análise crítica da realidade, bem como, dos discursos em torno da mesma. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, seguindo o caminho da pesquisa social de caráter interpretativo ou compreensivo, em um diálogo de análise entre os discursos sociais e o que aponta a etnografia através das observações de campo e das narrativas dos migrantes. De modo a tentar abarcar as diferentes narrativas, interações sociais e experiências desse fluxo migratório e suas multiplicidades, analisando as direções e apontamentos que podem emergir. A base teórica da nossa pesquisa se fundará especialmente nas teorias de Sayad (1998), Agier (2015), Jardim (2013;2017), Simmel (2004;2006), Schutz (1979), Goffman (1988;2004;2011).

Navegando pelo empírico, pelas teorias e pelas narrativas, buscaremos aprofundar o mergulho nessa temática oceânica, densa e complexa, que é a temática migratória e seus desdobramentos. Na busca, conforme nos propõe o antropólogo Michel Agier, tentando redescobrir a unidade da condição humana diante da retirada de uns e da quarentena de outros, uma urgência antropológica que todos devemos compartilhar (AGIER, 2008). Visando entender as complexidades das experiências e percursos migratórios, bem como as implicações a emergir desses contextos, temos como objetivo analisar as narrativas, as interações e os percursos migratórios dos migrantes venezuelanos que estão nas terras campinenses, buscando entender se as características, experiências, percursos e narrativas que carregam esses migrantes podem influenciar nas interações e nos seus processos de integração em Campina Grande. Bem como, identificar os estigmas sociais e como esses interferem nas relações sociais estabelecidas por eles na cidade de Campina Grande-PB.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro, destacamos o mosaico que compõe a migração forçada para as terras campinenses, evidenciando o contexto social e histórico a nível mundial, nacional e local em que está inserida nossa temática, delineando o foco e os objetivos da pesquisa. Bem como, destacando as características do fluxo migratório venezuelano e os fatores que fomentaram a migração da Venezuela até Campina Grande na Paraíba. Refletimos ainda, sobre a integração de migrantes e as especificidades da integração venezuelana. No segundo capítulo, realizamos o mapeamento físico e simbólico do campo de pesquisa com descrições, análises, observações e fotografias, definindo o *locus* e tempo da pesquisa, bem como, as metodologias de abordagem. No terceiro capítulo, analisamos as trilhas direcionadas pelo empírico, pelas observações e interações, destacando o relatado e expressado pelos migrantes nas entrevistas, assim como, o que foi observado por mim nas interações. E por fim, as considerações finais, com as notas conclusivas geradas pelas direções apontadas ao longo da pesquisa pelas teorias, narrativas, percursos e pelo apontado pelo empírico do campo de pesquisa.

## **CAPÍTULO 1–Mosaico da migração forçada venezuelana para as terras campinenses.**

A vivência migratória é repleta de subjetividades, atravessamentos, multidireções, e experiências múltiplas, não há fixez ou um único plano, a realidade não tá posta, ela mostra-se relacional, situacional em trilhas diversas, em construção. Partindo dessas características para compreender e refletir sobre esse contexto social dinâmico das migrações, vamos fazer uso principalmente de teorias sobre interação e sobre o estrangeiro de Simmel (2004; 2006), da categoria de Estigma de Goffman (1988), das análises antropológicas de Michel Agier (2015) acerca de imigração e das reflexões de Abdelmalek Sayad (1998) sobre imigração e os paradoxos da alteridade para nos auxiliar na análise das interações sociais e da realidade social dos migrantes venezuelanos em Campina Grande, Paraíba. Além disso, partimos do entendimento da construção de conhecimento enquanto processo multifocal e dinâmico, buscando atingir vários pontos, conforme propõem as reflexões de Deleuze (1997). Buscando abordagens analíticas que possibilitem apreender o contexto e a teoria desses processos migratórios.

Os indivíduos interpretam as ações uns dos outros, de acordo com o entendimento sociológico do interacionismo simbólico. Há uma significação das ações, não apenas uma reação a elas. Nesse sentido, as organizações sociais apresentam-se como molduras para as ações sociais, mas não lhe determinam, lhe afetam, mas não lhe encerram. Visto que, nessa visão relacional e situacional, as referidas organizações sociais também são produtos das unidades atuantes, indivíduos, e por elas afetadas. Nessa concepção do interacionismo simbólico, a interação humana é permeada pelo uso de símbolos, ofertados dentro da organização social para interpretação ou atribuição de significado, dando condições que influenciam, mas não determinam. Assim, a ação seria uma construção, um processo dinâmico das unidades atuantes. Há significados trazidos pelo indivíduo à interação social. As respostas às ações são baseadas na significação de cada ação para o indivíduo.

Nessa interpretação a sociedade humana é vista como consistindo de pessoas/unidades atuantes (BLUMER, 2018) que não são apenas afetadas pelas organizações sociais. A afetação é mútua, dialética, modificando as proporções de acordo com as relações e situações e suas dinâmicas sociais e de poder. Na sociedade contemporânea e seus fluxos e linhas de ação, fica ainda mais evidente essa ação dos indivíduos enquanto construção interpretativa e dinâmica, situacional e relacional.

Uma outra abordagem a ser utilizada ao longo da pesquisa, consiste na análise embasada em questões micropolíticas, que são permeadas por processos subjetivos. A temática da Migração é repleta de subjetividades que dão forma e nuances a realidade embebida pelo político, social e cultural “em movimento contínuo de criação coletiva”, e que possui articulação com a macropolítica, “nos embates que permeiam a produção da realidade”. Tais fatores nos encaminham para um modelo de subjetividade flexível, processual, experimental (ROLNIK, p.11, 2011).

Destacamos que compartilhamos da ideia de construção do conhecimento, através do percurso, da travessia, do engendrar-se, não apenas da representação ou enquadramento. Se há enquadramento, principalmente numa realidade de movimento como é a migratória, ele é também dinâmico, relacional e situacional. Essa visão processual, de construção, consiste em tentativa de produção de um movimento que afete vários pontos e não apenas um local (DELEUZE, 1997). Há uma polifonia na temática migratória, diante dos diversos aspectos e elementos que compõem a realidade do deslocamento migratório, tanto pessoais quanto sociais, suas vivências, interações e subjetividades. Sendo adequada a aplicação da ideia de



multiplicidades a esse contexto. Seriam “multiplicidades de massas... não de classes; multiplicidades anômalas e nômades e não mais normais e legais; multiplicidades de devir, ou de transformações, e já não de elementos numeráveis e relações ordenadas; conjuntos vagos, e não mais exatos” (DELEUZE, p. 194, 1997). Há várias multiplicidades na formação do contexto migratório sobre nosso plano de consistência, um devir migratório que se mostra desde o início multifocal, pela diversidade de elementos que o compõem.

Necessário destacar que a palavra existência, como destaca o autor Mafesolli, evoca o movimento, a partida. Existir seria sair de si, abrir-se ao outro. Ainda que estruturalmente se tente fixar, dominar, prever, enquadrar, representar. A vida é fluxo. A existência em sua essência é dinâmica, e, portanto, cheia de imprevisibilidades. A regulamentação da “circulação”, a boa gestão das disfunções que ela induz permanece a preocupação essencial do poder. Partindo ainda da ideia de que o que se move escapa, tem-se como um dos ideais de controle e poder a imobilidade e/ou controle das circulações (MAFESOLLI, 2001). O Fixar se apresenta como uma forma de exercício de poder, de controle, uma possibilidade de dominar, por isso, aqueles que se movem, sejam os nômades voluntários ou aqueles forçados, refugiados e imigrantes, se apresentam como em uma ameaça ao controle Estatal.

De formação dinâmica, há um mosaico de composição antropológica na temática migratória. Nos propõe Agier (2015) que é importante entender esses migrantes em sua complexidade, completude, entendendo a estrangeiridade como uma maneira de ser, na qual, as dimensões do trabalho, da residência, do itinerário pessoal e familiar, são essenciais, assim como os contextos nos quais cada pessoa vive sua estrangeiridade e transformação cultural pelas vivências.

Demonstrando que há fatores comuns, algo sempre reconhecível no humano, afirma Agier que, durante a pesquisa antropológica, o fascínio pela diferença sucede o prazer da descoberta de semelhanças (AGIER, 2015). Assim, na nossa pesquisa tentaremos evidenciar a complexidade e dinâmica desse contexto migratório com o foco não exclusivo na alteridade e sim nos diversos fatores que se somam e compõe essa realidade social, criando esse Mosaico Complexo.

A pesquisa qualitativa presente nessa dissertação requer um saber produzido conforme nos aponta Agier “da observação à interpretação”, fazendo diálogo com os elementos que formam o contexto da realidade estudada, propondo ainda a reflexão a cada indivíduo, a cada povo acerca de “um retorno sobre si por meio do espelho que o outro representa” (AGIER,

p.11, 2015). Na pesquisa qualitativa o objetivo da amostra pesquisada seria analisar ou gerar informações aprofundadas, importando que esta seja capaz de produzir novos dados, aspectos da realidade, focando na apreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Trabalhando com significados, símbolos, motivos, valores e atitudes. (MINAYO *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Assim, nossa pesquisa parte do pressuposto de que o contexto social, a sociedade e o indivíduo se relacionam de forma dinâmica, dialética, situacional. Buscaremos observar e compreender o contexto social com base nas relações intersubjetivas presentes no cotidiano desses sujeitos migrantes.

O cosmopolitismo, a experiência das pessoas em deslocamento de transpor fronteiras transnacionais, não se limita mais apenas ao monopólio da elite globalizada que efetua os referidos deslocamentos sem muitas dificuldades. O movimento que transpõe as fronteiras nacionais se mostra como “uma experiência da rugosidade do mundo para todos aqueles e aquelas que por gosto, por necessidade ou por pressão, por desejo ou por hábito, serão levados a viver em vários lugares” (AGIER, 12, 2015).

Marielle Macé (2018) propõe quanto à temática dos migrantes, passar da sideração que causa apenas estarecimento sem ação, à consideração, que se dispõe a mais ação, olhar com minúcia, atenção e reflexão sobre, permitindo reflexões com a potência própria à vulnerabilidade dessas vidas, tão absolutamente vivas quanto as nossas, bem como únicas. Como propõe a autora buscaremos ouvir essas narrativas dos migrantes acerca dos seus processos migratórios e suas interações, de modo a obtermos conteúdo para análise social mais consistentes no plano qualitativo de apreciação: “E você, como é que você vive, como é que faz, como se vira para viver aí, viver essa violência e sua aflição, a esperança, seus gestos: como é que você se debate com a vida?” (MACÉ, p. 29, 2018)

As narrativas dos migrantes se mostram ainda como tramas geracionais, afetivas, nostálgicas, temerosas e esperançosas que nos lembram o que não deveríamos ser capazes de esquecer, sobre a vida e suas incertezas e movimento. Lidando com que transborda das rotinas, regulações e classificações, por dizer respeito ao mundo vivo das pessoas e seus afetos e desafetos (FACUNDO, 2017).

Analisar a representação e narrativas dos migrantes sobre a cidade e suas interações e percursos experienciados leva a reflexão acerca das possibilidades de diferentes lugares e vivências. Nesses lugares onde a vida cotidiana flui, nele construímos a nossa existência,

envolvida pelos nossos valores, representações pessoais, afetos e coisas (SANTOS; FLORANI, 2018).

Portes e Walton dissertam que: “mais do que um simples movimento de um lugar para o outro, a migração internacional é um processo de construção de rede, de laços em rede, de relações entre grupos e agentes sociais distribuídos por diferentes lugares” (WALTON; PORTES *apud* DURAND; LUSSI, p. 51, 2015).

As experiências e estratégias transnacionais, antes de tudo, nascem do cotidiano e das relações sociais contextuais dos migrantes. Das interações e vivências que irão transformar a vida desses indivíduos e daqueles que participam dessas trajetórias mesmo sem deslocar-se e migrar (DURAND; LUSSI, 2015).

Assim, tendo como base que estamos a analisar uma realidade dinâmica e composta de multiplicidades. Inicialmente apresentaremos disposições gerais sobre o contexto migratório percorrendo até chegarmos ao ponto de foco de nossa pesquisa, para termos a compreensão dos planos em que essa realidade social está inserida, dos dados e dos atravessamentos que a compõe. Problematizando e tensionando algumas suposições pré concebidas e caminhos tidos como claros e fixos, para que possamos analisar as narrativas, percursos e interações dos migrantes venezuelanos em Campina Grande e o que essa análise nos apontará.

## **1.1 Migração forçada a nível mundial**

O contexto global atual expressa um grande fluxo migratório internacional, onde quase 25 pessoas são deslocadas à força, a cada minuto, em decorrência de conflitos ou perseguições (ACNUR, 2020), ou até mesmo por catástrofes ambientais, ou por crises políticas, econômicas e humanitárias, como no caso dos migrantes venezuelanos que chegaram ao Brasil, com fluxo migratório iniciado em 2014, intensificando -se a partir de 2017.

A temática migratória, dentro do qual reside o fenômeno do deslocamento humano forçado, consiste em um tema antigo, que se repete no transcurso dos tempos ao longo da trajetória humana. Modificam-se os fluxos, as motivações, no entanto, sempre produzindo, complexidades, urgências e dramas. A migração internacional trata de questões profundas acerca dos direitos humanos, das representações e relações sociais, das culturas e da formação de identidades. Nenhuma população está imune de vir a sofrer adventos que ensejem sua

migração forçada, fato que demonstra a vulnerabilidade de todos os países acerca da migração e suas problemáticas.

Os migrantes da bestialidade das guerras, das perseguições, do massacre do capitalismo “tem batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos. Para quem está por trás dessas portas, eles sempre foram, como o são agora, estranhos”, o estranhamento desse outro que se aproxima e que é anunciado enquanto problema, perigo, invasor, clandestino, gera ansiedade na sociedade local, por esse estranho, ser imprevisível, “ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar” (BAUMAN, p.13-14, 2017).

A abordagem do movimento migratório enquanto “crise migratória” ou “problemática”, gera na população mundial, uma fadiga com relação a essa temática, fomentando o olhar acerca desses migrantes sob o aspecto de problemas iminentes. Esse enquadramento de acordo com Bauman (2017) leva a criação de uma atmosfera de estado de emergência, de um inimigo à porta, de perigo iminente, os migrantes são retratados quase sempre como uma massa, um volume de pessoas que adentra o país. Assim, o fluxo de migrantes tem sido percebido pela sociedade como personificação do colapso da ordem, como precursores de más notícias, pois, esses migrantes nos lembram a vulnerabilidade de nossa própria posição (BAUMAN, 2017).

Di Cesare destaca que “falar de crise não é algo casual: subentende a ideia de um ‘cheio demais’ e implica a exigência de encontrar ‘soluções realistas’” (DI CESARE, p. 166, 2020). Principalmente, a saber que “as fronteiras não são apenas políticas, podem ter outras funções e outros objetivos. Reais ou simbólicas, pertencem ao diversificado alfabeto espacial da delimitação e da exclusão” (DI CESARE, p. 289, 2020). A autora disserta ainda que “as fronteiras não são iguais para todos” (DI CESARE, p. 291, 2020), sendo um lugar de contato e de conflito, entre o eu e o outro. De modo que o mundo se fragmenta e as fronteiras e muros podem ficar mais porosos ou mais densos a depender do índice de poder, riqueza e ou prestígio, do indivíduo ou grupo que tenta passar essa fronteira.

Em perspectiva global, com relação aos dados estatísticos de acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - ACNUR, criado em 1950, temos 79,5 milhões de pessoas deslocadas à força no mundo, aí incluídos: deslocados internos, refugiados e solicitantes de refúgio. Entre os deslocados, 25,9 milhões são refugiados e metade são menores de 18 anos. Vivemos, portanto, de forma notória um dos maiores fluxos migratórios

já existentes e registrados, os motivos são diversos: guerras, perseguições políticas, catástrofes ambientais, violação de direitos humanos, problemas econômicos (ACNUR, 2020).

Os fluxos migratórios são complexos, bem como os efeitos gerados pelos mesmos. Temos um aumento em políticas migratórias restritivas observáveis a nível global e local, como: restrições de visto e de concessão de residência, fechamentos de fronteiras, burocratização na concessão de refúgio e visto humanitário, deportações, prisões de migrantes indocumentados, invasão de abrigos, atos de xenofobia. Paralelo a esse quadro social fica evidente a importância da sociedade civil no apoio a essas populações em deslocamentos, muitas vezes assumindo o papel que o Estado por omissão não cumpre.

A migração forçada assim como os demais tipos de migração sofre efeitos das implementações geradas pelo governo de população e de território dos Países. Sayad disserta sobre a exclusão do imigrante em virtude da provisoriidade que lhe é atribuída, bem como sobre a forma arbitrária do Estado nacional nessa relação, que cria uma constante tensão entre o indivíduo migrante ou refugiado e a ordem estatal (SAYAD, 1998). Conflito esse que contraditoriamente fica evidenciado na própria Declaração Universal de Direitos Humanos: “Todo o ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado” (artigo 13), demonstrando uma negação/limitação à mobilidade humana. Desse modo o imigrar passa a ser uma ação submetida ao controle discricionário do Estado, o que evidencia também as contradições da própria ordem estatal. A assimetria presente nessa relação fica evidenciada no fato do direito de imigrar, o ingresso no território e a permanência formal, ser mera expectativa, a ser avaliada e controlada pelo Estado, o que coloca o imigrante numa relação de sujeição.

Observa-se mediante a relação que é posta entre o sujeito migrante e o Estado, que o indivíduo migrante ou refugiado é fixado num lugar de provisoriidade. E “essa provisoriidade é influenciada por estruturas coloniais de poder e saber, sendo também constituída por marcadores de classe, origem e raça” (QUIJANO *apud* REDIN, 2020).

Sobre o governo das populações Foucault afirma que “a população é um elemento fundamental na dinâmica do poder dos Estados, porque garante, no interior do próprio Estado, toda uma concorrência entre a mão-de-obra possível, o que, obviamente assegura salários baixos”. Dessa forma os mecanismos de gestão e controle da população seriam “um aparato que vai fazer dessa população, considerada, portanto, princípio, de certo modo, do poder e da

riqueza do Estado, que vai garantir que essa população trabalhará como convier, onde convier e em que convier” (FOUCAULT, p. 90, 2008). Nesse sentido, pode-se concluir que tanto os mecanismos de gestão e controle populacionais, nos quais se encaixa o controle de fronteiras e recebimento de imigrantes, quanto as políticas e ações de integração de imigrantes são permeadas pelos interesses Estatais e relações de poder em primeiro plano.

Para Sayad (1998), a imigração e seus efeitos podem se prolongar por toda a vida, devido a essa característica de provisoriedade que é atribuída ao imigrante. Desse modo viver-se-ia sendo privado dos direitos que são atribuídos aos nacionais, bem como é atribuído ao imigrante uma objetificação em meio a uma estrutura arquitetada pela exclusão. Tendo, portanto, os migrantes e refugiados que justificar constantemente sua permanência no território, já que são indesejáveis. Os mecanismos de controle formados por restrições e barreiras burocráticas e sociais tendem a gerar sofrimento, objetificação e sujeição, visto que, põe o imigrante em uma categoria permeada pela precariedade. Nesse sentido sua situação de “estar”, seria um “nunca estar” ou estar em “um não lugar”, “não pertencer”. O imigrante precisa sempre justificar a própria presença, que é uma presença de “corpo trabalho”, uma visão utilitarista acerca do indivíduo (SAYAD, 1998), e isso se reflete também na questão documental, destacamos que essa estrutura de sujeição é um dos principais elementos constitutivos da vulnerabilidade do imigrante.

A imigração constitui uma provação para a ordem nacional, um desafio para o conservadorismo social e político, que as classes dominantes desejam manter, uma ameaça para aqueles que tem interesse na manutenção do *status quo* (SAYAD, 1998). Quando fluxos migratórios que não foram “convidados” pelo Estado Nacional bate à sua porta, quando tentam atravessar seus muros migrantes não ideais, nesses casos, a imigração mostra-se não apenas como um desafio, mas como um contexto que levará culpa por má gestões e problemas em serviços públicos já existentes no País.

Do estado espera-se que se forneça as matrizes, determinando as obrigações e as prerrogativas da cidadania. Ele que estabelece as estruturas legais e institucionais que delimitam um certo território. Assim, pode se esperar que dele se estabeleça modos de pertencimento jurídico, no entanto, tendo ele o poder de suspender e eliminar os modos de proteção legal, também podendo significar uma fonte de não pertencimento (BUTLER; SPIVAK, 2018).

As dinâmicas sociais evidenciam que “no núcleo central desse ‘estado’, que implica as dimensões tanto jurídicas quanto dispositivas da vida, há certa tensão entre modos de ser ou estados mentais, constelações mentais temporárias ou provisórias... que definem como e onde podemos nos movimentar, nos associar, trabalhar e falar” (BUTLER; SPIVAK, p. 17, 2018).

Matéi Visniec nos lembra o que representa o fluxo migratório contemporâneo: “essas centenas de milhões de pessoas lembram ao Ocidente que seu modelo econômico, político e cultural se globaliza mal. É um modelo que funciona somente num perímetro restrito de terra habitável, enquanto o resto do planeta assiste ao ‘banquete dos privilegiados’ na televisão” (VISCNIEC, p. 7, 2017). No trecho o autor se refere à migração mais precisamente oriente-ocidente, no entanto, podemos aplicar a reflexão também a migração sul-sul e seus efeitos e motivos que também nos lembram que globalizamos mal, tornando notórias as falhas do nosso sistema político e econômico e suas desigualdades socioeconômicas.

O mesmo autor destaca em seu texto que “o lado sombrio da globalização veio à luz do dia, no fluxo incessante de corpos que, desterritorializados, vagam de fronteira em fronteira em busca de condições mínimas de sobrevivência” (VISCNIEC, p. 7-8, 2017). Nessa direção destaca: “Comédia demasiadamente humana, a globalização excluiu o Paraíso, a não ser para os *happy few* (sempre em menor número), tornando o purgatório a única parada dessa longa jornada noite adentro” (IDEM, p. 9), sendo nesse purgatório onde ficam os migrantes e refugiados em situação de eterna provisoriedade.

As migrações forçadas tem se intensificado mundialmente devido às “formações predatórias” que são sistêmicas e cíclicas, fomentadas pelo poder e lucro acima de tudo e todos, em especial por aqueles atores sociais para os quais a economia mundial deve estar funcionando em condições “normais”, e cuja a prioridade é sempre o seu bom funcionamento (SASSEN, 2016). As misérias geradas pelo nosso sistema econômico capitalista, as tiranias políticas e a ascensão de discursos securitários e xenófobos tem intensificado o fluxo migratório e dificultado as trajetórias de sobrevivência e estabilização dos migrantes, em especial aqueles mais vulneráveis.

Bauman nos alerta que os processos migratórios são moedas políticas, em regra, a maioria dos governos não se interessam em solucionar as causas que fomentam a imigração, nem tampouco em aliviar a ansiedade de seus cidadãos causadas pelos discursos de medo. Para que “as raízes dessa insegurança possam ser ancoradas em lugares que forneça amplas oportunidades fotográficas para que os ministros tensionem seus músculos, ao mesmo tempo

que ocultam os governantes prostados diante de uma tarefa que são fracos demais para levar a cabo” (BAUMAN, p. 33-34, 2017). Os discursos securitários contra os migrantes, em especial os mais pobres e vulneráveis, se mostram como um “truque de mágica”, desviando a atenção e ansiedade de problemas que os governos se mostram incapazes de enfrentar, para outros, como os migrantes, que os governantes aparecem lidando ante os holofotes com energia de exterminação de “problemas” (BAUMAN, 2017).

Aguiar destaca que “o problema não é só que os refugiados e imigrantes são numerosos, mas que são muitos do ‘mesmo’ e que a natureza desse ‘mesmo’, singular e centrífugo a um conjunto de discriminações raciais, étnicas e religiosas, ameaça em alguma medida amplos contingentes das sociedades hospedeiras” (AGUIAR, p.30, 2019). Nesse sentido, reflete ainda que se formam construções discursivas que enfocam nos riscos, do grande volume de indivíduos adentrando o território brasileiro.

Assim, com os poderes e governantes “lavando suas mãos diante da tarefa de tornar as vidas suportáveis, as incertezas da existência humana, a responsabilidade por enfrenta-las é jogada sobre os ombros exaustos dos indivíduos, enquanto as opressões e calamidades existenciais são desprezadas como tarefas do tipo ‘faça você mesmo’, tola e executada pelos sofredores” (BAUMAN, p.60, 2017). Atribuindo aos indivíduos a tarefa de autossalvação por problemas gerados coletivamente. Além de dispor os mesmos, como se estivessem em disputa perene uns com os outros, e cuja a chegada de migrantes vulneráveis em seus territórios nacionais, seria semelhante a chegada de mais problemas.

Importante se faz destacar em meio as nossas reflexões que vivemos em um mundo em que existe uma hierarquia da mobilidade, onde se facilita o deslocamento de uma minoria da população mundial, ao passo que se dificulta o deslocamento de outra parte da população mundial. Um outro ponto chave que deve ensejar reflexões na temática migratória, consiste em questionar, acerca das contradições existentes entre discursos e práticas das políticas migratórias (VILLAMAR; ALMEIDA, 2017). Sendo a referida questão relevante no contexto de migração venezuelana no Brasil, o que pode ser observado na prática dos percursos migratórios e interações desses migrantes no nosso País? Vejamos o que nos mostrará o empírico.

Ao nos deslocarmos estamos todos a atravessar fronteiras físicas e simbólicas, limiares. Sendo as fronteiras o que ritualiza nossa relação com o outro (AGIER, 2015). Através das fronteiras e do atravessamento delas o olhar sobre o mundo também muda. A



globalização não suprimiu as fronteiras, ela as transformou, as alargou, as deslocou, de acordo com os interesses das relações, os contextos sociais postos, jogos de poder, interesses econômicos e políticos.

O atravessar de fronteiras designa um limiar, um ponto de passagem, assim “o entre dois, a liminaridade define a fronteira sob seu aspecto ritual, ela marca a passagem de um limiar e a entrada em uma “lei” diferente para cada ator que aí se encontra e que assume novas identidades”, quanto a ritualística dessa passagem, dá-se no atravessamento desse limite fronteiriço estabelecido “no instante em que se chega ao lugar próprio da fronteira, ‘tornamos’ estrangeiro e ainda, momentaneamente, mas às vezes por mais tempo, sem estatuto” (AGIER, p. 72-73, 2015).

Importante destacar que as políticas migratórias restritivas da União Europeia e dos Estados Unidos, principalmente a partir do ano 2000, influenciaram na imigração da América Latina, Caribe, África e Ásia. “A geografia migratória de diversos grupos, portanto, fora redirecionada para a América Latina. Como já mencionado, uma região entendida como um possível corredor para se alcançar o Atlântico Norte” (DIAS; SIERRA, p. 15, 2021), no entanto, a política de securitização também se intensificou recentemente na América Latina.

O giro conservador e neoliberal na última década também se intensificou na América Latina, Dias e Sierra (2021) destacam que assistimos a “um forte discurso nacionalista conservador, que, por meio de práticas radicais, exaltam o ciclo das ditaduras militares, a restrição das liberdades de expressão e organização e combatem o reconhecimento político de minorias sociais, bem como a presença de migrantes em suas mais distintas classificações jurídicas” (DIAS; SIERRA, p.12, 2021).

Os fluxos migratórios entre países categorizados como “em desenvolvimento”, onde se destaca os fluxos Sul-Sul, de acordo com estudos da *Global Knowledge Partnership on Migration* abarcam cerca 86% dos refugiados em nível global, bem como elevadas porcentagens de população em trânsito até países do Norte (RATHA; PLAZA; DERVISEVIC, 2016). Ante o exposto fica evidente o quanto as desigualdades socioeconômicas globais, interferem e influenciam na autonomia socioespacial dos indivíduos em fluxo migratório, assim como nas suas integrações e escolhas (VILLAMAR; ALMEIDA, 2017). A migração venezuelana para o Brasil é um exemplo dessa dinâmica migratória. Vejamos no próximo tópico o contexto da migração internacional forçada no Brasil e a demanda do fluxo de migrantes da Venezuela.

## **1.2 Migração forçada no Brasil e fluxo migratório venezuelano.**

O Brasil foi historicamente formado também por imigrantes, invasores/conquistadores portugueses, africanos escravizados e forçados a virem para o Brasil e contingentes europeus que atracaram no país no período das “grandes migrações” (1880-1930). Além desse período, o Brasil também recebeu fluxo de imigrantes da Ásia e Oriente médio, refugiados da Segunda Guerra Mundial, militantes políticos fugidos de ditaduras Europeias e da América Latina. Com a intensificação da circulação de pessoas, produtos, signos e capitais, a diferenciação entre migrantes desejáveis e indesejáveis, regulares e irregulares, que tendem a criminalizar especialmente os indocumentados ou “sem-papéis” também foi intensificada (FELDMAN-BIANCO, 2018).

Quanto ao histórico de política migratória no Brasil, o mesmo passou a maior parte do século XX versando sobre formas de controle da imigração, por meio da seleção de imigrantes motivado por diferentes razões, branqueamento do país, povoamento, proteção contra elementos subversivos, proteção contra inimigos (REDIN, 2020).

Nas últimas décadas, precisamente de 2010 a 2016, o Brasil adotou uma política proativa de divulgação do país no exterior que, atrelada a um período de forte desenvolvimento econômico, acesso a emprego, educação e diminuição das desigualdades socioeconômicas, ensejaram uma percepção internacional positiva acerca do País com a atração de estrangeiros e migrantes ao país. Divulgando uma política externa voltada para a cooperação internacional principalmente do tipo Sul-Sul (BRIGNOL, 2014). Hoje, não há essa pretensão e divulgação política do país de cooperação internacional, em especial com os países latinos, migração sul-sul, desse modo, o que explica o fluxo migratório venezuelano é a proximidade geográfica entre os países. Quanto aos discursos políticos no Brasil temos quanto à imigração venezuelana: “o socialismo exclui, o Brasil acolhe”, promovido pela Casa Civil, em 2020, ao divulgar a operação acolhida do exercício brasileiros junto à chegada de imigrantes venezuelanos. A realidade de contradições políticas e sociais brasileira por si se tensiona, contrapondo-se realidade fática ao discurso político.

Os dados que aqui serão postos, são elementos que nos ajudarão a analisar esse contexto migratório e suas dinâmicas, nos ajudando, unidos a outros elementos, a pensar a composição e os atravessamentos que formam a imigração internacional no Brasil

Contemporâneo, dentro do nosso recorte de pesquisa. Definitivamente consiste em uma temática que extrapola planos outros aos números e dados legais e institucionais.

No Brasil, de acordo com os dados do Comitê nacional para os refugiados - CONARE, apenas em 2018, houve um total de 1.086 refugiados. Assim, o país atinge a marca de 11.231 pessoas reconhecidas como refugiadas pelo Estado brasileiro. Desse número, os sírios representam 36% da população refugiada com registro ativo reconhecido pelo Estado brasileiro. Em 2018 se deu o maior número de solicitações de reconhecimento de condição de refugiado. No total, foram mais de 80 mil solicitações, dessas, 68,7% das solicitações foram de venezuelanos. Os estados que tiveram mais solicitações em 2018 foram Roraima (50.770), Amazonas (10.500) e São Paulo (9.977). Para se ter uma ideia do crescimento de solicitações, Roraima recebeu quase 16 mil solicitações em 2017 – aumento de mais de 300% se comparado com o ano de 2018 (ACNUR, 2020).

Assim, o ano de 2018 foi o que se deu o maior número de solicitações de reconhecimento de condição de refugiado. Isso porque o fluxo venezuelano de deslocamento aumentou exponencialmente. Das 80 mil solicitações, 61.681 foram de venezuelanos (ACNUR, 2020).

O fenômeno social da migração e seus efeitos põem os cientistas sociais e os gestores políticos frente a desafios fundamentais, com uma ampla diversidade de elementos teóricos e empíricos. Assim, destaca-se a necessidade de uma discussão ampliada e democrática na sociedade acerca da migração e seus efeitos (ALMEIDA; ROSEFIELD, 2018).

A “problemática” dos refugiados e migrantes consiste em uma das questões mais complexas e urgentes, que a comunidade internacional e o Brasil se defrontam na atualidade, explicitando que as adversidades enfrentadas por um país e por sua população, podem ter consequências imediatas em outros países. Restando evidenciado a interdependência dos países, bem como entre os indivíduos. Nesse sentido, o mundo mostra-se como um campo de relações estruturadas entre o eu e o outro, estamos, portanto, interligados, e é neste campo que a nossa história se constrói (SANTOS; FLORANI, 2018). Assim, o acolher, não se trata de se fazer ato de caridade, mas de justiça, trata-se, portanto, de um possível reparo aos danos sofridos por aqueles que a história expulsa (MACÉ, 2018).

O contexto migratório internacional no Brasil ganha destaque devido a sua dimensão territorial e larga extensão fronteiriça. Importante ainda entender que a fronteira internacional,

não se caracteriza apenas pelo limite geográfico, mas pelas diferenças, políticas, econômicas, sociais e culturais, presentes dentro do mesmo país (SANTOS; FLORANI, 2018).

Para entender o fluxo migratório no Brasil contemporâneo, é relevante destacar alguns dados divulgados pelo portal de imigração brasileiro. O referido portal assevera que de 2011 a 2018 foram registrados no Brasil 774,2 mil imigrantes, considerando todos os amparos legais. Os fluxos migratórios são mistos, ou seja, são compostos por imigrantes econômicos, ambientais e refugiados, mais de uma categoria de migrante. Os imigrantes registrados em sua maioria são do sexo masculino, jovens e com nível de escolaridade médio e superior. No ano de 2018, foi predominante os fluxos oriundos do Sul Global, com destaque para haitianos e venezuelanos que tiveram o maior número de carteiras de trabalho emitidas. No referido ano, o número de carteiras de trabalho emitidas para solicitantes de refúgio e refugiados apresentou o maior fluxo da série histórica (2011-2018), um total de 36.384 mil (OBMIGRA, 2019).

No que concerne ao número de solicitações de refúgio, o estado de Roraima é o principal destino dos solicitantes de refúgio no país, com 81,0% das solicitações registradas em 2019. Em seguida está o estado de São Paulo, com 9,4%. Posteriormente, Mato Grosso do Sul, com 4,7% das solicitações neste período (OBMIGRA, 2019).

Quanto ao número de registro de migrantes no Brasil por ano e sexo, temos segundo os dados do Observatório de Migrações Internacionais, em 2018 e 2019, a Venezuela como o primeiro país. Em 2018, o total de 32.103 venezuelanos, desses 537.973 homens, e 373.881 mulheres. Em 2019, o um total de 89.788 venezuelanos, desses 45.676 homens, e 44. 112 mulheres (OBMIGRA, 2019).

Quanto às estatísticas divulgadas em 2020 do Observatório das migrações internacionais, temos quanto as principais características dos imigrantes do Brasil, que esses, sejam imigrantes, solicitantes de refúgio e refugiados no Brasil são em sua maioria caracterizados por serem do sexo masculino, com nível de escolaridade médio e superior. Vale ressaltar que essas estatísticas se baseiam nos migrantes que passam por instituições e dessa forma são contabilizados e categorizados, os demais, que estão irregulares ou em “clandestinidade”, não estão inseridos nesses números, e são eles os mais vulneráveis socialmente. No ano de 2019, de acordo com o Obmigra predominou o fluxo migratório de pessoas provenientes da América Latina, com um perfil heterogêneo (OBMIGRA, 2020).

Detalhando de acordo com essas estatísticas do Obmigra de 2011 a 2019 foram registrados no Brasil 1.085.673 imigrantes. Em 2019 houve a preponderância dos fluxos

oriundos da América do Sul e Caribe, com ênfase para a nacionalidade venezuelana e haitiana. Nos anos de 2010 a 2019, registrou-se, 660.349 imigrantes de longo termo no Brasil, que são aqueles que permanecem por um período superior no País, mais de um ano. Do total de imigrantes de longo termo, registrados, 41% foram mulheres. Quanto às nacionalidades originárias os maiores números de registros de imigrantes de longo termo foram entre os nacionais da Venezuela (142.250), Paraguai (97.316), Bolívia (57.765) e Haiti (54.182), representando 53% do total de registros (OBMIGRA, 2020).

No que concerne ao impacto da pandemia COVID-19, nas estatísticas das fronteiras, temos que a média mensal de movimentos de entrada e saída pelas fronteiras brasileiras no ano de 2019 era de quase 2,5 milhões. Já nos meses de abril e maio de 2020, esse número caiu e ficou em média de 90 mil, e 40 mil nos meses de junho e julho de 2020. Ao se comparar os meses de janeiro e agosto de 2019 e 2020, percebe-se uma baixa de 51,7% na intensidade dos fluxos migratórios. Além disso, destaca-se quanto ao fluxo migratório registrado na pandemia que, os movimentos de turistas e pessoas em trânsito consistiram nos menos afetados; Que a única categoria que teve aumento (10 vezes a mais) no período da pandemia foi de deportados, com a saída de não nacionais deportados, expulsos ou extraditados; A baixa ocorrida nos fluxos migratórios é mais evidenciada na fronteira terrestre, principalmente na fronteira do Brasil com a Venezuela; Além disso, por consequência a nacionalidade mais afetada foi a dos venezuelanos (-70%) (OBMIGRA, 2020).

Ainda com relação aos registros migratórios, que levam em consideração os imigrantes regularizados, até agosto de 2020, o movimento migratório de entrada baixou aos menores valores em pelo menos 20 anos. Pelos registros até agosto de 2020, o Brasil recebeu 75% menos imigrantes regularizados entre janeiro e agosto de 2020, comparado a 2019. Destacamos ainda que a imigração de longo termo foi a mais atingida (-84%). O estado de Roraima, porta de entrada dos venezuelanos, foi o que teve maior redução no fluxo de entrada (80%). Quanto as solicitações de refúgio essas também sofreram uma baixa, em torno de 56,7%, comparando-se também os anos de 2019-2020 (OBMIGRA, 2020). Com relação ao impacto da pandemia nas solicitações de refúgio destacamos que o processo de digitalização da solicitação de refúgio, antes físico, dificultou o acompanhamento e as solicitações por parte dos migrantes mais vulneráveis. Errou em não levar em consideração as diferenças de acesso ao meio digital.

É imprescindível destacar que esses dados correspondem aos migrantes que passaram por instituições do governo, tendo sido contabilizados, e tidos como imigrantes regulares. Não estão dentro desses dados, os imigrantes que estão em situação de clandestinidade, não documentados, sendo esses, os que se encontram em situação de maior vulnerabilidade. Além de dificuldades de integração na sociedade brasileira, de construção de novas sociabilidades e de reconstrução de suas vidas.

O fluxo migratório dos venezuelanos teve início em 2014, momento em que o preço do principal produto venezuelano, o petróleo, encontrava-se desvalorizado no mercado internacional. Os efeitos dessa baixa, associada à diminuição da produção venezuelana foram sentidos de forma intensa, fazendo com que os repasses feitos pelo governo para subsidiar produtos básicos para a população deixasse de ser realizado. Em função dessa crise, a escassez de produtos nas prateleiras dos estabelecimentos comerciais venezuelanos tornou-se mais frequente, fazendo com que parte da população se deslocasse em busca de melhores condições de vida (SILVA, 2018).

O bloqueio econômico dos Estados Unidos se mostrou determinante na intensificação da crise econômica, política e conseqüentemente social da Venezuela, unindo os referidos embargos à crise econômica do País gerada pela diminuição do preço do barril de petróleo fonte principal da economia local, tem-se o quadro de hiperinflação de produtos e desabastecimento de produtos básicos.

Com o embargo econômico os EUA proibiu que instituições financeiras que tenham sede em solo americano fizessem transações com a Venezuela, sob pena de bloqueio de bens. As sanções econômicas também atingiram os abastecimentos de alimentos, as transportadoras navais têm se limitado a levarem produtos à Venezuela por ficarem proibidas caso o façam, de atracarem após isso nos EUA e Europa, o que faz com que as transportadoras não queiram mais levar produtos à Venezuela. Fato que origina desabastecimento de produtos e hiperinflação inclusive de produtos básicos, o que dificulta o acesso da população, principalmente.

O Centro Estratégico Latino-Americano de Geopolítica (CELAG) demonstra em seus estudos que, as sanções promovidas pelos EUA à Venezuela entre 2013 a 2017 causaram a mesma um prejuízo de 350 bilhões de dólares e além do fechamento 3 milhões de postos de trabalhos, o que corresponde a 24% da população ativa do país. As referidas sanções americanas ganharam mais força após a eleição de Donald

Trump, em sua gestão foram impostos bloqueios de medicamentos e alimentos, que afetaram: 9 milhões de dólares em medicamentos para diálise, 29 milhões de dólares em alimentos, 300 mil doses de insulina, medicamentos para tratamento da malária, entre outros (POLITIZE, 2019).

Em 2017, a Venezuela foi suspensa do Mercosul pela Cláusula Democrática, após a instalação de uma Assembleia Constituinte composta apenas por aliados de Nicolás Maduro (POLITIZE, 2019). Observa-se o agravamento da crise política no país desde 2017 até os dias atuais, fator que também ensejou o crescimento do fluxo de imigrantes venezuelanos para outros países. Sendo esse, portanto, mais um fator fomentador da imigração, a crise política, com perseguições antidemocráticas que ensejaram o deslocamento de alguns nacionais venezuelanos, atrelado a esse fator a crise econômica, conforme já explicitado.

A Venezuela e o Brasil possuem 2199 km de fronteira, destaca-se que a maior parte em áreas de floresta ou de reservas, sejam elas biológicas ou indígenas. Assim essa região de fronteira possui uma baixíssima densidade demográfica e quase nenhuma estrutura de contato entre os dois países. Para além desses fatores geográficos, os dois países são signatários de um tratado de não edificação em uma área que perpassa toda a linha divisória até a distância de 30 metros adentro para o interior de cada país. Fatores que geram uma ausência de interação social efetiva entre a população dos dois países. Ausência essa só rompida na região das cidades de Santa Elena de Uairén - Venezuela e Pacaraima- Brasil. Somente entre essas cidades há uma rodovia principal de ligação entre os dois países, tornando-se o principal corredor de circulação de pessoas entre os dois países. (SILVA, 2018). Além da conexão por via rodoviária, as duas cidades têm formações semelhantes, ambas foram formadas por uma população migrante e por uma grande população indígena, os que as tornam muito parecidas (SANTOS, 2015 *apud* SILVA, 2018).

Sobre esse contexto de fronteira destacamos que historicamente Pacaraima sempre foi bem dependente de Santa Elena, cidade maior e com melhores ofertas de bens e serviços. De modo que, o movimento migratório característico anteriormente na região era de fluxos de brasileiros para a Venezuela (CRUZ, 2014 *apud* SILVA, 2018). Após a crise venezuelana o fluxo inverteu, e passou a ser de Santa Elena de Uairén para Pacaraima. Observa-se pelo mapa abaixo a quantidade de parques nacionais que permeiam o território e a principal rodovia urbana, muitas vezes percorrida a pé pelos migrantes, a BR 174.



Mapa 01: Fronteira Brasil e Venezuela; Fonte: GoogleMaps.

Descrição: O mapa destaca parte da fronteira Brasil-Venezuela, destacando as cidades de fronteira, principal acesso terrestre dos imigrantes venezuelanos: Santa Elena de Uairén e Pacaraima.

A Venezuela já foi um país que recebeu muitos imigrantes, antes da crise política e econômica, com destaque no período em que alguns países viviam governos ditatoriais na América do Sul, ela acolheu muitos perseguidos. Destacamos que, inicialmente, havia um aumento de movimentos pendulares, ou seja, os venezuelanos vinham ao Brasil para obter produtos e retornavam para a Venezuela, após intensificação da crise na Venezuela, o fluxo migratório se intensificou para a Colômbia, Equador, Peru e Brasil (CARARO; SOUZA, 2020). A concentração inicial de migrantes venezuelanos no Brasil foi nas cidades de Pacaraima, e posteriormente Boa Vista-RR.





Figura 01- Travessia de imigrantes venezuelanos na fronteira Venezuela- Brasil em 2019.  
Fonte: G1/FOTOGRAFIA: Ricardo Moraes



Figura 02: Divisa Brasil – Venezuela. Fonte/Fotografia: Paolo Costa Baldi.  
Descrição: Imagem da fronteira Brasil – Venezuela, cidades de Pacaraima e Santa Elena.

O incremento no número de migrantes de origem venezuelana gerou o debate acerca do instituto, ou enquadramento jurídico, que seria mais adequado para a realidade desta migração. Nesse sentido, é importante frisar que esse fluxo ocorre no mesmo momento em que o Brasil alterou sua legislação migratória, revogando o Estatuto do Estrangeiro que foi substituído pela nova lei de Migração. Dentre as opções para a gestão desse fluxo, há, agora, a possibilidade de enquadramento pela nova lei de migração ou pelo instituto do refúgio (SILVA, 2018).

No que concerne à legislação que regula e tutela direitos aos migrantes venezuelanos, atualmente, temos a possibilidade de enquadramento pela Lei de Refúgio nº 9.474 de 22 de julho de 1997 e pela Lei de Migração nº 13.445 de 24 de maio de 2017, que sofreu vetos regulatórios mediante decreto do presidente do executivo desse período Michel Temer (2017). De todo modo, essa última legislação, mostra-se mais avançada quanto à proteção aos direitos desses migrantes, se comparada com a legislação anterior o Estatuto do Estrangeiro de 1980. A legislação atual para migrantes, que se mostra mais avançada na proteção de direitos desses migrantes, sofreu protestos xenófobos por parte de alguns brasileiros.

Acerca das possibilidades de enquadramento jurídico dos indivíduos venezuelanos imigrantes, temos a possibilidade de consideração dos mesmos como imigrantes ou como

refugiados. Sendo o primeiro caracterizado pelo caráter de voluntariedade da migração, considerando-se mesmo motivações de ordem econômica como sendo uma migração voluntária, e o enquadramento como refugiado proveniente de uma migração forçada.

Imprescindível destacar que há razões importantes que explicam a tendência de escolha dos mecanismos de proteção complementar (pela lei de migração) em detrimento da aplicação do instituto do refúgio (lei de refúgio). Enquanto o refúgio mostra-se como um direito de natureza declaratória, isto é, vincula o Estado ao reconhecimento, caso o solicitante preencha os requisitos das legislações que tratam do tema. A proteção complementar, é um direito constitutivo, o Estado concedente tem o poder discricionário para decidir se vai ou não garantir essa proteção e por quanto tempo ela vai se estender. Além disso, o status de refugiado se estende pelo tempo que a situação que gerou o refúgio se estender, não podendo ser revogado pelo Estado (SARTORETTO, 2018).

Quanto à nova legislação brasileira que abarca os imigrantes que não são considerados pelo Brasil como refugiados, temos que a Lei 13.445/2017, apresenta-se com uma abordagem diferente do anterior Estatuto do Estrangeiro, mais pautada nos princípios dos Direitos Humanos. Contudo, os vetos que a mesma sofreu, faz com que sua regulamentação e prática vá em direção diversa, qual seja, no caminho da securitização e do controle migratório. Desse modo, fica evidenciado que a racionalidade contemporânea promove um condicionamento da pessoa do imigrante com relação ao Estado e seu poder, que acaba por gerar negativas de direitos e assistência aos migrantes, por esses serem sujeitos que estão fora de um vínculo político de nacionalidade/cidadania com o país em que estão (REDIN, 2020).

Ante o exposto, destacamos que os migrantes venezuelanos transitam entre rótulos burocráticos no Brasil. Os Estados gerenciam os fluxos migratórios e a circulação de pessoas em seu território, através do enquadramento desses indivíduos em “rótulos”, no caso dos venezuelanos entre imigrantes ou refugiados. As classificações burocráticas migratórias têm bases regulatórias distintas, que geram diferentes possibilidades de acesso a direitos, que são mobilizados de acordo com as orientações de política interna e externa desses Estados, logo possuem reflexos sociais e no cotidiano dos migrantes. Há o estabelecimento de uma hierarquia entre os rótulos de enquadramento, a exemplo do “rótulo” do refúgio, um dos mais difíceis de ser alcançado pelos migrantes e o que possui maiores proteções jurídicas e sociais. Desse modo, migrantes são levados a transitar entre os diferentes “rótulos” em busca de regularização no país receptor (ZETTER 2007).

Quanto às aberturas e restrições de fronteiras de acordo com os interesses nacionais evidenciam a construção das imagens de migração desejável (legítima) e da migração indesejável (ilegítima). O que inclui a questão migratória numa lógica de análise pelo país receptor de custos e benefícios acerca da aceitação dos imigrantes, territorializando o indivíduo de acordo com interesses nacionais, correspondendo a mais uma forma de dominação e exploração de indivíduos mais vulneráveis. Percebe-se que há uma tendência criminalizadora acerca da imigração, os imigrantes e refugiados em sua maioria são enxergados com desconfiança, tendo que justificar seus movimentos e as motivações de sua chegada. Assim, nota-se que embora natural ou por vezes forçada a mobilidade humana é vista com anormalidade, o que se traduz pelas políticas de controle de fronteiras e restrição dos fluxos de mobilidade imigrante, recaindo numa espécie de criminalização dos movimentos humanos migratórios. Para além disso, pode se perceber que a autorização de ingresso regular do imigrante no território nacional ocorre dadas as vantagens dessa imigração de acordo com os interesses nacionais condiciona-se a legitimidade da imigração (REDIN, 2020).

Esses migrantes, abarcam, entre outras, as categorizações jurídicas e representações sociais, de imigrantes econômicos e refugiados. O aumento do fluxo migratório tem trazido novas demandas ao Brasil, principalmente à região de fronteira com a Venezuela, qual seja, o Estado de Roraima. Em 2018, esses fatos geraram a criação do processo de interiorização lançado pelo governo federal, em busca de deslocar os migrantes para outros estados do Brasil. O objetivo era desconcentrar o volume de migrantes que estavam concentrados em sua quase totalidade no estado de Roraima, fator que poderia facilitar a integração desses a sociedade.

No Estado de Roraima após intensificação do fluxo migratório de venezuelanos, aumentou o número de venezuelanos em situação de rua em Boa Vista, principalmente. Como abrigo tem-se como principais modalidades: os abrigos improvisados (acampamentos ajustados pelos próprios migrantes) que com frequência são desfeitos, ou sofrem desocupações por medidas do governo local, abrigos de ONGs e os abrigos do governo federal em parceria com o exército mediante a Operação Acolhida, que possuem um caráter militarizado e divisão no abrigo de homens e mulheres, os abrigos militares estão em maior uso na tentativa de gestão do fluxo migratório venezuelano em Roraima. Com relação a esses últimos há uma crítica recorrente entre os migrantes, quanto à sua organização militar, como

um quartel, o que inviabilizaria a integração e interação dos migrantes, principalmente em convívio social de maneira não tutelada (SILVA; LEVEL, 2019).

Quanto ao fluxo migratório venezuelano no Brasil, mesmo sendo um número expressivo de migrantes, não se pode afirmar que seja algo que o Brasil não tenha capacidade de acolher. Um dos maiores entraves, está na concentração em um Estado (Roraima) do fluxo migratório, em virtude mesmo de questões geográficas por ser o estado de fronteira com a Venezuela. Para alguns, Roraima apresentasse como local de trânsito até que consigam seguir viagem para outros estados brasileiros ou países do Cone Sul, principalmente Chile e Argentina, para outros há uma preferência em permanecerem em Roraima para ficar mais próximo à fronteira retornando com frequência à Venezuela para levar ajuda a familiares e amigos que continuam no país, e outros ficam pelo elevado custo de deslocamento para outras regiões (MILESI; COURY; ROVERY, 2018).

Alguns imigrantes com maior poder aquisitivo se deslocam para Sul e Sudeste utilizando-se de transporte aéreo. De acordo com informações dadas por companhias aéreas que atuam em Boa Vista-RR, em março de 2018, em torno de 700 venezuelanos deixaram a cidade em voos com destino às regiões Sudeste e Sul. Além disso, instituições e ONGs que apoiam imigrantes no Brasil apontam o uso de rotas terrestres e hidroviárias no deslocamento dos imigrantes de Roraima para outros Estados do país, sendo essas medidas voluntárias de interiorização e descentralização desse fluxo migratório no Brasil. (MILESI; COURY; ROVERY, 2018).

A despeito do Brasil ser mundialmente reconhecido como um país acolhedor, muito comum é os refugiados e imigrantes se depararem com entraves para se integrar e serem acolhidos pela sociedade brasileira. As vivências dos imigrantes venezuelanos no Brasil são repletas de “morde e assopra”, políticas e práticas sociais contraditórias, pontos positivos e negativos, decisões boas e ruins. Pode-se direcionar inicialmente que o Brasil não está entre os piores países para ser um imigrante, mas também ainda está distante de ser um dos melhores, acerca dessa reflexão inicial, veremos o que nos mostra o nosso campo de pesquisa, o empírico. O referido campo será descrito, e posteriormente, nos contará acerca desses possíveis conflitos, juntamente com as entrevistas e as narrativas dos migrantes, que refletiremos em conjunto com as teorias que nos ajudarão a compreender essa realidade social, seus atravessamentos e interações. Para melhor compreendermos esse contexto

migratório, destacaremos como se deu o processo migratório desses migrantes até Campina Grande-PB.

### **1.3 Processos de interiorização de migrantes Venezuelanos.**

O processo de interiorização criado pelo Estado Brasileiro trata-se da realocação de migrantes venezuelanos localizados em Roraima – RR para outros estados do País, com o objetivo de desconcentrar o fluxo migratório para outros Estados. O referido processo faz parte da operação Acolhida, do Governo Federal, com a participação do exército brasileiro, da ONU (Organização das Nações Unidas), por meio da ACNUR (Agência da ONU para Refugiados) e OIM (Organização Internacional para as Migrações) e entidades da sociedade civil e ONGs. O processo que teve início em abril 2018 e é dito como criado para diminuir a pressão dos serviços públicos do estado de Roraima e aumentar as possibilidades de integração e inserção socioeconômica dos migrantes.

A realocação de migrantes venezuelanos devido à pressão sobre os serviços públicos nas áreas de fronteira, encontrou resistência no nível municipal, com autoridades locais aparentemente reticentes em aceitar os imigrantes venezuelanos. Como resultado, no final de maio de 2018, apenas 527 cidadãos venezuelanos haviam sido transferidos de Boa Vista para três cidades brasileiras: Cuiabá, Manaus e São Paulo. Um outro ponto de questionamento quanto a interiorização consiste na reflexão: até que ponto as cidades receptoras oferecem acesso a treinamento profissional significativo dos agentes públicos para lidar com os migrantes ou oportunidades econômicas para os venezuelanos? Além disso, destaca-se que os migrantes indígenas não foram priorizados no processo de interiorização. Do contexto de gestão dos fluxos migratórios em Roraima, advém ainda embates causados pela militarização dessa gestão de fluxo migratório, com seu caráter de ordem e controle (MENEZES; RAIMO, 2018).

O aumento do fluxo migratório em Roraima tem sido acompanhado de diversas formas de negação deste “outro”, imigrante. Os venezuelanos têm carregado diversas culpas impostas, entre elas: o aumento dos índices de violência no estado, desemprego de brasileiros, “caos na saúde” e de tornarem Boa Vista, supostamente “uma das melhores cidades para se morar”, em um lugar inseguro para viver. A sociedade roraimense se polariza. De um lado, os sensibilizados pela situação dos migrantes, por outro, os que acreditam que o estado de

Roraima tem que resolver seus próprios problemas, que não são poucos, priorizando a população nacional e roraimense e, dessa forma, defendem o controle e/ou fechamento da fronteira, e a deportação de imigrantes. De um modo geral, a existência desses migrantes tem sido cotidianamente depreciada. Ao associar o estado de vulnerabilidade social dos migrantes, que sem alternativas passam a viver nas ruas da cidade, a uma propensão à bandidagem, há um sentenciamento prévio desse migrante por parte da sociedade (SARMENTO; RODRIGUES, 2018).

Dentre as modalidades propostas dentro do PNI, temos: 1. Abrigo-abrigo, liderada pela ACNUR, nessa modalidade migrantes saem de abrigos de Boa Vista para abrigos ou casas temporárias em cidades de destino; 2. Reunificação familiar: Organizada pela OIM, nessa modalidade, envolve a transferência de migrantes que têm familiares que vivem em outras partes do Brasil e que estão dispostos a acolher essas pessoas; 3. Oportunidade de trabalho: gerida pelas forças armadas brasileiras, que firma parcerias com empregadores brasileiros, dispostos a empregar os migrantes; 4. Oportunidades lideradas pela Sociedade Civil (reunião social): promovida por acordos entre ONGs, mas possui também interação da ACNUR e OIM, dentre as ONGs temos a Cáritas e Jesuítas, e outras organizações locais com o objetivo de acolher migrantes em suas comunidades (ACNUR, 2019).

O programa de interiorização é composto por uma rede de 50 cidades e 17 estados, o referido programa dá prioridade aos venezuelanos que vivem em abrigos formais em Roraima. Cada modalidade da interiorização tem seus enfoques de elegibilidade e vulnerabilidade. Dessa forma, o perfil dos migrantes interessados em cada modalidade pode variar, bem como os benefícios do local de destino. Dentre os possíveis benefícios pode se ter: alojamento temporário, apoio psicossocial, alimentos, apoio para integração ao mercado de trabalho (ACNUR, 2019).

De acordo com o painel de interiorização temos no Brasil 47.949 pessoas migrantes interiorizadas, todas de origem nacional venezuelana. A plataforma é interativa e por meio dela é possível observar os números e as variações dos fluxos migratórios venezuelanos através dos anos no Brasil, representando em números aqueles imigrantes e refugiados regulamentados, que passaram por instituições. Dentro dessa estatística destacamos a maior alta de interiorizados deu-se em fevereiro de 2020, 3.110 migrantes interiorizados, tendo uma baixa em abril 2020, 1.004 migrantes interiorizados, e chegando em janeiro de 2021 com 1.360 migrantes interiorizados. Além disso, destacamos que dentre as modalidades de

interiorização a que abarca o maior volume de migrantes é a Reunião Social 36%, seguida da modalidade Abrigo-abrigo 23%. A faixa etária é predominante por jovens de 20 a 39 anos e de crianças e adolescentes (ACNUR, 2021).

Acerca do processo de interiorização criado pelo governo federal, destacamos que para participar do programa, em regra, a pessoa refugiada ou migrante deve estar com documentação civil e sanitária em dia. Além de estar informada e de acordo quanto ao município de destino, tem como característica também a voluntariedade dos estados para receber os migrantes, bem como a aceitação de mudança de localidade por parte do migrante.

No entanto, destacamos que diante do contexto de miséria, xenofobia e situação de rua de muitos migrantes que se encontram em Pacaraima e Boa Vista, a voluntariedade do aceite à interiorização, se mostra como uma pergunta retórica, na qual já se sabe a resposta. Ora, obviamente que os migrantes optarão em sua maioria por tentar condições melhores em outros estados, mesmo isso representando uma dificuldade maior de acesso ao seu País de origem e as pessoas de seu ciclo que lá estão. A situação de quase expulsão que vivenciam em Roraima pelas reações sociais, pelo volume de imigrantes numa região com pouca estrutura de serviços públicos, mostra-se como uma interiorização “forçada”, visto que, não se vislumbram outras opções acessíveis a curto prazo.

A política de interiorização dos migrantes venezuelanos adotada pelo governo brasileiro possui limitações, entre elas, está a baixa adesão. Para ser interiorizado, o migrante deve estar documentado, e o tempo de acolhimento varia de seis meses a um ano dependendo de quem está responsável, ficando em risco aqueles que não conseguem se integrar a sociedade, encontrando emprego e um novo lar (SILVA, 2018). Assim, a solução dada pelo governo federal para a sobrecarga de uma região, a região norte que faz fronteira com a Venezuela, interiorizando os migrantes para outros territórios brasileiros, possui entraves a serem solucionados, como a pouca adesão de alguns Estados brasileiros e a falta de estrutura de alguns Estados que se propõe a receber os migrantes, para além dos entraves burocráticos do processo de interiorização, exigências como: “documentação civil e sanitária” em dia, que nem sempre o migrante consegue cumprir, principalmente os mais vulneráveis.

Pode ser destacado que o itinerário do emigrante (aquele que sai do país de origem) e do imigrante (aquele que adentra no país receptor), em sua dupla dimensão (fato coletivo e itinerário individual), constitui importante objeto de reflexão social (SAYAD, 1998). Sayad define a imigração como um fato social total, dissertando que falar nela é falar da sociedade

como um todo, em perspectiva histórica e também do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seus funcionamentos (SAYAD, 1998).

Para além dos migrantes que foram interiorizados de Roraima via processo do governo federal de interiorização, temos os migrantes que chegaram a Paraíba por meios próprios, sendo autores de seus próprios percursos, mediante suas redes de contatos. Diante desse quadro, já se percebe o quanto é heterogêneo o cenário de migração venezuelana na Paraíba, composta por migrantes que chegaram aqui com auxílio de entidades que fazem parte do processo de interiorização, migrantes que vieram por conta própria, sem interferência ou auxílio do Estado, arriscando os próprios itinerários, migrantes “urbanos” e migrantes indígenas, de crianças a idosos, compondo um quadro diversificado de percursos migratórios. Sobre as categorias de representação desses migrantes, a seguir navegaremos entre os termos utilizados para as categorizações.

O migrante seria um termo mais genérico, que se refere ao emigrante, aquele que sai de seu país, e o imigrante, aquele que adentra no país receptor. O refugiado apresenta-se como uma categoria marcada pela perseguição e ou violação de direitos humanos. Nesse sentido adentra o caráter da voluntariedade, para essas representações, a migração do refugiado é sempre forçada, enquanto que o imigrante seria uma migração voluntária, mesmo que a realidade de tensões e desigualdades sociais nos mostre que nem sempre é. Após essa abordagem destaco que na prática e na vida social essas categorias se confundem e são confundidas pela sociedade, apenas as instituições transitam de forma mais fixas entre as mesmas.

Sobre os determinismos gerados pelas categorizações dos sujeitos em deslocamento territorial. A classificação como refugiado lhe confere uma maior legitimidade à permanência no país, comparada à condição de migrante, sendo essa última associada às dificuldades econômicas. No entanto, tais concepções geram reflexos, visto que o reconhecimento do sujeito como refugiado faz com que a imagem do sujeito seja associada à realidade de violência em que se achava, fato que irá lhe determinar um papel social a ser carregado, por vezes para além do tempo que deseja carregar (FACUNDO; HAMID; MUNEM; GOMES, 2019).

O antropólogo Agier, cria uma categoria para representação do estrangeiro no seu livro: “Migrações, descentramento e cosmopolitismo: uma antropologia das fronteiras”, o qual o denomina de *sujeito-outro*, este seria sem identidade, a priori, pois ele a perdeu com a



sua partida e seu exílio e está ainda em vias de reconstruí-la, sendo também aquele que rompe a fronteira e perturba a ordem normal e rotineira das coisas (AGIER, 2015). O conceito de Agier de *sujeito-outro*, converge com a ideia de Simmel (2004) de duplicidade do estrangeiro, de dupla pertença, nem de lá, nem de cá. O migrante não seria um *outsider*, pois já não é mais completamente de fora, mas também não seria nacional, pois também não é nativo, sua pertença é dupla ou até multipertença. Assim, seria ele um híbrido, pois nem é pertencente ao território em que se encontra, nem tampouco é totalmente *outsider*, na medida que vai interagindo, se readaptando e se integrando ao local em que se encontra.

O estrangeiro de acordo com Simmel (2004) incorpora a figura do viajante potencial: embora não tenha partido, ainda não superou completamente a liberdade de ir e vir. E embora possa já pertencer a um grupo espacial, sua posição nesse grupo é determinada pelo fato de não pertencer a ele desde o princípio, mas deter introduzido nele novas qualidades e novas posições. O estrangeiro estaria, assim, no limiar, na tensão entre proximidade e distância, sendo necessário um exercício de sutileza para a compreensão que o ‘conceito’ de estrangeiro exige: “ele que está próximo e está distante: ser estrangeiro é uma forma específica de interação” (SIMMEL, p.183, 2004). Próximo na medida em que “sentimos traços comuns de natureza social, nacional, ocupacional ou genericamente humana. Distante quando esses traços se estendem para além dele ou além de nós, nos ligam apenas porque ligam muitíssimas pessoas” (SIMMEL, p.186, 2004).

De vivências múltiplas, o percurso do estrangeiro migrante e as experiências da migração mistura sonhos, afetividade, nostalgia e sentimentos. A estada num lugar, que alguns já tomam como seu e outros veem como do “outro”, permite um olhar mais atento ao passado e mostra história, memória e identidades em permanente construção (MARIN; POZOBON, p. 405, 2010). Sobre essa reflexão fica apontado que a experiência de migração é processual. Assim, as categorias que enquadram e buscam representar os migrantes se aproximam e se distanciam, pela realidade porosa e fluida dessas concepções, que são moldadas por disputas de poder, narrativas, interesses, interações e experiências. A seguir passamos a uma trilha mais específica percorrendo mais sobre o campo de recorte da nossa pesquisa, a imigração internacional na Paraíba, abordando sobre os migrantes venezuelanos nas terras Campinenses.

### **1.3.1 Migrantes Venezuelanos em Campina Grande-PB.**

O Nordeste brasileiro costuma ser visto mais como emissor de migrantes ou deslocados internos para o Sudeste e Sul do país do que como receptor de imigrantes internacionais. A região do país que ao longo dos anos mais atraiu os estrangeiros é o Sudeste, especificamente os estados do Rio de Janeiro e São Paulo (BRIGNOL, 2014).

O Brasil apresentou um aumento dos fluxos de imigrantes internacionais ao longo do século XXI. Nesse contexto migratório o Nordeste brasileiro merece destaque, o crescimento de imigrantes nessa região se sobressai, tendo em vista que esta foi uma região que se caracterizou historicamente pela emigração, notadamente entre 1940 até o final da década de 1980 (QUEIROZ; SILVA 2020). A região não possui fronteiras terrestres com outros países, as fronteiras terrestres da região se dão com Estados do próprio país, e ao lado leste com o oceano atlântico. O que enseja reflexões de como se dá a circulação de imigrantes internacionais nessa região, quais foram os percursos migratórios desses para chegar até essa região e como se deu e se dá esse processo migratório e seus efeitos.

No Nordeste, a Paraíba é um dos estados que ganha destaque na recepção dos migrantes e refugiados venezuelanos pelo número de imigrantes até o momento recebido e por ser algo novo para o Estado, o recebimento de migrantes transnacionais provenientes de uma migração forçada. Via processo de interiorização os primeiros migrantes venezuelanos chegaram a Paraíba em julho de 2018 (G1, 2018).

Destacamos que o primeiro acolhimento dos venezuelanos na Paraíba, em julho de 2018, deu-se no município do Conde e foi resultante de parceria entre o Serviço Pastoral do Migrante do Nordeste e a prefeitura do Conde, a Casa do Migrante, recebeu 44 venezuelanos em situações de vulnerabilidades. Após, alguns migrantes venezuelanos foram solicitando acolhimento no local a partir de articulação com instituições privadas, sem intervenção do governo federal ou de atores internacionais e também por redes de contatos próprios, foram distribuindo-se pelo Estado (PACÍFICO, SANTANA; SILVA, 2018).



Figura 03- Migrante venezuelana fazendo coleta na praia de Camboinha Cabedelo-PB.  
Fonte: Fotografia da autora- 2020.



Figura 04 – Crianças migrantes venezuelanas fazendo coleta na praia de Camboinha Cabedelo-PB.  
Fonte: Fotografia da autora- 2020.

As fotografias 01 e 02, acima expostas, mostram migrantes venezuelanos na praia de Camboinha, Cabedelo-PB, em 2020, pedindo doações para subsistência. Na fotografia 01 temos uma migrante de meia idade, uns 40 anos, segurando um cartaz escrito em português e com copo de coleta de doações, na fotografia 02, seus filhos que a acompanhavam na coleta de doações, um deles com o mesmo cartaz pedindo doações e vestindo uma camisa da seleção brasileira de futebol. Os elementos que compõe a imagem “falam”, emergem as diferenças sociais contrapondo nas imagens, brasileiros em momentos de lazer, e migrantes solicitando

doações para subsistência. O ponto não é que não haja também pedintes de nacionalidade brasileiras nas ruas e praias, a serem ignorados e a também pedir ajuda para subsistência. Não é uma comparação de pessoas em situações de vulnerabilidade, e sim, estamos destacando a situação e categoria de análise da nossa pesquisa em situação de interação com a sociedade paraibana e sendo ignorados. No setor em que observava a única pessoa que olhou e interagiu com os mesmos fui eu. Nesse sentido destaco ainda que a vulnerabilidade dos mesmos é ainda intensificada por serem estrangeiros, não falarem nosso idioma, e serem, às vezes, desconsiderados em uma situação de escolha acerca de a quem ajudar: a brasileiros vulneráveis ou a imigrantes. Em muitas situações esse discurso emerge no nosso Estado.

Os anos de 2018 e 2019 foram os que mais tivemos recebimento de migrantes e refugiados na Paraíba. O Estado recebeu migrantes nas cidades de João Pessoa, Conde e Campina Grande, os mesmos vieram de Boa Vista, Roraima, em parte, através do processo de interiorização, outros por mobilidades próprias, sem auxílio e intermediação do Estado. A acolhida desses migrantes que vieram através do PNI foi dada respectivamente e inicialmente pelas ONGs, em parceria com o Estado, e com o Programa Nacional de Interiorização: Aldeia SOS (João Pessoa-PB), Pastoral do migrante (Conde-PB), e Fazenda do sol (Campina Grande-PB) (G1, 2018).

Dados apresentados pelo Ministério Público Federal em 2019, estimam que aproximadamente 350 venezuelanos migraram para o estado paraibano. Desses, cerca de 244 vieram pelo processo de interiorização e os demais por iniciativa própria (JORNAL DA PARAÍBA, 2019), estando esses últimos em sua maioria em situação irregular e sofrendo maiores vulnerabilidades e dificuldades de “integração” no Estado.

Temos hoje na Paraíba em torno de 716 migrantes interiorizados por meio desse processo de interiorização federal, dados de 2021 do painel estatístico da interiorização, tendo a cidade de Campina Grande de acordo com esse painel 46 migrantes interiorizados por esse processo federal. A maioria dos interiorizados de Campina Grande, 80%, se enquadram na modalidade Reunião social, tendo o ápice de interiorizados sido em fevereiro de 2020 (28 migrantes). Destacamos ainda de acordo com as estatísticas do referido painel, que a maioria são jovens, mulheres de 20 a 34 anos, homens 20 a 54 anos, e crianças até 9 anos, dentre os idosos a maioria são mulheres (ACNUR, 2021).

Em 24 de julho de 2019, ocorreu a 1ª Audiência Pública sobre acolhimento migratório na Paraíba, a mesma aconteceu no auditório da Justiça Federal da cidade de João Pessoa. Na

referida audiência além das falas dos representantes mencionados, houve o depoimento de migrantes relatando sobre seus percursos migratórios.



Figura 05 - Migrante Venezuelano falando no púlpito sobre as dificuldades de seu percurso migratório. Fonte: Fotografia da autora – 2019.



Figura 06- Migrante Venezuelano entregando currículo a empresário. Fonte: Fotografia da autora – 2019.

Dentre os relatos ouvidos na referida audiência me chamou atenção a do migrante retratado nas imagens acima. Ele falou sobre o seu percurso migratório repleto de dificuldades, os motivos que o levaram a sair de seu país, a crise econômica e as dificuldades de meios de subsistência, e as dificuldades que tem encontrado na Paraíba. O que chamou a atenção no migrante retratado, fotografia 03, foi sua revolta em encontrar na Paraíba também dificuldades para conseguir emprego, assim como tinha no seu país que está em crise, acreditando ele ser em virtude de sua idade mais elevada, queixando-se que os paraibanos mal

olhavam o currículo que ele entregava solicitando emprego, já descartando. Na fotografia 04, o migrante entrega currículo a um dos empresários que participavam da audiência, na tentativa de emprego, após o desabafo das dificuldades encontradas no nosso Estado, para além dos desafios de empregabilidade de pessoas com mais idade que também é enfrentado por brasileiros, no caso dele, os fatores de rejeição do mercado de trabalho são intensificados, por ser estrangeiro.

Quanto à vinculação de migrantes à epidemias e doenças na Paraíba, destacamos o noticiário acerca do diagnóstico de malária na cidade do Conde, dando destaque a origem de uma das pessoas contaminadas: “13 CASOS: Venezuelana é diagnosticada com malária em Conde”, onde de 13 casos na cidade, a reportagem deu destaque ao caso de uma migrante de origem venezuelana, deixando essa característica em destaque na notícia, na reportagem a secretaria de saúde da cidade destaca: “A secretaria de saúde da cidade informou que o caso foi “importado”, pois provavelmente a paciente contraiu a doença no estado de Roraima. A paciente teria vindo ao Conde visitar uma filha que está morando na cidade” (POLEMICAPARAIBA, 2019). Em uma outra reportagem, a prefeita da cidade destaca que o surto de malária na cidade não possui ligação com a chegada dos migrantes venezuelanos, de acordo com a prefeita algumas pessoas tentam atribuir a chegada da doença à presença de venezuelanos que foram acolhidos no município, mas Márcia destaca que: “antes dos venezuelanos chegarem a Paraíba eles ficaram por 60 dias, de quarentena, para assegurar que não estavam levando nenhuma doença para as cidades onde seriam acolhidos” (BLOGDONINJA, 2019), lamentando a xenofobia de alguns discursos. As duas notícias apresentadas destacam um aspecto do contexto experienciado pelos migrantes venezuelanos na Paraíba.

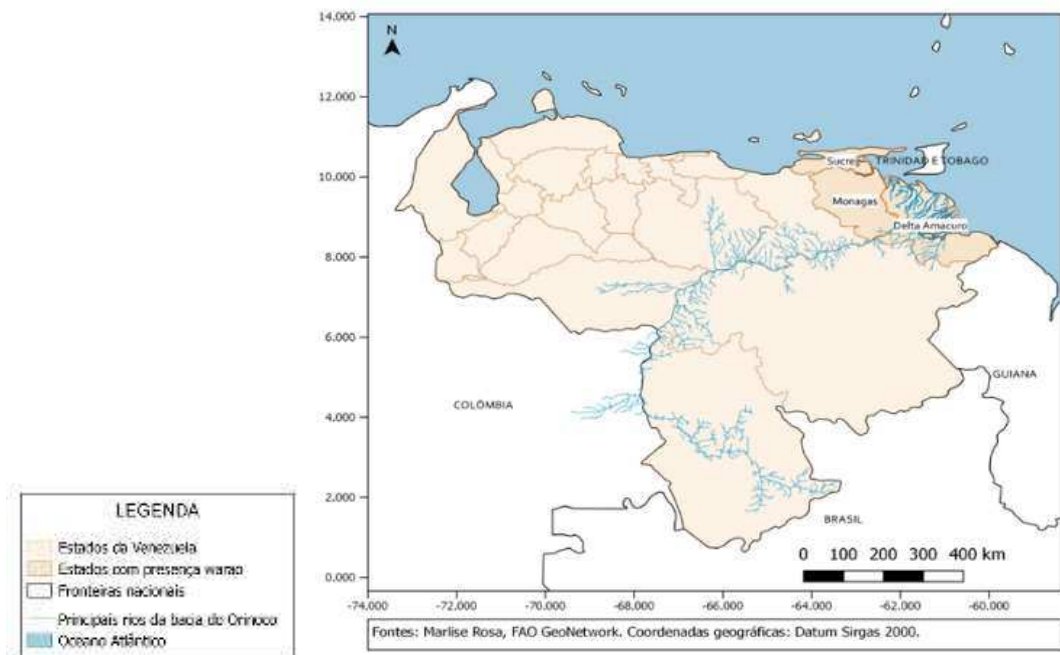
Com relação à cidade de Campina Grande segundo dados levantados pelo Grupo de auxílio a esses migrantes e pela Secretaria de Assistência Social a cidade possui em torno de 100 migrantes venezuelanos, inclusos os migrantes “urbanos”- não indígenas, e os migrantes indígenas da etnia *warao*. É difícil precisar o número exato devido alguns estarem em situação de irregularidade, não documentados, logo não registrados nos painéis estatísticos, bem como por haver uma variação constante nesse número com a chegada de novos migrantes e a partida de outros. Há alguns migrantes que se mudaram de Campina Grande para a cidade de Puxinanã-PB, e há migrantes *Warao* que estão em Campina Grande e que circulam principalmente entre Campina Grande e as cidades Recife-PE, João Pessoa-PB,

Natal-RN, a referida circulação dá-se mais pelos líderes dos grupos *Warao*, como uma forma de desbravar e fazer redes sociais para auxiliar suas famílias e grupos.

Na nossa pesquisa onde buscaremos demonstrar o mosaico que forma a migração venezuelana em Campina Grande, mediante a análise de narrativas, percursos migratórios e interações, entrevistaremos os migrantes urbanos e os indígenas *Warao* (“povo da água”). Os *Warao* são grupo de etnia indígena venezuelana que estão entre os migrantes venezuelanos localizados em Campina Grande. Pelo último levantamento de dados, estão em torno de 60 pessoas na cidade dessa etnia, dados de 2020.

Originalmente, geograficamente, os *Warao* ocupam um território que se estende por todo o estado de Delta Amacuro e por parte dos estados de Monagas e Sucre, no delta do rio Orinoco, região Nordeste da Venezuela. A presença *Warao* é registrada no Brasil desde 2014, pouco expressiva durante os primeiros anos. A partir de 2016, em decorrência do agravamento da crise na Venezuela, o processo de deslocamento de venezuelanos/as indígenas e não indígenas para o Brasil se intensificou. O deslocamento dos *Warao* impulsionou-se pela busca por proteção, melhores condições de vida e satisfação de suas necessidades básicas. Quanto à mobilidade *Warao* no Brasil, organizou-se desde o princípio por meio de redes de relações sociais estabelecidas mediante vínculos de familiares, amizade e conterraneidade (ACNUR, 2021).

Destacamos que a partir da década de 60, os *Warao* por interferências em seus territórios originais passaram a estabelecer ciclos migratórios. Em 1990, em virtude de uma epidemia de cólera, os migrantes se dirigiram as cidades em busca de auxílio. A partir de 2016, com a crise econômica e social na Venezuela que também os atingiu, esses grupos étnicos migraram, dessa vez transnacionalmente. Na atualidade afere-se que tenha aproximadamente 4 mil indígenas migrantes vindos da Venezuela no Brasil, a maior parte desse número é da etnia *Warao* (ACNUR, 2019).



Mapa 02: Localização dos Warao na Venezuela.

FONTE: Marlise Rosa, FAO GeoNetwork; Geoprocessamento: Daniela Alarcon.

Quanto aos locais de alojamento, inicialmente os primeiros *waraos* que chegaram a Campina Grande ficaram na rodoviária da cidade localizada no bairro do Catolé, posteriormente foram abrigados no sindicato dos urbanitários que fica no centro da cidade, após no SCFV- Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, no bairro de Bodocongó e por último estão numa escola desativada no bairro do Jeremias. No Capítulo que discutirá o trabalho de campo e entrevistas descreveremos melhor, sobre os mesmos.

Com relação aos venezuelanos urbanos, a maioria possui uma autonomia socioespacial, melhor que a dos indígenas, estando em sua maioria em casas alugadas e tendo uma facilidade maior em conseguir se manter na cidade. Sobre eles, também no recorte dos entrevistados, nos aprofundaremos no momento de descrição e análise das entrevistas e material do campo de pesquisa.

Na imagem abaixo temos a fotografia de um grupo de migrantes venezuelanos indígenas no Centro de Campina Grande, próximo à praça da bandeira.





Figura 07 – Grupo de migrantes indígenas no Centro de Campina Grande-PB.  
Fonte: Fotografia da autora – 2020.

Ante o exposto destacamos que o fluxo migratório venezuelano em Campina Grande é heterogêneo e demonstraremos seus trajetos, vivências, dinâmicas e composições através das entrevistas que realizaremos, bem como através do detalhamento do campo de pesquisa, no intuito de configuração do nosso mosaico de análise dessa pesquisa qualitativa.

#### **1.4 Integração de migrantes e as especificidades da integração venezuelana: notas gerais.**

Nos percursos migratórios dos migrantes, esses se veem diante de diversas fronteiras materiais e simbólicas, antes de tudo podemos refletir, que toda e qualquer fronteira é uma criação humana, em regra. Os limites físicos/geográficos de um país são definidos politicamente através de jogos de poder e a criação e afirmação dos Estados Nacionais, através dos quais se dita até onde vai o limite físico de cada país e onde se localiza suas fronteiras.

Entende-se por integração de migrantes de uma maneira geral como sendo inserção deles na sociedade receptora, assimilação, integração à essa sociedade. Na prática essa ideia se mostra complexa e de difícil concretização pelas diferenças sociais, culturais, pelas relações de poder estabelecidas, as interações sociais dadas, além dos efeitos proporcionados

por esses elementos. Assim, há fronteiras e tensionamentos na ideia de integração de migrantes à sociedade de destino.

Quanto aos migrantes venezuelanos as especificidades de sua integração e interação na sociedade brasileira, é influenciada para além dos elementos citados anteriormente, também pelo local de destino que chegam e sua respectiva estrutura econômica, social e de serviços públicos. Além de possíveis estigmas que lhe são atribuídos. Quanto aos migrantes indígenas *Warao*, destacamos as dificuldades culturais e os desafios com o idioma, pois fazem uso de língua própria da etnia *Warao*. Principalmente os migrantes mais velhos, os líderes dos grupos e das famílias, comunicam-se com os brasileiros em portunhol, uma mistura de espanhol e português, já os mais antigos falam apenas *Warao*, se comunicando com os brasileiros mais por gestos.

Para Goffman a sociedade estabelece os meios de categorizar os indivíduos, a partir dessa categorização que advém os estigmas e preconceitos. A manipulação do estigma é uma característica geral da sociedade, das relações sociais, um processo que ocorre sempre que há normas de identidade. Outro ponto importante abordado pelo autor é que o indivíduo estigmatizado em regra, sente-se inseguro em relação à maneira como os outros o identificarão e o receberão (GOFFMAN, 1988). A dicotomia estabelecida, entre nós e os outros, resulta em conflitos, manifestações nacionalistas, e xenofobia (LARAIA, 2001). Quanto à ideia de xenofobia, temos que essa sugere uma demarcação espacial, uma territorialidade, na qual se estabelece um dentro e um fora, um interno e um externo, numa perspectiva tanto material quanto simbólica. Essas categorizações possuirão influência nas interações, bem como na integração dos migrantes à sociedade.

Quanto às interações, para Simmel, os indivíduos estariam ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si. Assim, no caso dos migrantes e sociedade receptora essa influência se tornaria um processo mais complexo. Uma característica marcante do social, é que as formas de sociabilidades tipificam as ações de reciprocidade consciente entre os indivíduos. Os indivíduos se apresentam como um complexo dinâmico de ideias, forças e possibilidades e a sociabilidade apresenta-se como uma conexão mediadora entre os indivíduos (SIMMEL, 2006).

Para Simmel, as sociabilidades podem ser concebidas de duas formas: sociabilidades de relações estabelecidas entre indivíduos em situação de paridade, semelhança, e sociabilidades entre indivíduos diferentes entre si, neste caso, o estrangeiro surge como

exemplo singular (SILVA, 2019). No que concerne ainda a interação humana, para Blumer, essa seria mediada pelo uso dos símbolos, pelas interpretações e ainda pelas atribuições de significados às ações dos outros indivíduos, sendo deste modo relacional e situacional. Assim, os indivíduos são ativos, criando interpretações das ações durante as interações. Essas interações se lançam em situações enquadradas pelas organizações sociais, pelas formas, sendo essas que fornecem conjuntos de símbolos aos indivíduos. No entanto, resta sítios de autonomia dos indivíduos, nisso habita a riqueza de pesquisas que buscam investigar as interações sociais nas mais distintas situações sociais (SILVA, 2019).

Para Simmel “a própria sociedade, em geral, significa a interação entre indivíduos. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades” (SIMMEL, p. 59, 2006), compondo-se por processos de interação microsociológicos. Os indivíduos exercem efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Desse modo, se destaca a importância do estudo das interações sociais para a sociedade, e neste caso, o estudo das interações desses migrantes na nova sociedade, com suas interpretações, ações, e relações sociais estabelecidas.

Partindo dessas reflexões há formas moldadas pelas organizações sociais, cultura, sistemas sociais, papéis sociais, definindo condições de interação, mas não a determinando. Há autonomia de ação dos indivíduos, esses não só reproduzem padrões sociais, são ativos nas interpretações e nas ações, apesar de haver condicionantes. Nesta pesquisa daremos ênfase nas interações dos migrantes venezuelanos nessa nova terra (Campina Grande), observando o que elas podem nos evidenciar. Mediante a análise das interações desses migrantes buscaremos compreender esse contexto migratório e as influências das interações e percursos migratórios. Os fluxos migratórios podem influenciar nas relações e interações estabelecidas, por isso mostra-se importante o entendimento dos percursos migratórios.

A imagem genérica criada acerca dos migrantes, principalmente pela mídia hegemônica não expõem as multiplicidades e dinâmicas das experiências trazidas em suas trajetórias, em seus fluxos, em seus encontros e desencontros. Há uma pretensão de controle e sedentarização de determinadas populações pelo Estado em alguns âmbitos específicos de seus territórios, como se evidencia na gestão aplicada aos migrantes *Warao* em Campina Grande- PB.

Essa visão homogeneizante dos imigrantes enquanto ameaça suposta de vir de um “de fora”, se apresenta sob os traços de uma sombra, a do “estrangeiro” abstrato,

demograficamente expressivo, supranumerário e sem outra forma de reconhecimento a não ser esse excesso. Podendo ser observado que em todos os Estados, espaços e meios relativamente privilegiados do planeta, essa política da indiferença vem apoiar políticas de proteção dos grupos privilegiados e da exclusão desse “estrangeiro”, que não é bem-vindo (AGIER, 2015).

Outro ponto importante a ser refletido consiste na imagem construída socialmente acerca do auxílio aos migrantes como um ato de bondade, unicamente, observada em meio aos processos de interação e integração de imigrantes, que leva a um contexto de pretensa despolitização, “fazendo com que seu atendimento se reduza à salvação de sua existência física, quando os agentes a consideram vulnerável ou em risco” (FACUNDO, p. 137, 2017).

Desse modo, devemos questionar os limites do humanitário em meio a ação de governo e gestão de populações, ele por se só não soluciona as questões postas, é preciso ir as causas dos problemas. Os atos humanitários, são atos de bondade ou direitos dos migrantes? “Aqueles e aqueles que são objeto do atendimento humanitário, sabem que o que é esperado deles é a humildade do obrigado, mais do que a reivindicação de quem tem direitos” (FASSIN *apud* FACUNDO, p. 140, 2017). Essa reflexão é importante, para entendermos o contexto migratório venezuelano e suas interações aqui no Brasil, a ajuda humanitária com discurso que se pretende “neutro”, é aplaudida, já a reivindicação de direitos pelos migrantes não possui uma boa imagem na nossa sociedade, e por vezes tem como resposta: “tá achando ruim, volta pro teu país”.

O migrante ideal deve mostra-se agradecido, obediente, apolítico, seguidor do ritmo e das etiquetas ditadas pelas instituições e sociedade que com ele interagem em sua jornada migratória. Há uma expectativa de neutralidade acerca dos migrantes e refugiados, espera-se uma neutralidade política de migrantes e refugiados, que esses não interroguem sobre, nem como se dão as ajudas humanitárias e os projetos de integração à sociedade de destino (PEREIRA, 2019). A ideia de a recepção dos refugiados não ser um ato político, mas um gesto primeiramente humanitário, gera a visão das ações humanitárias tendo como função remediar a dor e salvar a vida no sentido biológico mais básico. A pretensa neutralidade das ações humanitárias não se sustenta, mas é construída para passar a imagem de que os agentes não interferem a favor de nenhuma das partes. A divisão entre o humanitário e o político não se firma criticamente, pois, até a não ação, a omissão também é política (FACUNDO, 2017).

Assim, entendemos que os atos são ao mesmo tempo políticos e humanitários e não neutros ou apolíticos.

Sobre as categorizações Denise Jardim, sugere que observemos as “zonas de abandono” presentes nos discursos seletivos, que escolhem o “bom paciente”, o “bom migrante”, e que são aqueles que acomodamos melhor em nosso sistema. Assim, excluimos aqueles que parecem mais desafiadores. Os processos de categorização dos sujeitos produzem efeitos nas experiências dos refugiados e migrantes. Implicações que vão além da de ser elegível ou não como refugiado. Os processos de documentação e o fato dos migrantes e refugiados portarem ou não documentos influencia algumas integrações e interações, no entanto, “não abala diretamente as noções prévias nutridas no ambiente público sobre os direitos de nacionais e a negação da existência de direitos de estrangeiros” (JARDIM, p. 207, 2017).

No processo regulatório e de integração dos migrantes é dada uma grande importância à documentação, seja para a entrada formal em seu território, via protocolo de refúgio ou autorização de residência, seja para matricular a criança na escola (Ora, como se fosse possível aos pais migrantes forçados, ao arrumarem as malas às pressas pensarem como imprescindível na bagagem, um diploma, um histórico escolar, ou ainda vamos voltar de onde a gente fugiu, esquecemos a Certidão de Nascimento). Além das Documentações do cotidiano do país de destino, CPF, Carteira de trabalho (quando mão de obra migrante é formalizada), documentações que comprovem renda e identificação para conseguirem alugar residências, firmarem contrato, dentre outras rotinas burocráticas que as pessoas necessitam fazer para ter acesso à escola, trabalho, moradia, saúde.

O estar documentado, importa mais, o documento, por vezes, antecede a pessoa e sua sobrevivência. No caso dos migrantes forçados, essas modalidades de controle e gestão de populações, bem como as formalidades das rotinas burocráticas são ainda mais penosas, por esses estrangeiros portarem poucos documentos ou nenhum, além das dificuldades de comunicação devido o idioma, fatores que intensificam as dificuldades de acesso aos serviços públicos e à integração local na sociedade receptora.

Percebe-se, desse modo, que o migrante documentado tem mais facilidade para ingressar no país, nas interações sociais mais formais e na integração da sociedade de acolhida, no que concerne ao acesso ao trabalho, à escola e aos serviços públicos. Por isso, refletir acerca da questão da documentação é importante na discussão dos fluxos migratórios

venezuelanos, pois interferem nas suas interações sociais, bem como em seu processo de integração na sociedade.

As classificações destinadas às populações em trânsito não são simples reflexos da realidade. Elas também produzem realidades, pois, ensejam processos, instituições, práticas e valores, que se destinam a controlar e dirigir as vidas dos migrantes e seus movimentos. Verifica-se que os sujeitos migrantes e refugiados são classificados nos países de acolhida sob influência de vários aspectos, entre eles: origem, condições do deslocamento, políticas migratórias locais, adesão a programas de direitos humanos, marcadores sociais, de raça, gênero, religião, nacionalidade ou etnia dos sujeitos. As categorizações acarretam diversas propostas de gestão de seus trânsitos (FACUNDO; HAMID; MUNEM; GOMES, 2019). Gestões e controles esses que interferem nas interações, experiências e integração dos migrantes na nova sociedade.

Refletindo ainda sobre as classificações sobre os corpos estrangeiros, destaco a reflexão de Albuquerque (2016) que efetua uma análise sobre a biopolítica que se estabelece sobre esses corpos. Destacando que as práticas de governo de populações realizadas pelos Estados Nacionais nunca são neutras e desligadas da prática de dadas formas de racismo. Isso porque, “as políticas de governo dos Estados Nacionais estão sempre apoiadas na criação e reprodução da diferença entre corpos que são admitidos como sendo pertencentes à nação, como corpos nacionais e corpos vistos, ditos e tratados como estrangeiros”, nessa perspectiva, “esse Estado da biopolítica vai exercer um governo cuja preocupação se centra nos corpos, o que implica que ele termina por hierarquizar, classificar, definir, diagnosticar, produzir distinções entre esses corpos” (ALBUQUERQUE, p 22-.23, 2016), nacionais e estrangeiros, estrangeiros turistas e provenientes de países ricos e estrangeiros provenientes de países pobres ou em crise econômica e social, todas essas distinções e classificações iram interferir no processo de integração e interações no território nacional.

Contraditoriamente à terminologia: “Refúgio”, a experiência do estrangeiro, de ajustamento a nova sociedade, nem sempre se dá como tal: “para o estrangeiro, o modelo cultural do novo grupo não é um refúgio (...) mas um objeto de investigação a questionar, não uma ferramenta para desembaraçar situações problemáticas, mas uma situação, ela própria, problemática e difícil de dominar” (SCHUTZ *apud* AGIER, p.137, 2015). Os migrantes se mostram como sujeitos descentrados, ou deslocados, como definido na concepção de Stuart Hall, com identidades deslocadas, postas em crise pelas incertezas e novas sociabilidades

(HALL, 1990). Acerca da incerteza que determina a vida como migrante, Agier cita frase do refugiado palestino Mahmoud Darwich: “o norte do estrangeiro é a direção a escolher, mas apenas o vento a orienta” (DARWICH *apud* AGIER, p. 26, 2015). Assim, percebe-se que: “transformar o estrangeiro global, invisível e fantasmático, aquele que as políticas identitárias deixam sem nome e sem voz, numa pessoa cuja alteridade é relativa e potencialmente mais próxima” (AGIER, p. 298, 2015). Poderia contribuir para diminuir a precariedade dessas vidas migrantes, contribuindo para a melhoria de suas interações e vivências na sociedade de destino.

As vivências proporcionadas pelos percursos migratórios dão-se a partir de diferenças, tem por consequência um sistema de interações sociais heterogêneo e com potenciais de conflito e estranhamentos. A coexistência de modelos diferenciados de construção da realidade resta evidenciado pelos conflitos e tensões entre ideologias holísticas e individualistas. No que concerne à cultura, essa mostra-se como uma rede de significados, que geram negociações e pontos de vista (VELHO, 1996). Desse modo, observa-se a presença das interações com base na troca social, na reciprocidade, que também advém da existência de diferenças, de alteridades, que enriquecem as dinâmicas da vida social. Nas relações entre os migrantes forçados e a sociedade que os recebe, a realidade experienciada é um contexto construído.

As realidades experienciadas pelos migrantes são inúmeras, diversos os trajetos vividos em meio a esses percursos de movimentos contínuos e difusos que se mostram ser os caminhos migratórios. O que nos leva a reflexão de como se daria a reconstrução dessas vidas, dos seus cotidianos e até mesmo da formulação de novos trajetos (para aqueles que desde a partida do país de origem já tem em mente que não querem permanecer no Brasil). Como se dariam esses fluxos e caminhos no território paraibano. Percebe-se diante do que já discutimos até aqui na pesquisa que os atravessamentos de seus percursos migratórios vão além dos motivos que os levaram a sair de seu país de origem. Bem como, que a temática migratória é permeada pela presença do Estado, desde possíveis motivações dos fluxos, à gestão de território, população, fronteiras e trânsito de pessoas, à conceituação de categorias para os estrangeiros e os interesses envolvidos nessas construções. Para além dos elementos citados temos as experiências, narrativas e atravessamentos individuais proporcionados pelas vivências experimentadas ao longo do processo migratório.

Assim, ao analisar as narrativas, interações e percursos migratórios dos migrantes venezuelanos que estão nas terras campinenses, verificaremos a presença e possíveis interferências de fatores como: origem, percursos, narrativas e estigmas nos processos de interação. Na tentativa de externar a polifonia e a complexidade de experiências da temática migratória no Brasil, evidenciando a heterogeneidade de suas interações e do agenciamento dos migrantes que apontam para um horizonte de planos múltiplos, várias vias e realidades. Nos próximos capítulos avançaremos no empírico e nos métodos que utilizaremos para tentar assimilar a composição desse cenário, para pensar e refletir de forma crítica sobre a temática das migrações internacionais, partindo do foco de análise dos migrantes transnacionais de origem venezuelana na cidade de Campina Grande.

## **CAPÍTULO 2 – Mapeando e analisando o campo: descrições e observações.**

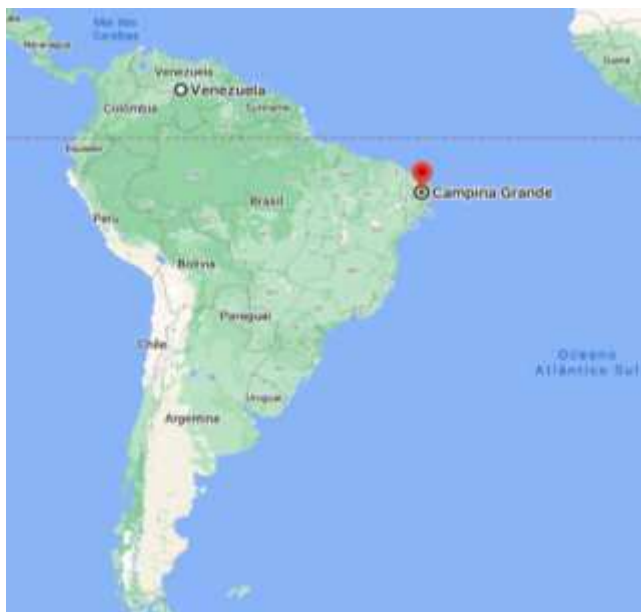
### **2.1 *Lócus* e tempo da pesquisa.**

O *lócus* de investigação da nossa pesquisa é a cidade de Campina Grande na Paraíba, localidade essa que não havia sido destino de um fluxo de migrantes transnacionais provenientes de uma migração forçada. A região do interior da Paraíba é historicamente mais conhecida pela emigração ou êxodo de indivíduos do que pela recepção de imigrantes, fatores que destacam as peculiaridades dessa pesquisa. Nesse Capítulo, mapearemos o campo de pesquisa, descrevendo e analisando o mesmo, expondo-o pelos mapas e fotografias do campo, elementos que em muito nos ajudarão a visualizar e a refletir sobre a composição de fatores, espaços, interações, pessoas e as vivências que constroem essa pesquisa.

Quanto ao recorte temporal da pesquisa, ela foi efetuada do ano de 2019 ao ano de 2021. Em 2019 tivemos a chegada de um fluxo de migrantes venezuelanos em Campina Grande-PB que ganhou destaque nas mídias e na sociedade, pelo número de migrantes nessa região. Parte dos migrantes proveniente do processo do governo federal de interiorização e parte que veio por conta própria sem intervenção de meios estatais. Destacamos que houve uma intensificação do fluxo de chegada à cidade desses migrantes do final do ano de 2019 ao início do ano de 2020 e uma baixa desse fluxo migratório em Campina Grande, em especial no que se refere aos *Waraos*, a partir do final de 2020 e em 2021, estando esses migrantes indo para outras cidades e Estados. Destacaremos adiante o mapeamento do campo de



pesquisa, destacando os principais locais de passagem, abrigo e de interações desses migrantes dentro do recorte temporal anteriormente citado.



Mapa 03- América Latina Fonte: Googlemaps

Descrição: Mapa da América Latina com o destaque do país de origem dos migrantes e da cidade de recepção dos mesmos.

Pela observação do mapa acima destacamos o país de origem dos migrantes, Venezuela e a cidade *locus* de investigação da nossa pesquisa, Campina Grande- PB. Pelo mapa pode-se aferir a considerável distância física entre os dois locais, bem como os Estados Brasileiros que os separam. Fato que de imediato nos leva a refletir o quão difícil pode ter sido a travessia migratória daqueles que vieram até a Paraíba por meios próprios, sem auxílio de ONGs e do Estado. Além disso, importante destacar o forte papel do processo de interiorização na criação desse fluxo migratório para a Paraíba, formando uma ponte, um caminho, para novas migrações para essa região.

No contexto migratório nada é estático, tudo é movimento, assim como a terra não é plana, os fluxos migratórios são dinâmicos, fluídos, não é uma linha reta com ponto de saída e chegada, do ponto A ao ponto B. Partindo dessa concepção, chega-se à conclusão de que os percursos migratórios são multifocais e dinâmicos. Inclusive, quando se busca analisar dentro de um *locus* de investigação pré-definido, conforme demonstraremos ao longo da descrição e observações desse campo de pesquisa fluído e dinâmico, dentro do nosso recorte de análise.

## 2.2 Metodologias de abordagem da pesquisa.

A abordagem dessa pesquisa possui caráter qualitativo. Quanto a esse tipo de pesquisa considera-se que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (COSTA, p. 252, 2019), um movimento dialético entre a realidade, estrutura social, sociedade e o sujeito e suas subjetividades. Assim, os tons e as direções da pesquisa não são guiados exclusivamente por números e normas, nesse método de abordagem buscamos as particularidades do contexto, não descritas numericamente e normativamente, e sim, presentes nas entrelinhas do cotidiano, das vivências, dos percursos, das narrativas e das interações.

A lógica que rege essa abordagem de pesquisa corresponde a uma descrição microscópica ou densa do mundo cotidiano (GEERTZ, 2008). A partir desse caminho de abordagem se chega a uma pesquisa social de caráter interpretativo ou compreensivo. Nessa pesquisa daremos enfoque à descrição, às observações, objetivando caminhar da descrição e observação à reflexão, à interpretação e à possível compreensão desse contexto migratório que abordamos na nossa pesquisa.

No paradigma interpretativo, “o indivíduo não surge como contraposto ao mundo, reagindo a ele, mas, antes, como produtor da realidade social a partir da interação com seus pares” (ROSENTHAL, p. 34, 2014). Dessa forma, mediante os processos das interações sociais, surgem narrativas, significados, subjetividades, no dia a dia dos indivíduos, em suas interações com seus pares e com o “outro” e as estruturas sociais da sociedade e suas relações de poder, bem como no cotidiano, nas entrelinhas do dia a dia.

Konder afirma que através do diálogo com o outro, não simplesmente se harmonizam as diferenças, nem se superam as frustrações que são impostas pelos limites da comunicação. No entanto, se pode apreender a contemplar a polifonia. Assimilar a diversidade das vozes. Passando-se para uma linguagem que amplia os horizontes. De modo a compreender o que está além do saber posto, estabelecido e constituído. Nesse sentido, educa-se no respeito à inesgotabilidade do real (KONDER *apud* NETO; FERREIRA, 2005). Verifica-se que em um movimento de observação atenta, que esses percursos migratórios adquirem outras profundidades e horizontes, muitas vezes, até então não destacadas.

A abertura do campo dessa pesquisa se deu no final de 2019 e teve como ponto de partida a minha entrada no grupo de auxílio aos migrantes venezuelanos de Campina Grande, grupo de iniciativa da sociedade civil. O grupo era formado por pessoas que se

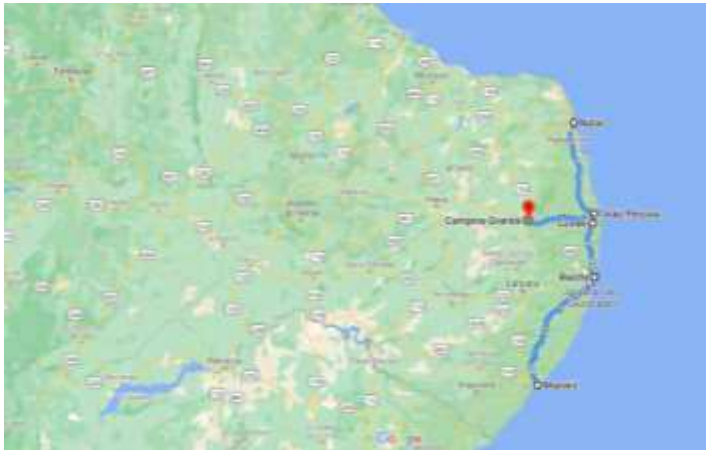
disponibilizaram a ajudar os migrantes que estavam em situação de alta vulnerabilidade, “abrigados” na rodoviária de Campina Grande-PB, sem alojamento, sem comida, o grupo era composto de crianças a idosos. Criou-se um grupo de *whatsapp* onde se postava informações sobre os migrantes e suas necessidades, e se fazia campanhas de arrecadação, bem como se organizava as visitas ao local em que estavam alojados.

Posteriormente, houve o desativamento desse grupo e a criação de outro, no qual também havia a participação de alguns migrantes que tinham *whatsapp*, de Campina Grande e de Puxinanã. Além do acompanhamento virtual através dos mencionados grupos e do acompanhamento de notícias e postagens sobre esses migrantes, também realizei visitas presenciais aos principais abrigos dos migrantes *Waraos* que estiveram em Campina Grande nos anos de 2019 a 2021. No que concerne aos migrantes não indígenas, as interações se deram durante as entrevistas, em 2021, por meio eletrônico, em virtude das limitações geradas pela Pandemia COVID-19. Assim, a pesquisa se compõe em maior parte por observações participante, notas e fotografias das visitas e do acompanhamento de campo, pesquisas virtuais (em jornais e redes sociais) e bibliográficas, bem como dos diálogos das entrevistas com os migrantes, diálogos esses que traremos no Capítulo 3.

### **2.3 Descrições e análises do campo da pesquisa e dos percursos migratórios.**

Inicialmente, para mapeamento e visualização dos principais percursos dos migrantes venezuelanos indígenas que estiveram em Campina Grande de 2019 a 2021, vamos trazer a construção de alguns mapas que nos auxiliarão a enxergar a dinâmica e as localizações dos percursos de coleta e dos abrigos pelos quais eles passaram, posteriormente detalharemos o campo de pesquisa com a ajuda das fotografias.

O mapa abaixo destaca as principais cidades de rota de trânsito dos migrantes *Waraos* que passaram pela Paraíba 2019-2021. Fluxo esse tanto de vinda até Campina Grande, cujo os migrantes com os quais interagi, vieram, a maior parte de Recife. Quanto depois, fluxo de evasão de Campina Grande e de rota de trânsito em busca de melhores condições, para outras cidades como: João Pessoa, Conde, Natal, Maceió, ou retorno a Recife.



Mapa 04: Principais cidades com fluxo de migrantes *Waraos* ; Fonte: GoogleMaps e construção do trajeto pela autora.

Descrição: O mapa destaca as principais cidades com rota de trânsitos dos *Waraos*, região Nordeste, levando em consideração para a construção dessa rota os migrantes que passaram por Campina Grande-PB.

As principais cidades da Paraíba de que compõe pontos de estadia e de rota de trânsito dos *Waraos* estão expostas no mapa abaixo. Nele, pode-se observar a presença dos *Waraos* desde do litoral da Paraíba até o sertão: João Pessoa, Cabedelo, Conde, Campina Grande, Puxinanã, Patos.

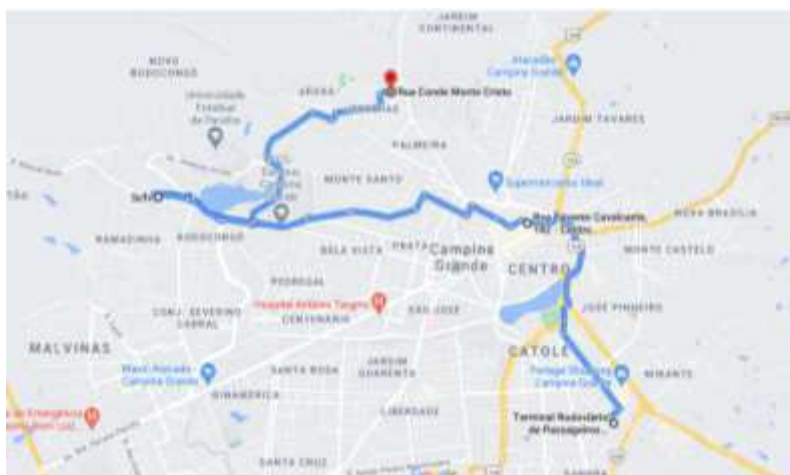


Mapa 05: Principais cidades da Paraíba com fluxo de migrantes *Waraos*; Fonte: GoogleMaps e construção do trajeto pela autora.

Descrição: O mapa destaca as principais cidades da Paraíba com rota de trânsitos dos *Waraos*.

Descrevendo especificamente a cidade que é nosso foco de pesquisa, foi destacado no mapa abaixo a localização dos principais “abrigo” dos *Waraos* presentes em CG de 2019-2021: 1. Rodoviária- localizada no Catolé; 2. Sindicato dos Urbanitários – Centro; 3. SCFV- Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Semas - Bodocongó; 4. Escola desativada no bairro do Jeremias. As fotografias que traremos, foram capturadas nesses

“abrigos”, bem como nos locais de coleta, que consiste na atividade de pedir ajuda, “esmola”, que pelos migrantes *Waraos* é chamado de coleta.



Mapa 06: “Abrigos” dos *Waraos* em Campina Grande-PB; Fonte: GoogleMaps e construção do trajeto pela autora.

Descrição: O mapa destaca os locais da cidade de Campina Grande-PB que serviram de “abrigos” para os migrantes *Waraos* de 2019-2021.

Destacamos que uma das práticas adotadas pelos *Waraos* desde seus percursos pela própria Venezuela em busca de meios de subsistência foi a prática da coleta, principalmente após a migração desses dos seus territórios de origem para os centros urbanos.

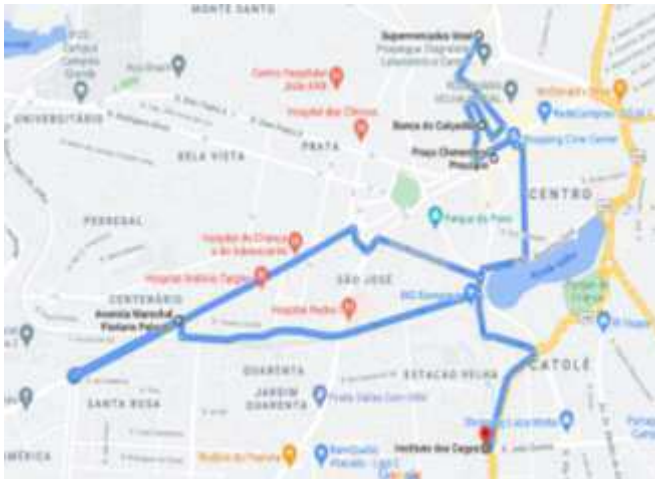
Inicialmente, quando ainda estavam em seus territórios originais, eles viviam do extrativismo, da pesca e da caça. Mesmo nesse período já era possível destacar a heterogeneidade dos *Waraos*. No Noroeste da Venezuela estavam presentes aqueles que viviam do extrativismo do buriti e da pesca. No Nordeste, os coletores e pescadores. No Sudeste, os cultivadores de milho e mandioca. Nesse período, a economia era baseada na coleta, vigente até o início do século XX, fato que implicava deslocamentos sazonais no interior de seu território, orientados com base no ciclo das cheias do rio Orinoco. Após, adveio o período de adoção de práticas de agricultura incentivada por missões religiosas católicas destinadas à catequese e doutrinação dos indígenas (ACNUR, 2021), fatores de interferência nos territórios originais e no modo de vida dessa população.

A adoção da agricultura, o início de trabalhos assalariados, as interferências das missões religiosas e as mudanças que ocorreram em seu território original devido aos empreendimentos de represamento, geraram mudanças também nas organizações das famílias *Warao*. Antes, a família era centrada na mulher, fator que ao longo das mudanças vivenciadas,

favoreceu a formação de famílias nucleares encabeçadas por homens (ACNUR, 2021). No entanto, destaco que a força da presença da mulher na família *Warao* continua forte na economia coletiva da família e nas iniciativas de sustento da mesma, representadas, por exemplo, na observação das coletas na cidade de Campina Grande, onde a maioria das coletas são feitas pelas mulheres *Warao*, conforme será destacado nas fotografias de campo.

Ressaltamos que foi a partir da década de 60 que se deram as principais interferências no ecossistema dos principais territórios *Warao*, com a barragem do rio Caño Manamo, afluente do rio Orinoco, que gerou impactos socioambientais, o que os levou a se deslocarem para centros urbanos em busca de subsistência. Os deslocamentos também foram forçados posteriormente por um surto de cólera que acometeu a região nos anos 90 (ACNUR, 2021). Nos centros urbanos da Venezuela, os *Waraos* passaram a coletar nas ruas, pedindo dinheiro para subsistência. Na atualidade, os deslocamentos se expandiram na busca por melhores condições de vida e os *waraos* passaram a se deslocar transnacionalmente para os países de fronteira com a Venezuela, como o Brasil.

Em Campina Grande, o grupo de *Waraos*, que chegou à cidade em 2019, também passou a efetuar a prática da coleta, como forma de subsistência. Abaixo destacamos no mapa os principais pontos de coleta desses migrantes em Campina Grande de 2019-2021.



Mapa 07: Fluxo dos pontos de coletas dos migrantes *Waraos* em Campina Grande-PB; Fonte: GoogleMaps e construção do trajeto pela autora.

Descrição: O mapa destaca o fluxo dos principais pontos de coleta dos migrantes *Waraos* em Campina Grande-PB.

Adentrando no mosaico do campo de pesquisa através das fotografias, descreveremos os locais e as dinâmicas em torno dos migrantes venezuelanos nesse período 2019-2021, que nos dispomos a analisar, refletir e compreender para a elaboração dessa pesquisa.



FIGURA 08 – Migrante venezuelano limpando a área da rodoviária de Campina Grande-PB em que estavam alocados. Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.



FIGURA 09 – Migrante venezuelano estendendo roupas em cerca da rodoviária de Campina Grande-PB. Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.

Nas imagens 08 e 09, temos os migrantes venezuelanos alojados na rodoviária da cidade de Campina Grande-PB. Na imagem 09, o migrante encontra-se estendendo roupas nas cercas do terreno da rodoviária, e na imagem 08, um outro migrante limpa com uma vassoura a área interna da rodoviária em que estavam alojados. Como se pode perceber, bem longe de ser um local adequado para os mesmos estarem com suas famílias e reiniciarem suas vidas na nova cidade, no entanto, esse, foi o primeiro local que encontraram para se alojarem. Não havia abrigo para eles ao chegarem à cidade, a rodoviária foi o local que atracaram mediante

transporte alternativo (táxi), vindos de Recife-PE e ficaram na rodoviária por ser um local coberto e que não precisariam passar por protocolos e controles institucionais de imediato.



Figura 10- Família de Migrantes venezuelanos na rodoviária de Campina Grande-PB.  
Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.



Figura 11 – Migrantes venezuelanos na rodoviária de Campina Grande-PB.  
Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.





Figura 12 - Migrante venezuelana com seu bebê na rodoviária de Campina Grande-PB.  
Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.

Nas fotografias 10 a 12, foram todas registradas no final do ano de 2019 na rodoviária de Campina Grande. Nesse período houve a chegada de grande número de migrantes venezuelanos à cidade, a maioria indígenas, que se interiorizaram sem ajuda do Governo Federal, Ongs, Estado ou município. Os migrantes que interagiram com as pessoas do grupo de ajuda, vieram de Recife para Campina Grande. Observa-se nas fotografias a total inadequação do ambiente da rodoviária como alojamento para esses migrantes, que em sua maioria estavam acompanhados por sua família ou parte dela, sendo um grupo bem heterogêneo, de várias faixas etárias. Alguns deles aguardavam a chegada de familiares que estavam ainda em Recife.



Figura 13 - Migrantes venezuelanos na rodoviária de Campina Grande-PB.

Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.



Figura 14 - Doação de refeições do grupo de Ajuda aos migrantes venezuelanos na rodoviária de Campina Grande-PB. Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.

Nas fotografias 13 e 14, temos retratadas imagens dos migrantes venezuelanos na rodoviária de Campina Grande, na imagem 14, eles estão recebendo auxílio do grupo de apoio para alimentação. As ações do grupo de apoio foram fundamentais no auxílio aos migrantes venezuelanos mais vulneráveis que chegaram à cidade, que necessitavam de condições básicas para suas subsistências, como alimentação, condições essas que não estavam sendo proporcionadas pelo Estado, nem pela prefeitura local, nem por outras entidades. Desse modo, temos como primeira reflexão que as primeiras interações presenciais com os campinenses se deram na rodoviária de Campina Grande, já os diálogos e convivência mais estreita se deu inicialmente com os membros do grupo de ajuda formado, e posteriormente com os campinenses com os quais interagiram durante as coletas. Nesse contexto destacamos que os principais auxílios de subsistência e acolhimento foram proporcionados pelo grupo de auxílio aos migrantes.

O grupo de apoio aos migrantes formado na cidade, reuniu pessoas que estavam dispostas a ajudá-los, diversos membros da sociedade que sentiram empatia pelos migrantes e se dispuseram a ajudá-los, compondo o grupo também membros da Cáritas, membros da comissão de Direitos Humanos da OAB-CG e pesquisadores na área de imigração. Destaco que todas as pessoas com as quais interagi sabiam que pesquisava sobre a temática, mas que

para além desse compromisso da pesquisa, também existia um compromisso humanitário da minha parte, também em contribuir nas ações e campanhas de auxílios aos migrantes.

As narrativas presentes no grupo do *whatsapp* formado pelo grupo de ajuda aos migrantes e cuja a presença majoritária eram de pessoas que interagiram presencialmente com os migrantes venezuelanos, divergem das narrativas presentes em alguns jornais da cidade, bem como divergem de alguns discursos presentes nas redes sociais à época. Destaco que, as informações compartilhadas no grupo, o qual eu também fazia parte e que foram utilizadas nessa pesquisa preservou de forma ética os anonimatos das fontes. Ademais, o uso das informações discutidas e compartilhadas no grupo nessa pesquisa, possui como foco discutir sobre as experiências desses migrantes na cidade, como membro do grupo e pesquisadora, possuía autorização para tal. O objetivo das pessoas participantes desse grupo tinha como foco auxiliar esses migrantes que chegavam à cidade de Campina Grande.

Os migrantes venezuelanos foram descritos com desconfiança por parte da mídia e por alguns campinenses em redes sociais, a exemplo dos casos que destacamos abaixo. Parte dessas desconfianças, em especial, se deram pela forma que os migrantes chegaram à cidade. Os migrantes se deslocaram de carro alternativo (táxi) de Recife para Campina Grande. Esse fator foi muito condenado por parte da sociedade campinense, dado o estranhamento, da possibilidade de pessoas que precisam de auxílio ou pedem ajuda nas ruas se deslocando de carro, mesmo que alternativo. O julgamento dado a esse fator foi como se esse fato fosse um exemplo de que eles não eram necessitados, nem precisavam de auxílio, “os venezuelanos estão chegando à Campina Grande de táxi...”, então porque pedem nas ruas? tal pensamento dá-se provavelmente pelo fato de que a população local não estava habituada com o fluxo de migrantes internacionais em situação de vulnerabilidade e as questões que lhe eram próprias.

Abaixo prints de uma reportagem local, divulgada via *instagram*, e os comentários na mesma rede social oriundos da mesma reportagem, explicitando o contexto da cidade acerca dessa novidade, a migração venezuelana, de migrantes “não ideais” e os julgamentos de parte da sociedade campinense acerca dessa migração.



Figura 15- Print 01 da Reportagem do Blog de Marcio Rangel.  
Fonte: Instagram do Blog de Marcio Rangel, acesso em 11/03/2020.

**blogdomarciorangel** O Blog do Márcio Rangel trouxe há alguns dias uma reportagem destacando a Paraíba como o local da tão sonhada paz de alguns venezuelanos que fugiram da crise que atinge seu país e encontraram refúgio no nosso estado.

Entre Campina Grande e João Pessoa, o último levantamento apontava que cerca de 250 refugiados estavam vivendo em terras paraibanas. Esse número continua crescendo e teve seu primeiro registro no ano de 2017.

Além da Fazenda do Sol, em Campina Grande, a Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas), também oferece abrigo e acolhida aos venezuelanos.

Um vídeo enviado por um leitor do Blog na manhã desta terça-feira (04), mostrava um grupo desses refugiados abrigados nas dependências do Terminal Rodoviário de Passageiros Senador Argemiro de Figueirêdo.

Figura 16- Print 02 da Reportagem do Blog de Marcio Rangel.  
Fonte: Instagram do Blog de Marcio Rangel, acesso em 11/03/2020.

---

Na busca da informação de qual tipo de encaminhamento seria dado há esses cerca de 30 venezuelanos, entre homens, mulheres e crianças, nós conversamos com o Coordenador da Unidade de Acolhimento Semas, nomeada de Irmã Zuleide Porto, Kelvin Campos.

Ele revelou que na verdade, essas famílias refugiadas, estão negando o apoio oferecido pela Secretaria. Segundo kelvin, pelo fato de estarem sendo ajudados por vários campinenses, esses refugiados preferem permanecer na rua ao invés de ser acolhido pela casa Irmã Zuleide Porto. Falando em nome da Semas, Kelvin afirmou que eles acreditam que o fato de não querer apoio representa um tipo de comércio e arrecadação de fundos.

Figura 17- Print 03 da Reportagem do Blog de Marcio Rangel.  
Fonte: Instagram do Blog de Marcio Rangel, acesso em 11/03/2020.

---

Esses venezuelanos estariam inclusive se deslocando em rota entre Campina Grande, João Pessoa e até a capital pernambucana, Recife para fomentar ainda mais a prática.  
Kelvin revelou também que muitas dessas famílias, aceitam a acolhida, porém permanecem apenas por uma noite na sede de acolhimento da Semas e já voltam para as ruas.

Ainda de acordo com Kelvin, esse traslado dos refugiados entre as três cidades apontadas estaria sendo feito de táxi e, em algumas abordagens da equipe da Semas, alguns deles mostram sacolas cheias de dinheiro arrecadados nas ruas da cidade.

REPORTAGEM: VICTOR SILVA

Figura 18- Print 04 da Reportagem do Blog de Marcio Rangel.  
Fonte: Instagram do Blog De Marcio Rangel, acesso em 11/03/2020.

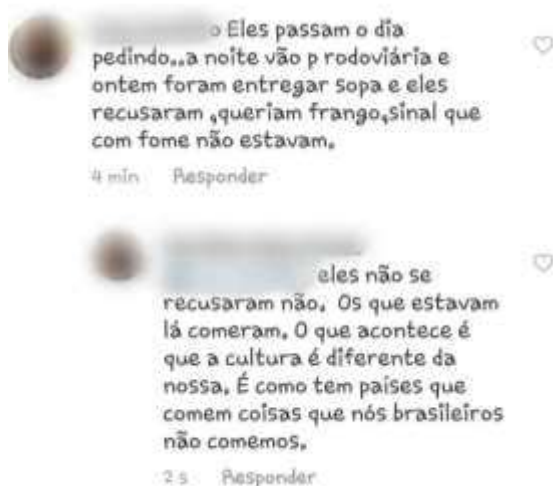


Figura 19- Print 01 dos Comentários da Reportagem do Blog de Marcio Rangel.  
Fonte: Instagram do Blog de Marcio Rangel, acesso em 11/03/2020.

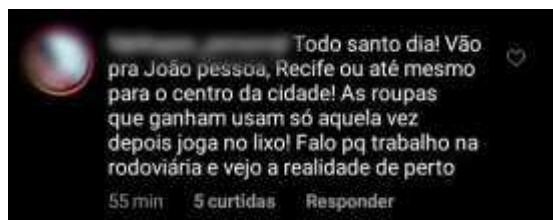


Figura 20- Print 02 dos Comentários da Reportagem do Blog de Marcio Rangel.  
Fonte: Instagram do Blog de Marcio Rangel, acesso em 11/03/2020.

Participando de uma das reuniões do grupo de ajuda aos venezuelanos, compartilho abaixo uma das falas de uma das integrantes que interagia com os migrantes e acompanhava a realidade dos mesmos de perto. A fala se refere ao vídeo compartilhado por um campinense mostrando os venezuelanos descendo do carro/táxi na rodoviária de Campina Grande, que foi compartilhado no blog da reportagem anteriormente citada:

*"Cadê que o homem mostrou a cara? Cadê que perguntaram aos próprios sobre o táxi, para eles explicarem que foi o prefeito de Recife que pagou o táxi. Cadê que falam pq recusaram ajuda, pq o intuito da maioria é ir embora, e que não querem ficar presos em abrigos, pois são livres. Cadê que falam que eles pedem pq até hoje estavam pagando 12,00, 15,00 por cada bagagem diária, deixada na rodoviária, e banhos de 5,00. Fora alimentação durante o dia, pois nós entregamos só a noite".*

Analisando os prints acima expostos, o teor da reportagem e os comentários na mesma divergem da narrativa relatada no grupo de ajuda, composto por pessoas que iam em sua maioria presencialmente até a rodoviária prestar auxílio e interagir com os migrantes. De acordo com os membros do grupo de ajuda aos migrantes que iam até a rodoviária prestar

auxílio aos venezuelanos, esses não recusavam alimento. O que ocorria, por vezes, era terem preferência com relação à algumas comidas pela sua cultura e a alimentação do local de origem. Os migrantes também não jogavam as roupas que lhe eram doadas fora, também não ostentavam sacolas de dinheiro oriundo da coleta. Percebe-se, portanto, narrativas diferentes entre o discurso proferido no blog e nos comentários feitos sobre a reportagem e as narrativas dos membros do grupo que estavam convivendo de modo mais próximo aos migrantes.

Verifica-se que um dos fatores que trouxe incômodo para alguns campinenses com relação aos migrantes foi a vinda dos venezuelanos à Campina Grande de táxi e não de ônibus ou a pé como passa nos jornas sobre as crises migratórias mundiais. Tal estranhamento, partia da dedução de que se estão chegando de carro à cidade, então, não precisam de ajuda, estão querendo lucrar mediante a mendicância nas ruas. Fundando-se em parte por não saberem ou não observarem, práticas semelhantes de deslocamento vindo de nacionais que pedem ajudas nas ruas, além da novidade do fluxo internacional de migrantes de alta vulnerabilidade na cidade, bem como, por esse último ser de fácil destaque e observância de suas práticas pelo volume de pessoas, em deslocamento coletivo.

Refletindo-se sobre a escolha da forma de deslocamento, importante destacar as peculiaridades presente no deslocamento migrante. Nas viagens em ônibus de linha tanto de transportes municipais quanto interestaduais, há exigência de apresentação de documentação no guichê da compra da passagem, bem como, no embarque. Os táxis e carros que fazem transporte alternativo exigem apenas dinheiro para a realização das viagens, o que possivelmente torna a viagem menos burocrática para migrantes sem documentação.

O imigrante mostra-se, por vezes, como perturbador da ordem pública, “um corpo fora do lugar, que não se integra, de cuja superfluidade não se sabe como se livrar. Não tem direito de estar onde está. Continuamente é lembrado da sua inexistência decretada pelos outros (...) em torno dele reedificam constantemente a fronteira” (DI CESARE, p. 187, 2020). Essa reedificação de fronteiras encontra-se presente nas notícias citadas. O incômodo causado à parte da sociedade não provém de qualquer imigrante, e sim de imigrantes vulneráveis socioeconomicamente, tidos como migrantes não ideais, que não foram convidados a entrarem no país e na cidade. Destaco que a presença desses migrantes não ideais incomoda parte dos nacionais, principalmente os ultraconservadores, que buscam decretar inexistência aos migrantes ao nega-lhes cidadania e direitos.

Podemos refletir que há uma estigmatização com relação aos migrantes venezuelanos *Warao* em Campina Grande nos moldes traçados por Goffman, estigma como referência a um elemento depreciativo. Parte da sociedade local traça categorizações e atributos com relação aos migrantes *Warao*. De acordo com o autor, “o estigmatizado percebe cada fonte potencial de mal-estar na interação” (GOFFMAN, p. 19, 2004). Assim, nas relações sociais caracterizada por estigmas e categorizações é provável que a interação não se dê de modo agradável. Goffman explica que “a manipulação do estigma é uma ramificação de algo básico na sociedade, ou seja, a estereotipia ou o "perfil" de nossas expectativas normativas em relação à conduta e ao caráter” (GOFFMAN, p. 46, 2004). Nesse sentido disserta o autor que o setor de manipulação do estigma, pode ser considerado “como algo que pertence fundamentalmente à vida pública, ao contato entre estranhos ou simples conhecidos (...) cujo polo oposto é a intimidade” (GOFFMAN, p. 47, 2004). Nos casos citados, observa-se estigmatização dos migrantes, causando desequilíbrio e mal-entendidos nas interações locais.

Dentre os marcadores utilizados para a classificação dos migrantes e refugiados, a nacionalidade é muitas vezes usada como determinadora de comportamentos e formadora de estigmas, bem como das possibilidades de integração na sociedade nacional receptora. Sendo, por vezes, utilizada até para determinar as variações individuais em parâmetros econômicos, sociais ou afetivos. Observa-se a ideia de caráter nacional, também enquanto formador de estigma, na qual a possível reputação do país de origem na sociedade local, vira também a reputação do próprio migrante (SAYAD, 1998). Tais características acabam sendo arrastadas e procuradas nos seus corpos, bem como nas marcas de indicadores sociais da diferença, nos processos de integração e nas interações dos migrantes na sociedade receptora. Além disso, a nacionalidade mostra-se como valor que, na variação das circunstâncias, poderá ser potencializada ou diminuída, com o escopo de aproximação ou distanciamento dos sujeitos na sociedade. Essas relações sociais influenciarão no futuro desses indivíduos, nas interações e em seus processos de “integração” na sociedade que se encontram.

A afirmação: “você não é daqui” estigmatiza negativamente o estrangeiro, submete-o à inexistência política” (DI CESARE, p.183, 2020). No entanto, importante refletir que essa afirmação, atribui-se com relação aos migrantes estigmatizados, tidos como não ideais, marcados pelo racismo de raça, classe e origem. O “você não é daqui”, atribuído à um imigrante inglês que migrou para o Brasil para ser professor universitário, por exemplo, tem reflexos sociais, diferentes do: “você não é daqui” atribuído, por exemplo, aos *Waraos* que



chegam à cidade sem renda, sem documentação, carregando consigo ainda os estigmas atribuídos à sua etnia indígena, bem como ao seu País de origem: Venezuela.

Para além da afirmação “você não é daqui”, temos a pergunta: “por que você está aqui?”, de acordo com Di Cesare, “migrar é um pecado original pelo qual o migrante jamais deixará de responder”. “Quem emigra passa a vida toda sob julgamento” (DI CESARE, p.185, 2020). A experiência de justificativa do ato de migrar, mais uma vez é característica presente na vivência dos migrantes estigmatizados. De fato, o forasteiro, aquele que vem de fora, o outro, já carrega consigo um estigma do não pertencimento, em especial quando vulnerável, não documentado, negro ou indígena, oriundo de um país também estigmatizado e em crise econômica. Migrantes indígenas sul-americanos, a exemplo dos *Warao*, carregam consigo os estigmas herdados do racismo social presente no Brasil, do julgamento da elite branca com relação à migrantes vulneráveis, pobres e de descendência indígena, semelhante ao que acontece com os imigrantes negros e com os migrantes bolivianos no Brasil.

O estigma vinculado ao migrante “não ideal” está conectado a ideia e a construção da xenofobia, de acordo com Albuquerque “o medo e a rejeição ao estrangeiro, nasce, quase sempre, do estranhamento, da percepção da existência de uma estranheza, de uma hierarquia, de uma defasagem entre o que no Ocidente chamamos de a humanidade de uns e de outros” (ALBUQUERQUE, p. 16, 2016). O estranhamento e suspeita ao estrangeiro dá-se por “seus comportamentos, atitudes, códigos de valores não obedecerem às mesmas regras que definem aquela cultura que o está recepcionando” (ALBUQUERQUE, p. 9, 2016). O referido estranhamento é potencializado quando se trata de migrantes “não ideais” e estigmatizados.



Figura 21 - Migrante venezuelano vendendo água em Campina Grande-PB.  
Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.

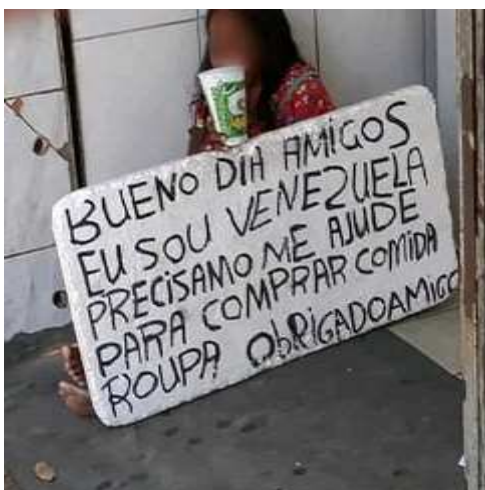


Figura 22 - Senhora migrante venezuelana fazendo coleta em Campina Grande-PB.  
Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.

Na fotografia 21 está presente um migrante vendendo água também no centro de Campina Grande. Na imagem, verifica-se que ele destaca sua origem no cartaz pregado ao isopor, possivelmente com o intuito de que essa identificação o ajude a vender suas águas. Na imagem 22 temos uma idosa coletando no centro de Campina Grande, segurando um cartaz com o pedido de ajuda e um copo para se colocar dinheiro. Os cartazes estão quase sempre presente nas coletas, ajudando na comunicação, pois, poucos falam português, a maioria fala *warao* e alguns (a maioria homens e líderes dos grupos) falam um pouco de espanhol e português. Destaco também que a maior parte das atividades de coleta são feitas por mulheres.

Houve um notório estranhamento e julgamento de parte dos campinenses com relação aos migrantes venezuelanos indígenas, principalmente no que concerne a prática da coleta, esse posicionamento se mostra refletido por exemplo na notícia divulgada em fevereiro de 2020: “Mendicância: venezuelanos estão vindo a Campina Grande para obter alta lucratividade”. Na referida reportagem destaco a fala (do coordenador do cadastro único de Campina Grande) que retrata a visão presente na notícia:

*“O objetivo deles é, através da mendicância, ter uma alta lucratividade e que tem, de fato, dado resultado. Tanto é que o deslocamento que realizam de onde esteja, no caso de Recife para Campina Grande, é através de táxi. Não trato a situação como se fossem refugiados, pois, caso o fossem, teriam procurado as autoridades locais, policiais, federais, e recebido algum processo de regularização e refúgio, com documentação provisória e até possibilidade de emprego no país”* (PARAIBAONLINE, 2020).

Sobre a reportagem destacamos ainda:

ainda ressaltou que estas famílias estão infringindo leis nacionais, como a exploração de crianças e recém-nascidos, para sensibilizar a sociedade em fazer doações em dinheiro. Ele destacou que, há possibilidade dessas crianças não estarem vacinadas e, também, distantes da educação (PARAIBAONLINE,2020).

Merece destaque também a opinião abaixo, presente na reportagem:

*“Nossa proposta é na linha da responsabilização, pois os entes federais precisam identificar essas pessoas que estão em situação irregular e, se não há um processo de refúgio regularizado para mantê-los de modo legal no país, que se abra um procedimento de deportação e repatriação, justamente pelo fato de que devemos cumprir as leis locais para poder garantir um processo de atendimento humanitário para quem estiver numa posição de irregularidade”* (PARAIBAONLINE, 2020).

Na mesma direção de estranhamento com relação à conduta dos migrantes temos a reportagem: “Procuradora orienta que população observe conduta dos venezuelanos em CG”, nessa reportagem de fevereiro de 2020, destacamos a fala abaixo que sintetiza o conteúdo da notícia:

*“Pela informação que nos foi dada essas pessoas são pertencentes a uma tribo que se assemelha a uma tribo indígena venezuelana. Precisamos averiguar se isso é verdade e qual a intenção deles aqui. Pedi para a população prestar atenção com relação à conduta deles se vieram para trabalhar ou angariar valores. Sei que é uma questão humanitária, os órgãos públicos já propuseram acolhimento através de abrigos e comida. Eles recusam”* (PARAIBAONLINE, 2020).

As reportagens e opiniões retratadas acima representam uma desconfiança de parte da sociedade campinense com relação aos migrantes venezuelanos recém chegados à cidade e suas práticas, principalmente a de coleta. As referidas falas nos leva a refletir sobre a criação de uma visão do “outro”, do migrante, enquanto ameaça, enquanto suspeito a ser observado, avaliado e julgado pela sociedade receptora.

Sobre o não pertencimento, ou a dupla inexistência, disserta Sayad, em seu texto de 1999, “A dupla ausência, das ilusões do emigrante aos sofrimentos do imigrante”, de acordo com Sayad o migrante “não existe” no local de chegada, onde é rejeitado, e “não existe” no local de partida, onde está ausente. A ideia de existência aqui presente, não corresponde a existência física, e sim, a ideia de não existência, por negação de cidadania, direitos e o boicote de elementos mínimos para vivência em sociedade, uma tentativa de apagamento político dos migrantes.

De acordo com Sayad, existiria, pois, uma condição paradoxal do emigrado-imigrante, “presente onde está ausente e vice-versa(...) A cisão espacial reverbera também temporalmente a vida: a vida é postergada em uma provisoriade que acaba por se tornar duradoura. À espera de viver quase em trânsito” (SAYAD *apud* DI CESARE, p. 187-188,

2020). Ante a característica de provisoriedade duradoura e de dupla ausência, que gera não pertencimento, o emigrado-imigrante é “constrangido a justificar a sua existência em todo lugar(...) deve legitimar a todo momento a si próprio e aos outros(...) uns o acusam de traição, de abandono, de desonestidade, e outros de perturbação, intromissão e desordem (DI CESARE, p. 188, 2020). O incômodo social proporcionado pelo emigrado-imigrantes, é paradoxalmente causado pela sua existência, a sua não existência é atribuição social aos mesmos, na tentativa de apagamento sócio-político daqueles que incomodam socialmente.

Sobre a precariedade, Butler, destaca que, ela se manifesta no viver social, a condição de precariedade seria “uma questão material e perceptual, visto que, aqueles cujas vidas não são “consideradas” potencialmente lamentáveis e, por conseguinte, valiosas, são obrigados a suportar a carga da fome, do subemprego, da privação de direitos” (BUTLER, p. 46, 2019).

Abaixo as fotografias capturadas no segundo local que serviu de abrigo aos migrantes: o sindicato dos urbanitários no centro de Campina Grande. O local foi cedido pelo diretor do sindicato para servir de alojamento aos migrantes.



Figura 23 - Migrantes venezuelanos no Sindicato dos Urbanitários em Campina Grande-PB.  
Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.



Figura 24 – Senhora migrante venezuelana no Sindicato dos Urbanitários em Campina Grande-PB.  
Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.



Figura 25 - Senhor migrante venezuelano no Sindicato dos Urbanitários em Campina Grande-PB.  
Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.



Figura 26 - Migrantes venezuelanos na área externa do Sindicato dos Urbanitários em Campina Grande-PB.  
Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.

As imagens 21 a 24 mostram a heterogeneidade do grupo de migrantes que ficaram abrigados no sindicato dos urbanitários, de crianças à idosos, mulheres e homens, também mostram a estrutura do local, que também não era apropriada para um alojamento de famílias, mas que foi o local que se dispôs a abrigá-los.

Em visita ao local, em março de 2020, tive um diálogo breve com um dos migrantes, que relatou que a vinda para Campina Grande se deu porque estavam com muitas dificuldades para se manterem em Recife, que lá já tinha muitos migrantes e que não conseguiam doações, nem local para ficarem, estando difícil de sobreviver na metrópole pernambucana.

Destaco que durante o período que os migrantes estavam no sindicato dos urbanitários, teve início a pandemia COVID-19, o que tornou a situação deles, ainda mais delicada. O grupo de ajuda e representantes da comissão de Direitos Humanos da OAB-CG, iam até o local alertá-los sobre os riscos de saírem para coleta e sobre o uso de máscaras. Durante o período que lá ficaram, eles sobreviveram de doações. Após, houve a disponibilização pela Prefeitura de Campina Grande do local em que está instalado o SCFV- Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, em Bodocongó, para alojamento dos migrantes.



Figura 27 - Migrantes venezuelanos com doações no abrigo de Bodocongó em Campina Grande-PB. Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.



Figura 28 - Migrantes venezuelanos oriundos de Recife na entrada do abrigo de Bodocongó em Campina Grande-PB. Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.

A fotografia 27 deu-se já durante o período de pandemia COVID-19, em final de abril de 2020, quando os migrantes Warao já estavam no abrigo de Bodocongó, a imagem retrata os migrantes recebendo doações de alimentos. Na fotografia 28, tirada também em 2020, está retratado um grupo de migrantes que havia vindo de Recife para o abrigo de Bodocongó. Na fotografia, o carro que os trouxe, as sacolas e malas com os pertences deles e parte dos migrantes aguardando para serem autorizados a entrar no abrigo, em virtude da pandemia COVID-19, por terem vindo de outro estado, eles ficaram aguardando serem autorizados a entrar. Aos migrantes que já estavam no abrigo era aconselhado pelos órgãos (OAB/CG e SEMAS) a permanência no abrigo, em virtude da pandemia e suas possibilidades de contaminação, apesar do aconselhamento, muitos saíam ainda as ruas para coletar, provavelmente, dado o volume de pessoas que estavam no abrigo e as necessidades de subsistência dos mesmos.



Figura 29 - Migrantes Venezuelanos realizando teste rápido de COVID-19 no abrigo de Bodocongó em Campina Grande-PB. Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.



Figura 30 - Migrante Venezuelana tomando vacina da gripe no abrigo de Bodocongó em Campina Grande-PB. Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.

As imagens 29 e 30 de maio de 2020 retratam visita ao abrigo realizada por agentes de saúde para a realização de teste rápido de COVID-19 nos migrantes e aplicação da vacina H1N1. A medida gerou notícias nos jornais locais, das quais destacamos a notícia abaixo e o comentário a mesma pelos prints a seguir.



Figura 31- Print de reportagem sobre a realização de testes de covi-19 e aplicação de vacina H1N1 nos migrantes venezuelanos que estavam no abrigo (SCFV) de Bodocongó. Fonte: Clickpb



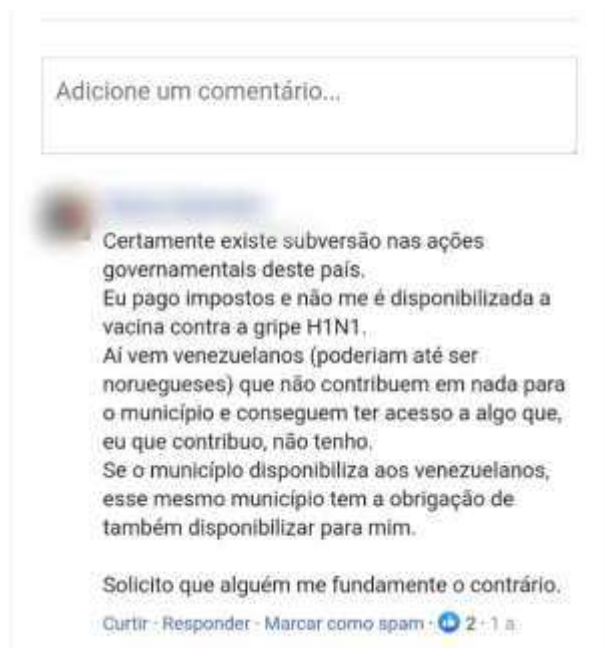


Figura 32 – Print de comentário feito por leitor à reportagem sobre a realização de testes de covi-19 e aplicação de vacina H1N1 nos migrantes venezuelanos que estavam no abrigo (SCFV) de Bodocongó.

Fonte: Clickpb

Quanto as imagens 31 e 32, destaco o comentário feito à reportagem, retratado no print da figura 32. O comentário retrata a insatisfação do leitor com relação a medida destinada aos migrantes venezuelanos, o mesmo argumenta que paga impostos e que não é disponibilizada para ele a vacina da gripe H1N1, de acordo com o mesmo: *“Ai vem venezuelanos (poderiam até ser noruegueses) que não contribuem em nada para o município e conseguem ter acesso a algo que, eu que contribuo, não tenho”*. Argumentando que se o município disponibiliza aos venezuelanos esse mesmo município tem a obrigação de também disponibilizar a ele, brasileiro. O comentário representa uma visão acerca das medidas destinadas aos migrantes, com a interpretação de que primeiro tem que se priorizar os nacionais, e que os estrangeiros devem contribuir de alguma forma para poder terem acesso aos mesmos direitos que os nacionais. O *“poderiam até serem noruegueses”*, tenta demonstrar que não é por serem venezuelanos, mas a frase em si já se mostra carregada de xenofobia.

A testagem de COVID-19 dos migrantes que estavam no abrigo não era realizada com frequência. Houveram casos constatados, como o caso de uma migrante grávida que ao dar entrada para o parto, foi detectado que a mesma estava com COVID-19, era assintomática e o bebê nasceu sem sequelas, ambos ficaram bem, apesar do susto do diagnóstico. Quanto a esse contexto de pandemia, destaco que as estatísticas nacionais e locais divulgadas pelos meios de

comunicação, não traziam e nem trazem na atualidade, a porcentagem de migrantes contaminados ou que vieram à óbito por COVID-19, nem destaque quanto as nacionalidades.

Ainda dentro do contexto de saúde destaco o caso da adolescente *Warao* de 16 anos que veio a óbito em Recife, mas que anteriormente havia estado em Campina Grande. Abaixo trago a reportagem para refletirmos:

*Em meio à miséria, a morte de uma adolescente durante o final de semana do feriadão levou os indígenas venezuelanos da etnia Warao que vivem no Recife a enfrentarem a burocracia e os impasses legais. A menina de 16 anos, morreu na noite de sábado, 31 de outubro, numa casa em Santo Amaro onde vivem mais de 30 pessoas de seis famílias, deixando os indígenas atônitos, sem saber o que fazer. Os pais e irmãos de garota estavam na Paraíba, de onde a menina veio na terça-feira, dia 27. Doente há três meses, ela foi enviada pela família para fazer um tratamento espiritual com o xamã do grupo. Segundo um dos caciques, ela não tinha sintomas de Covid-19, mas sim fortes dores abdominais e torácicas. Embate entre a lei brasileira e a cultura indígena: os policiais queriam chamar o IML imediatamente, mas os Warao não queriam permitir sem que houvesse um ritual de despedida. Foi preciso acionar a Defensoria Pública da União (DPU) negociando um acordo para que a retirada do corpo acontecesse após a chegada dos parentes e a cerimônia, que acabou sendo realizada conjuntamente pelo xamã e um padre católico. No meio da tarde, o IML retirou o corpo, mas o modo como isso foi feito revoltou os Warao. ‘Para nosso povo, o corpo da pessoa morta é sagrado, é o que há de mais sagrado, mas os homens do IML simplesmente jogaram o corpo da menina na bandeja, sem respeito nenhum. E tudo na frente de nós todos, inclusive os pais dela. Isso causou mais dor’, queixou-se o xamã. Às 12h de segunda-feira, 2 de novembro, os caciques, os pais da menina e voluntários da rede de apoio ainda aguardavam a liberação do corpo para reconhecimento e a informação da causa mortis. ‘Se dá pra pensar numa causa morte, me parece ter relação com os limites do modelo de acolhimento aos migrantes e, em especial, aos indígenas migrantes, que o Brasil assume hoje, unido ao racismo estrutural da nossa sociedade’, desabafou a professora Carol Leite. (MARCOZERO, 2020).*

A reportagem acima, nos evidencia a precariedade de acolhimento dos migrantes indígenas, a vulnerabilidade a que estão submetidos, bem como a dificuldade que nossas instituições públicas tem em lidar com culturas diferentes. Bem como embate cultural em destaque na interação entre os *Waraos*, os agentes e o IML. De um lado os *Waraos* querendo efetuar o ritual de despedida do corpo da adolescente, do outro os policiais querendo chamar logo o IML, e por fim, o choque cultural entre os *Warao* e o modo como o IML lida com os corpos vindos a óbito. Por fim, a professora Carol, sintetiza bem o embate em torno desse fato: “*Se dá pra pensar numa causa morte, me parece ter relação com os limites do modelo de acolhimento aos migrantes e, em especial, aos indígenas migrantes, que o Brasil assume hoje, unido ao racismo estrutural da nossa sociedade*”. Depois soube-se que a suspeita da

causa da morte da adolescente foi tuberculose, doença que se cuidada e diagnosticada com antecedência tem auto índice de cura sem sequelas.

A seguir, compartilho mais relatos e imagens do campo de pesquisa. A fotografia 33, foi tirada por mim, na primeira visita ao local em que os migrantes estavam alojados em Bodocongó, na ocasião fui acompanhada de outras integrantes do grupo de ajuda. Durante a visita apenas fiquei observando e ajudei na entrega das doações que havíamos arrecadado para uma das migrantes que estava para ter bebê. O líder do grupo nessa visita relatou a superlotação do espaço, a falta de alguns alimentos e a falta de gás, em virtude do número de pessoas que lá estavam. Além da migrante que estava próxima de ter bebê, também havia outra migrante grávida no local. A visita foi em junho de 2020, a maioria dos migrantes usava máscara no momento dessas interações com o pessoal do grupo de ajuda.



Figura 33 – Migrantes venezuelanos no abrigo de Bodocongó em Campina Grande-PB.  
Fonte: Fotografia da autora.



Figura 34 - Migrante *Warao* dando entrevista à imprensa local.  
Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.

Na imagem 34, tirada em junho de 2020, o líder do grupo de migrantes *Warao* que estavam no abrigo de Bodocongó dá entrevista para imprensa local falando acerca das necessidades do grupo que estavam alojados no abrigo. O mesmo era o que falava melhor português do grupo.



Figura 35 - Migrantes venezuelanas e crianças no abrigo do Jeremias em Campina Grande-PB.  
Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.



Figura 36- Migrantes venezuelanas e crianças no abrigo do Jeremias em Campina Grande-PB.  
Fonte: Grupo de Ajuda aos Migrantes Venezuelanos.



Figura 37 – Migrantes venezuelanos recebendo doações e brinquedos no abrigo do Jeremias em Campina Grande-PB. Fonte: fotografia da autora 2020.

As fotografias 35 a 37 foram tiradas no 4º local que passou a servir de abrigo aos migrantes venezuelanos *Warao*, trata-se de uma escola desativada que fica no bairro do Jeremias, que foi cedida pela prefeitura de Campina Grande para ser abrigo dos migrantes venezuelanos, essa escola continua a ser o abrigo dos mesmos até os dias de hoje.

Destacamos que dentro da própria cidade de Campina Grande, eles percorreram vários bairros e locais de alojamentos, há uma dinamicidade de locais e de fluxo de migrantes, com frequência muitos partem para outras cidades e outros chegam à Campina Grande. O período em que houve principalmente o fluxo de chegada dos migrantes venezuelanos na cidade foi no final do ano de 2019 e no ano de 2020, o ano de 2021 foi caracterizado pela saída dos migrantes venezuelanos *warao* de Campina Grande para outros destinos.

Os percursos dos *Waraos* para outras cidades e estados próximos, em virtude das redes de contato de suas tribos e em busca de melhores condições de vida, gera um fluxo dinâmico de migrantes entre as cidades e estados brasileiros. A característica de dinamicidade mostra-se presente até mesmo quando os migrantes chegam a uma cidade tida como a de destino, como no contexto apresentado dos migrantes *warao* da nossa pesquisa, o fluxo permaneceu dinâmico, seja entre bairros da própria cidade, seja para outras cidades e estados, para além do percurso migratório da saída do país de origem ao local de destino: Brasil. O ponto de chegada nem sempre é perene, muitas vezes as buscas e os caminhos a serem

trilhados continuam, o movimento permanece, pela busca de um local melhor para viverem e se estabelecerem.

Passado mais de um ano do fluxo migratório dos *Warao* para Campina Grande. Os migrantes mais vulneráveis que na cidade se encontram ainda não estão instalados em um local adequado. O abrigo que se encontra no bairro do Jeremias é uma antiga escola que estava sem uso e que foi improvisada para receber os migrantes. No final do ano de 2020, tinha em torno de 60 migrantes *Warao* no abrigo, dentre esses: mulheres, homens, meninos, meninas, bebês e idosos, ou seja, um grupo heterogêneo de pessoas, com necessidades diversas. Ao meio do ano de 2021, resta na cidade, no referido abrigo, 8 migrantes, desses, 6 adultos, uma criança e um bebê, os demais migrantes *Warao* partiram para outros destinos.

Sobre esse esvaziamento também destaco a narrativa de alguns migrantes que estavam no abrigo no final de 2020, acerca do adoecimento de alguns deles, que foi atribuído por eles à um feitiço de um cacique rival do grupo que estava na cidade, eles acreditavam que por isso alguns migrantes estavam adoecendo, a maioria dos migrantes que adoeceram procuravam tratamento espiritual com pajés *Waraos* nas cidades de Natal e Recife. Em conversa com uma das integrantes da CDH da OAB/CG, ela me informou que a suspeita era de um possível surto de tuberculose no abrigo e que já havia notificado a secretaria de saúde do município para que eles tomassem providências.

Ao Observarmos o fluxo migratório venezuelano em Campina Grande, de 2019 a 2021, período de realização da pesquisa, restou evidenciado a fluidez do presente fluxo, principalmente dos *Warao*. O fluxo migratório dos *Warao* em Campina Grande é marcado por chegadas e partidas, em busca do que procuram desde que saíram de sua terra de origem: melhores condições de vida.



Figura 38– Migrante venezuelana sentada na calçada do centro de Campina Grande realizando coleta. Fonte: fotografia da autora 2021.



Figura 39 – Migrante venezuelana sentada na calçada do centro de Campina Grande com seu bebê, após realizar a coleta. Fonte: fotografia da autora 2021.



Figura 40 – Senhora migrante venezuelana com um bebê na calçada do centro de Campina Grande pedindo ajuda. Fonte: fotografia da autora 2021.



Figura 41 – Senhora venezuelana no centro de Campina Grande realizando coleta. Fonte: fotografia da autora 2021.



As fotografias 38 a 41 foram tiradas por mim, em 2021, durante percurso no centro de Campina Grande em busca dos *Waraos* que estavam fazendo coleta, para conversar com os mesmos. Como já pode ser observado ao longo dessa dissertação, optei pela escolha do termo utilizado pelos migrantes: coleta, no que se refere a prática de pedido de ajuda nas ruas. Tal escolha dá-se pela reflexão de que é a conotação que melhor se adequa à prática, que acompanha os *Waraos* desde à época que eram extrativistas em sua terra natal. Além disso, remete a perspectiva do migrante com relação as suas próprias ações e o sentido que tem para eles a mesma.

As migrantes que encontrei eram todas mulheres e estavam com um bebê no colo, usavam máscaras de pano, em virtude do contexto de pandemia. A migrante retratada na fotografia 38 e 39, era jovem, com menos de 20 anos e o bebê que segurava era dela, trajava uma roupa típica, estava sentada na calçada com o bebê e o copo de coleta, fotografia 38. Na imagem 39, a mesma estava em outro setor do centro da cidade, com aparência de cansada, também sentada na calçada de uma loja, sendo ignorada pelos brasileiros que estavam por perto (durante o período que a observei).

As imagens 40 e 41 retratam uma senhora migrante *Warao* coletando no centro da cidade, a mesma estava com o bebê que era de outra migrante que havia saído. Perto da migrante existia uma placa com o pedido de ajuda e uma caixa de leite improvisada como copo para coletar as possíveis doações. Ela estava sentada em um pedaço de papelão e perto dela existia uma doação de lenço umedecido para o bebê, a senhora usava uma máscara de pano e não possuía a visão de um dos olhos, também falava muito pouco, respondendo às perguntas mais com gestos ou com um portunhol um pouco difícil de compreender.

As imagens 38 a 41, exemplificam a maior presença feminina nas coletas e também desconstroem a ideia divulgada pela mídia de “mendicância de alta lucratividade”. As migrantes retratadas não aparentavam obterem alta lucratividade com a coleta, pelo período que observei poucas pessoas contribuíram na caixinha de coleta das mesmas. O que estava presente no período observado foram muitos olhares de reprovação por parte dos brasileiros dirigidos às migrantes.



Figura 42 – Migrantes venezuelanas no abrigo do Jeremias, Campina Grande-PB. Fonte: fotografia da autora 2021.



Figura 43 – Migrantes venezuelanas, criança migrante e bebê nascido em Campina Grande, no abrigo do Jeremias. Fonte: fotografia da autora 2021.



Figura 44 – Migrante venezuelano e a horta que está sendo construída no abrigo do Jeremias, Campina Grande-PB. Fonte: fotografia da autora.



Figura 45- Artesanato *Warao* em Campina Grande- PB. Fonte: Print da autora 2021.

Descrição: Print de publicação dos *Waraos* no *status* do *whatsapp* divulgando o artesanato feito por eles.

As imagens 42 a 44 foram registradas por mim no abrigo do Jeremias, durante uma das visitas ao abrigo em julho 2021. Na fotografia 42 estão presentes sentados num colchão uma senhora migrante, deficiente visual (não possuía a visão de um dos olhos) que consertava uma roupa e ao seu lado outra migrante, jovem e já mãe de um bebê nascido aqui em Campina Grande, eram as mesmas migrantes que havia encontrado outro dia nas coletas no centro da cidade. Na fotografia 43, estão presentes as duas migrantes da fotografia anterior, o bebê filho da jovem migrante e a irmã dessa jovem migrante: a criança presente no centro da fotografia. Na imagem 44, um senhor migrante me mostra com orgulho a horta que estavam

começando a fazer no abrigo, antes disso ele havia apontado para umas sacolas que estão perto de uma árvore, mostrando que estavam limpando o quintal do abrigo, no quintal me mostrou os milhos e as mandiocas que haviam plantado. A imagem 45, consiste em print de novembro de 2021 de publicação feita no *whatsapp* dos *Waraos* divulgando o artesanato feito por eles em Campina Grande-PB. As peças são bem coloridas e todas feitas manualmente pelas migrantes.

Das descrições e observações de campo, podemos aferir que se trata de um contexto de pesquisa bastante dinâmico, com fluxos de chegada e saída de migrantes, mudanças de locais de alojamento e uma heterogeneidade de vivências e pessoas. Observa-se que as principais interações desse grupo de migrantes foram com os brasileiros do grupo de ajuda que os auxiliaram, os profissionais da prefeitura da SEMAS, os profissionais de saúde do SUS (principalmente as migrantes que tiveram bebês aqui na cidade), os membros da Comissão de Direitos Humanos da OAB/CG, os servidores públicos da polícia federal quando precisaram regularizar suas documentações, as pessoas que interagiram quando estavam coletando principalmente no centro da cidade e os membros de ONGs que visitaram os abrigos.

Quanto à teoria sobre interação social, para Schutz, a interação envolve a ação social de pelo menos duas pessoas que se orienta uma em relação à outra. Esta orientação estaria presente tanto com relação ao nacional quanto com relação ao migrante. Nesse sentido, a vivência da vida cotidiana, significaria viver em envolvimento interativo e em complexas redes de relacionamentos sociais. Destaca ainda o autor que os indivíduos se orientam nas situações da vida, da experiência que armazenou e do estoque de conhecimento que tem. O ambiente de interação possuiria objetos e eventos notados pelas partes que se relacionam, embora com possíveis pontos de vistas diferentes, cada pessoa possui a carga de sua própria experiência da situação, da qual a outra pessoa é parte (SCHUTZ, 1979). Os processos interativos dos migrantes venezuelanos e dos campinenses seriam assim, permeados por orientações reflexas de cargas de conhecimento e experiências, bem como, de cargas de não conhecimento e estigmatização.

Nos contatos pessoais diretos, de acordo com Goffman, dá-se nas interações condições únicas, dando destaque a importância da fachada, a fachada seria um valor social que o indivíduo assume em contato com o outro. Nos encontros sociais as pessoas tenderiam a desempenhar uma linha, um padrão de atos verbais e não verbais, por meio desses ela expõe sua opinião e será avaliada pela impressão com que os outros participantes da interação

formaram sobre ela. “A fachada é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, p. 13-14, 2011). O uso de sinais e símbolos representam valores sociais e avaliações mútuas, muitas vezes por coisas pequenas, um olhar, um tom de voz (GOFFMAN, 2011). Destacamos a importância que a observância das minúcias do ritual da interação especialmente quando se trata de indivíduos de grupos sociais distintos, a exemplo dos migrantes e nacionais. Há fatores peculiares nesse tipo de interação, a dificuldade de compreensão da linguagem verbal, visto que não falam a mesma língua, fator que dificulta a interação, atribui maior relevância aos gestos, sinais e símbolos na interação social.

Ante o que foi exposto, observamos uma divergência entre alguns discursos locais, propagados em mídias jornalísticas e redes sociais e as narrativas das pessoas que estavam convivendo mais de perto com os migrantes venezuelanos *Waraos*. Optamos nessa pesquisa por ouvir as narrativas dos migrantes, tanto dos não indígenas/urbanos quanto dos *Waraos*, diálogos que traremos no Capítulo 3 e que nos auxiliarão a compreender esse mosaico da migração venezuelana em Campina Grande e os apontamentos que emergem dessas observações e análises.

## **CAPÍTULO 3 – Trilhas e análises direcionadas pelas entrevistas e interações com os migrantes.**

### **3.1 Das entrevistas e dos interlocutores.**

#### **3.1.1 Métodos das entrevistas.**

Nessa pesquisa optamos por entrevistar apenas os migrantes, nosso objetivo é obter através dessas conversas com os migrantes suas perspectivas acerca de suas vivências migratórias. Partindo do entendimento de que a interpretação e a formação de significados se formam através dos processos interativos e estão em continua modificação (ROSENTHAL, 2014). As entrevistas com os migrantes se mostram primordiais para entendermos suas experiências e narrativas e o que elas têm a nos apontar. Na medida que se analisa experiências de indivíduos, se acessa dados e elementos que não dizem respeito apenas a eles, mas que podem também serem tratados como categorias que indicam dados gerais, que

indicam fatos, características e vivências que determinam regularidades mais gerais de processos sociais (ZANIECKI *apud* ROSENTHAL, 2014). Sociedade e indivíduo se afetam mutuamente, devendo a primeira ser compreendida enquanto realização por parte dos indivíduos e estes compreendidos a partir das sociedades que são membros, ou que estão sendo membros (MELTZER *apud* ROSENTHAL, 2014), uma relação dialética de mútua afetação.

Destacamos que o fenômeno migratório possui dimensões e características específicas, próprias, “mas também os próprios imigrantes moldam suas formas de relação com a sociedade de acolhida e suas percepções sobre si mesmo” (ETCHEVERRY *apud* JARDIM; LÓPEZ, p. 68, 2013). Por isso, é importante enxergarmos a visão deles sobre os fatos sociais dos quais são partes.

Nossos interlocutores foram migrantes venezuelanos, não indígenas/urbanos e indígenas *Waraos*, os diálogos estabelecidos se encaixam nas categorias de entrevistas narrativas e semiestruturadas. Entrevistas narrativas pela característica metodológica de ouvi-los e a partir das narrativas estabelecer perguntas ao longo da conversa. Entrevistas semiestruturadas pela metodologia de ter previamente ao contato com os migrantes pensado junto com meu orientador perguntas a serem feitas, uma espécie de roteiro de perguntas que seria interessante para a pesquisa e que poderiam ser feitas ao longo das conversas, a depender da abertura comunicativa dada pelo migrante na conversa, a partir das perguntas ia percebendo quais os assuntos eles se sentiam mais à vontade em falar e continuávamos a conversa.

Importante destacar que o mundo social construído e representado, possui uma estrutura de significados para os sujeitos que nele interagem. Desse modo, o pesquisador em meio à pesquisa social interpretativa trabalha observando as condutas e delas tecendo reflexões e construções de segundo grau, por meio da compreensão e interpretação daquelas feitas pelos atores sociais. Assim, esse mundo social em que o indivíduo está inserido desde o nascimento até os demais percursos de sua trajetória de vida é experienciado como uma rede de relacionamentos sociais. As estruturas e redes desse mundo social são compostas por signos e símbolos, com significados próprios para cada grupo social, bem como para as instituições sociais que controlam a vida em sociedade (SCHUTZ, 1979). Desejando melhor entender o mundo social e a rede de relacionamentos sociais que se estabelece em torno do

migrante venezuelano em Campina Grande, ouviremos o que eles nos têm a dizer sobre suas experiências migratórias através das entrevistas desenvolvidas nessa pesquisa.

As entrevistas com os migrantes venezuelanos não indígenas/urbanos deram-se via *whatsapp*, o contato com os mesmos foi através desse meio eletrônico e a conversa fluiu através do mesmo. Em virtude da Pandemia COVID-19, como foi possível a conversa por meio eletrônico, mantivemos assim, respeitando as medidas de segurança. O contato foi feito por mim em espanhol, ao longo das conversas, algumas entrevistas se encaminharam pro portunhol, as conversas foram via texto escrito. Inicialmente perguntei a todos os interlocutores como estavam e me apresentei enquanto pesquisadora, informando que tinha interesse em ouvir sobre sua história, sua experiência de imigração no Brasil e na Paraíba, em Campina Grande. Destaquei também no início da entrevista que seria preservada a identificação do migrante, mantendo o anonimato e que poderíamos conversar por *whatsapp* ou pessoalmente como eles preferissem, as entrevistas com eles fluíram adiante via *whatsapp*, em 2021.

As entrevistas com os migrantes venezuelanos *Waraos*, consistiu em entrevistas narrativas e deu-se de modo presencial, em todas as interações presenciais, mantive o distanciamento e usei máscara (visto que se deram durante a Pandemia COVID-19), apenas um dos interlocutores depois dialogamos via *whatsapp*. Pouquíssimos possuíam celular e acesso à internet (com frequência os que tinham celular, perdiam o chip por falta de créditos, logo os números telefônicos mudavam com frequência). No contato presencial, falei em espanhol, e depois em portunhol, eles entendiam melhor o portunhol que o espanhol, me apresentei, perguntei seus nomes, que serão preservados e não divulgados, pois, manteremos o anonimato deles preservado. Perguntei como estavam e as conversas seguiram curtas, e por vezes gesticulada para nos entendermos, visto que, a maioria não fala bem nem português nem espanhol. Dessas entrevistas descreverei também o local do encontro e os detalhes da interação.

### **3.1.2 Descrição dos contatos com os migrantes nas entrevistas.**

Desde o início da pesquisa tínhamos em mente, tentarmos conversar com um grupo heterogêneo de migrantes, de modo a refletir sobre a multiplicidade das experiências migratórias desses migrantes, evidenciando o mosaico que compõe a migração venezuelana

no nosso contexto de pesquisa, indo de embate a visão homogeneizadora acerca dos migrantes.

Com essa ideia de busca de uma amostra heterogênea de interlocutores, entramos em contato, mandando mensagens de texto (perguntando se topariam conversar sobre suas experiências migratórias, destacando a preservação do anonimato deles nas conversas) para 7 migrantes venezuelanos não indígenas/urbanos, cujos os contatos consegui, por meio do grupo de ajuda aos migrantes. Todos os contatos deram-se via *whatsapp*, desses 7 migrantes, 4 migrantes toparam conversar. Dos migrantes indígenas *Waraos* dos 6 adultos que contactei presencialmente, os 6 continuaram a conversa, curta, mas cuja a interação e o contexto em que estavam tinham muito a comunicar sobre suas experiências. Com relação aos *Waraos* as conversas se deram no centro de Campina Grande, enquanto faziam coleta e no abrigo em que estavam alojados, com um dos migrantes *Warao* manteve também contato via *whatsapp*. Sendo, portanto, nossa amostra composta pelas entrevistas com dez migrantes venezuelanos.

### **3.1.3 Dos interlocutores.**

Quanto ao perfil dos nossos interlocutores, desses dez migrantes, quatro são não indígenas/urbanos e seis indígenas *Waraos*. Consideramos como migrantes urbanos, aqueles que não são indígenas. Dessa amostra foram feitas entrevistas com uma mulher migrante e quatro homens migrantes, com faixas etárias diversas. Quanto aos *Waraos*, as entrevistas se deram com duas mulheres migrantes e quatro homens migrantes, com faixas etárias diversas.

## **3.2 Dos Desafios e cuidados éticos na pesquisa.**

A pesquisa sobre imigração por si, já é repleta de complexidades, desafios e peculiaridades. Nossa abordagem nessa pesquisa traz desafios mais intrincados por se tratar de migrantes transnacionais, advindos de uma migração forçada (mesmo aqueles que migraram por fatores econômicos), em sua maioria em situação de vulnerabilidade. Dentre os pesos e desafios das interações temos o fato de ser um grupo heterogêneo de pessoas estrangeiras, que passaram por diversas experiências durante seus processos migratórios e cuja abertura para a conversa sobre essas experiências não se dará de modo fluído, sem receio ou desconfianças.



Dentre os desafios e peculiaridades do fenômeno migratório contemporâneo está a sua grande visibilidade em determinados contextos sociais e sua quase total invisibilidade em outros. Bem como, as demais significações da imigração para a sociedade para além de números e porcentagens (ETCHEVERRY *apud* JARDIM; LÓPEZ, 2013). Sobre esses aspectos, observamos no Capítulo 2, situações em que os migrantes venezuelanos tinham grande visibilidade na cidade que estavam, e outras situações, em que eram invisibilizados, como por exemplo nos dados estatísticos de COVID-19, em que não se tinha divulgação dessas estatísticas junto aos demais dados dos nacionais divulgadas pelas mídias e secretarias de saúde. Outro ponto que podemos citar enquanto invisibilidade migrante é o fato deles não poderem votar no Brasil, não tendo, portanto, peso político de eleitor frente aos governantes. Os migrantes estão em território nacional, sendo submetido a leis nacionais, ao pagamento de impostos e taxas nas atividades sociais, mas não gozam de todos os direitos e potencialidades dos nacionais. Estão incluídos no território, mas não fazem parte do corpo social da mesma forma que os nacionais.

Para além dos desafios que são próprios da temática migratória e desse fluxo migratório venezuelano específico em Campina Grande, temos os desafios da pesquisa que foram ocasionadas pela Pandemia COVID-19. A exemplo da limitação de acesso ao campo de pesquisa, pela insegurança da pandemia e pelos *lockdowns* ocasionados pela mesma, que gerou limitação de contato presencial durante os picos da pandemia, para garantir a segurança dos migrantes e da pesquisadora. E posteriormente, os entraves das dificuldades de interações entre pessoas que não falam o mesmo idioma tentando se comunicar com o uso de máscaras em um contexto de pandemia.

Como desafio da pesquisa também se apresentou o estabelecimento de um grau de confiança com os migrantes, para que eles não se sentissem inseguros em conversar sobre suas experiências. Como forma de amenizar essa insegurança e dar a eles mais confiança para conversarem, optamos pelo anonimato dos nossos interlocutores migrantes, e afirmamos isso para eles no início das conversas.

O principal desafio das entrevistas presenciais foi a insegurança da pandemia e o uso de máscara, item imprescindível no momento que estamos, mas que dificultou a comunicação, por esconder parte da face, o que não possibilitava a leitura da face do interlocutor. No entanto, esse item essencial à segurança de todos os que estão em interação presencial, foi utilizado em todos os contatos presenciais. Já o principal desafio das entrevistas por *whatsapp*

foi o estabelecimento de um grau de confiança dos migrantes comigo, através de um meio virtual, de forma que eles se sentissem seguros em conversar sobre suas experiências.

Quanto aos cuidados éticos que ajudaram na quebra da insegurança, proporcionando uma relação de confiança, em que o migrante se sentisse mais confortável nas entrevistas, fizemos uso do anonimato e do respeito aos limites de cada interlocutor nas conversas. Nas entrevistas estabelecidas, não se insistiu em perguntas que não foram respondidas, tentando não ser invasiva nas entrevistas, deixando que os mesmos falassem apenas o que lhes fosse confortável de falar. De modo a respeitar os limites estabelecidos por eles durante a interação.

Há um destaque importante a ser feito quanto à afetação produzida pela experiência presencial em campo que corresponde ao fato de que “a presença corporal e material das pesquisadoras em campo produzem lugares de fala específicos, que afetam os modos de ver, fazer, pensar e escrever” (NASCIMENTO, p. 1, 2019). Refletindo sobre o abordado pela autora Nascimento, penso que minha experiência enquanto pesquisadora brasileira, de 33 anos, nordestina, produz lugares de fala específicos. Sobre tal problemática também reflete Marisa Peirano, ao teorizar que a pesquisadora também possui um corpo fronteiriço, marcado por sua biografia. Além disso, os enquadramentos e recortes da realidade que irá efetuar e interpretar ao longo da pesquisa são permeados pelas suas escolhas teóricas, contextos socioculturais, políticos e históricos e pelas suas experiências de campo (PEIRANO, 1995).

Em meio a pesquisa etnográfica, a presença em campo e a escrita a partir dele, permite a evidência de sua própria presença e a afetação causada pela mesma, tendo que lidar com a sua visibilidade material e simbólica nos contextos de interação. De acordo com Nascimento a presença material “ocupa um determinado espaço, que se move de uma certa maneira, que possui uma certa linguagem que expressa marcas de gênero, sexualidade, geração, raça/etnia, região, nacionalidade” (NASCIMENTO, p. 2, 2019).

Sem pretensão de invisibilidade ou neutralidade, o fato é que nossa presença em campo nunca será neutra ou imperceptível, afetamos e somos afetados por nossos interlocutores em campo. A afetação é mútua em meio a pesquisa. A busca por compreensão das alteridades e vivências desse “outro” também afetam a quem pesquisa. “nossos corpos habitam e cruzam caminhos de vida” (NASCIMENTO, p. 3, 2019). A antropóloga em campo assume um lugar na fronteira entre mundos, o seu eu e o do outro, caminhos permeados por desigualdades, “relações de alteridade que permitem encontros e desencontros que animam o

pensamento, reavivam os sentidos, descolonizam a visão” (NASCIMENTO, p. 20, 2019). Bem como, rompem com a homogeneização da realidade, que se mostra múltipla.

Nas interações presenciais com os migrantes me vinha dúvidas de como me vestir, que cor de roupa usar, com que máscara iria, se minhas tatuagens podiam estar a mostra ou não, de como abordar na primeira conversa, qual seria a melhor primeira frase, se deveria me comunicar inicialmente em espanhol ou português. Quanto às interações via *whatsapp*, as dúvidas eram que foto usar no perfil quando fosse me comunicar com os migrantes, quanto à primeira comunicação se deveria ser em espanhol ou português, se mandava áudio, mensagem de texto, ou se combinava uma chamada de vídeo e também dúvida sobre com que frase iniciar as entrevistas, se podia usar *emotion* e figurinhas nas conversas, ou se tinha que se manter sempre formal.

Com relação às preocupações quanto à minha primeira impressão junto aos migrantes, essas se justificam, porque o primeiro contato e impressão gerada poderia influenciar nas demais interações e no fluir das conversas. Uma impressão “errada” poderia fechar o campo de interação ou não passar confiança nas entrevistas para que os migrantes se sentissem confortáveis em conversar. Nesse sentido, teoriza Fabiane Albuquerque, sobre esse primeiro contato e a primeira imagem:

O corpo é o principal elemento de interação: chegando antes de qualquer coisa, é a primeira mensagem a ser transmitida. Com base nele, portas podem ou não ser abertas. Portanto, a partir dele se busca aprofundar ou não o nível das relações, muitas vezes iniciada a partir de estereótipos (ALBUQUERQUE, p. 324, 2017).

Esse primeiro contato conforme afirma a autora pode ser determinante para a pesquisa, fechando ou abrindo portas. No contato presencial, o primeiro elemento que chega na interação é a nossa presença física, nosso corpo e como ele se apresenta socialmente com a carga de todos os seus estereótipos e biografia. No contato virtual, também existe um “corpo virtual”, que nos representa enquanto pessoa, que também carregará seus estereótipos e que também influirá na interação.

Nos contatos presenciais optei por ir de forma discreta, com cores de roupa pouco chamativas, sem maquiagem, sem muitos adereços e com as minhas tatuagens ocultadas (pois não sabia qual era a visão dos migrantes acerca de tatuagens, partindo do histórico da minha sociedade, da minha biografia enquanto brasileira, optei por oculta-las. Por nossa sociedade ser uma marca discriminada, que pode influenciar em alguns contatos sociais e não saber a

visão dos migrantes sobre essa marca corporal, preferi ocultar para evitar possíveis dificuldades na minha interação com eles). Nas entrevistas optei pelo espanhol inicialmente, por achar que era a língua que traria melhor compreensão na comunicação, depois, percebi que no caso dos *Warao*, o portunhol fluiu melhor a comunicação, aliado aos gestos nas comunicações.

Nos contatos via *whatsapp*, deixei uma foto de perfil da rede que fosse visível o meu rosto, da forma que costumo estar no meu dia a dia, de óculos e sem muita maquiagem, para que eles pudessem ver com nitidez com quem eles estavam conversando. De forma que caso viessem a nos encontrar pessoalmente pela cidade, nos reconheceríamos. Nas entrevistas optei pelo espanhol inicialmente, com um dos migrantes que falava português uma parte da conversa foi em português e algumas outras em portunhol. Mas na maioria das entrevistas com os migrantes não indígenas/urbanos a entrevista deu-se em espanhol.

Das interações com os migrantes, percebi entre os migrantes urbanos uma forte religiosidade cristã, percebida pelo que compartilhavam via *whatsapp*: imagens católicas, cristãs e orações. Com os migrantes *Waraos*, percebi uma mistura de crenças, acreditam em espíritos e feitiços, também que alguns alimentos podiam fazer mal, ao mesmo tempo que se verificava também a presença de crenças cristãs. Das interações com os *Warao* aprendi algumas palavras de seu idioma: *yakera*- Bom dia; *nuera*- comida; *naruia*- tchau. Além disso, me impressionei com a beleza dos artesanatos produzidos por eles. O modo de viver coletivo dos *Waraos*, também impressiona, há uma cooperação entre os membros da família, entre as famílias que conviviam no mesmo abrigo e até mesmo com famílias que estavam em outros lugares, característica que difere da nossa modalidade de vida social contemporânea, individualista.

Em meio ao campo se produzem interações e “estranhamentos relativos, que estão ao mesmo tempo entre lugares, temporalidades e pessoas”, nesse sentido, “estar na fronteira”, na perspectiva da antropóloga/pesquisadora, “significa deslocar a perspectiva antropológica para os processos pelos quais as diferenças são construídas e mover-se entre muros, atravessá-los e olhar através deles” (NASCIMENTO, p. 7, 2019). Esse estar entre muros e apreender a atravessá-los, bem como mover-se por meio desses muros, constitui um dos principais desafios na pesquisa com migrantes. Entre alteridades intrínsecas e as diferenças construídas e evidenciadas socialmente, se enxerga um mosaico de realidades e multiplicidades, que vão de embate à homogeneidade. No próximo tópico trataremos trechos das entrevistas com os

migrantes, refletindo sobre as dimensões abertas pelo empírico e suas reflexões com a teoria da nossa pesquisa.

### **3.3 Estradas do empírico: análise das entrevistas com os migrantes.**

As entrevistas aqui apresentadas mostram-se como uma dupla moldura, do pesquisador e do interlocutor. Nos moldes pensados de enquadramento e moldura dissertados por Butler, no livro “Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?”, autora destaca a importância de perceber que a moldura é carregada de um foco e uma interpretação, dando significação própria a um fato ou contexto (BUTLER, 2019). Nesses moldes, temos a dupla moldura, do interlocutor migrante e da pesquisadora, a realidade apresentada, pelo migrante nas entrevistas seria um recorte da realidade, enquadramento dado por ele da sua realidade, a moldura desse recorte seria caracterizada por suas interpretações, a realidade captada pela pesquisadora e expressada na pesquisa seria também dada pelo mesmo processo.

Nas análises das entrevistas utilizaremos a base teórica bibliográfica utilizada nessa pesquisa e como método base de compreensão dessas conversas, a análise do discurso, técnica de análise que “inscreve-se numa sociologia do discurso e procura estabelecer ligações entre a situação (condições de produção) na qual o sujeito se encontra e as manifestações semântico-sintáticas da superfície discursiva”, o referido método tem como objetivo, “a inferência a partir dos efeitos de superfície de uma estrutura profunda: os processos de produção” (BARDIN, p. 213, 2015).

O discurso é atingido por interdições que revelam sua ligação com o desejo e com o poder, assim o “discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta” (FOUCAULT, p. 7, 1996). De acordo com Foucault “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, p. 27, 1996). Partindo desse entendimento, traremos juntamente com os trechos das conversas, o contexto em que ela se deu, dados do interlocutor e de como se deu a interação, para que possamos ter uma visão mais larga sobre as condições de produção dessas falas/discursos nas entrevistas. Como ponto base de análise juntamente com as teorias que embasam essa pesquisa.

Como nos aponta Sayad:

Mais do que qualquer outro objeto social não existe outro discurso sobre o imigrante e a imigração que não seja um discurso imposto; mais do que isso, é até mesmo toda problemática da ciência social da imigração que é uma problemática imposta, uma das formas dessa imposição é perceber o imigrante, defini-lo, pensá-lo(...) mais simplesmente, sempre falar dele como um problema social (Sayad, p. 56, 1998).

Adentrando no empírico, destaco que utilizaremos como referência nomes fictícios, para preservação da identidade dos migrantes. A variação de detalhes nas entrevistas foi determinada pelos próprios migrantes, aqueles que se sentiam mais à vontade em falar sobre suas vidas, davam mais detalhes de suas vivências, os mais tímidos e receosos, silenciavam mais. Destacarei os principais trechos das conversas, das interações e das narrativas dos migrantes venezuelanos, e posteriormente, refletiremos sobre elas.

### **3.3.1 Dos diálogos com os migrantes não-indígenas/urbanos.**

O primeiro migrante venezuelano não-indígena com o qual entrei em contato foi João, de 33 anos, nascido em Cumaná-Sucre. Consegui seu contato por meio do grupo de ajuda aos venezuelanos, a entrevista ocorreu em junho de 2021.

João foi o migrante que também falava e entendia bem português, entrei em contato em espanhol, mas a conversa depois fluiu em português e portunhol. Sobre essa entrevista trarei alguns trechos, que nos ajudaram junto das demais conversas a pensarmos sobre essas experiências migratórias e o que elas podem nos apontar. Ao perguntar sobre o motivo da migração o mesmo me respondeu: *“porque a situação já era muito difícil para comprar alimentos, remédios, roupas, e não havia mais uma educação para meus filhos pensando no futuro deles”* (João, 2021), e quando perguntei porque escolheu o Brasil me disse: *“O Brasil foi minha última opção para migrar porque tive que aprender outro idioma era o que mais me preocupava com o idioma. Eu tenho 2 anos e 6 meses no Brasil”* (João, 2021). Sobre sua escolha afirmou: *“Escolhi o Brasil porque minha esposa nunca viajou para outros países da América Latina como Equador, Peru e Colômbia e ela não gostou porque apesar de serem países vizinhos em alguns estados eles são xenófobos”* (João, 2021). Perguntei como se deu sua travessia para o Brasil e o mesmo me disse: *“Cheguei por via terrestre pela fronteira entre a Venezuela e Roraima”* (João, 2021), já o percurso até a Paraíba foi feito de avião. Sobre as cidades que conheceu no Brasil disse: *“Somente na Boa Vista, Manaus e Recife. Eu ia para São Paulo só que um dia vendo o noticiário em Boa Vista não gostei da vida agitada*

*que lá se passa, era igual à Venezuela e eu estava em busca da paz” (João, 2021). Questionado sobre como veio parar em Campina Grande, o mesmo respondeu: “minha esposa tinha um irmão fazendo curso de comida nordestina aqui em Campina Grande e ele nos falava dessa cidade maravilhosa” (João, 2021).*

Seguindo a conversa perguntei sobre como tem sido em Campina Grande, e ele me relatou: *“No começo não foi fácil, eu não dominava bem o idioma e por isso não consegui mais emprego, o tempo passou, aprendi o idioma 80% e tudo mudou. Sou um profissional técnico universitário em segurança rural e fronteira e operador de plantas de processamento de petróleo. Além disso, sou cabeleireiro, consertador de celulares, auxiliar de padaria e alvenaria, e trabalho com instalações de câmeras, cercas e portões elétricos” (João, 2021). Sobre sua vivência em Campina Grande me disse ainda que: “O contacto com os campinenses em especial foi muito bom. Moro só com minha esposa y meus 2 filhos” e que “estava trabalhando na rua quando eu cheguei foi muito difícil porque eu cheguei vendendo doces. E me compraban muito e isso tiraba as vendas das demás pessoas que trabalhava na rua” (João, 2021). Quando perguntei se tem enfrentado alguma dificuldade na cidade de Campina Grande ele me respondeu: “Muitas, porque na Venezuela eu não pagava luz, ni agua, o gas e gasolina bem barato, e tive mudar minha cultura e alimentação” (João, 2021). Perguntei se tinha ainda familiares na Venezuela, e ele me disse: “Sim tudo minha família e quisiera trazer eles pra Campina Grande mais não tenho o dinheiro suficiente” (João, 2021) e que se comunica com eles via *whatsapp*, perguntei se já pensou em se mudar para outra cidade ou voltar para Venezuela, e ele me falou: “Pensei mais gostei muito de Campina e vou ficar aqui” (João, 2021).*

A conversa com João fluiu bem, ao longo da mesma ele me relatou parte de suas experiências enquanto migrante, o Brasil para ele era a última opção, devido a diferença de idioma. Quanto à sua relação com Campina Grande, essa mostra-se um pouco conflitante, ele afirma que o contato com os campinenses foi especialmente bom, mas também relata dificuldades que encontrou para conseguir emprego, fator que melhorou quando ele aprendeu mais do idioma brasileiro, bem como das coisas que tinha de graça na Venezuela e que aqui tinha que pagar, além das mudanças na alimentação e cultura. Questionado se já pensou em mudar de cidade, ele relata que sim, mas que gosta de Campina e que vai ficar aqui.

Nosso segundo interlocutor migrante não-indígena foi Davi, 53 anos, de Zulia. O contato com o mesmo deu-se por mensagem de texto via *whatsapp*, em espanhol, em junho de

2021, consegui seu contato por meio do grupo de ajuda aos venezuelanos. Me apresentei, informei da preservação do seu anonimato na pesquisa e pedi que falasse sobre sua experiência migratória, inicialmente o mesmo relatou: *“Paraíba como estado és calido y tiene un pueblo acogedor. sencillo y amável. Yo estudie las probabilidades como imigrantes y programe cada paso. Para sacar y obtener cada documento como imigrantes CPF, RNM, sistema de salud”*(Davi, 2021). Ao ser questionado sobre o motivo que decidiu migrar, ele falou:

*Un Conflicto politico Comunista devasto la economia que se creo por políticas erradas econômicas del fondo monetário Internacional y um blogue salvaje norte Americano, hicieron que mermara todo recursos. Econômico y salud. Vi morir a mi hija de 32 anhos me senti impotente pues tenia que cruzar el país de extremo a extremo buscando medicamento, finalmente una contractura muscular se presento en el menor de mis hijos este termino com um fuerte dolor de cabeza que lê impedia dormir. Esto mas la inestable condición país me animaron a vender um carro y otras cosas y salir de ali. Décidi emigrar en novembro 2019. Lo que mas me preocupo cuando decidí emigrar era el idioma y que no prepare ningun documento internacional que acreditará mis certificaciones profesionales y el idioma. Por supuesto. Llegue en febrero 2020 (Davi, 2021).*

Davi falou que está no Brasil há 1 ano e 4 meses. Ao ser perguntado porque escolheu o Brasil, respondeu: *“És chistoso. Yo visite Brasil várias vezes solo Roraima. Y comprava cosas buenas y um brasileiro me visitaba vendedor en Venezuela en Los.ano 1999 al 2002”* (Davi, 2021). Perguntei como vinha sendo o contato com os brasileiros em Campina Grande, ele disse que: *“Tenemos culturas distintas Son amigável buenas personas, es un pueblo alegre y humanitário”*. Perguntei então se já havia sido discriminado ou maltratado, e ele falou: *“Si claro un dia en la policía federal me fue difícil. Comunicar me com um funcionário. Recuerdo que yo queria hacer un câmbio de residência. Câmbio do endereço, mas fui persistente y concrete todo”*. Davi relatou ainda que vive com dois filhos e ao ser perguntado o que acha mais difícil em Campina Grande, relatou: *“Para mi poço trabajo calificado, muy bajo sueldo”*. Sobre as principais mudanças que encontrou ao migrar, relatou: *“El sonido de la voz, el sason o tempero de lá comida. La formas de las casas y el detalle que la Malloria tiene tejado en...”*

Davi relatou que veio ao Brasil de avião com ajuda da ONU e outra instituição religiosa que não mencionou o nome. Com relação aos lugares que passou no Brasil, informou que passou por Roraima, Manaus e Paraíba. Ao perguntar como chegou a Campina Grande e como tem sido sua vida aqui, relatou que chegou: *“Por um princípio de fé”* (DAVI, 2021). Que a cidade é: *“Agradável, difícil por la pandemia”* (DAVI, 2021). E que: *“Elegi*



*Brasil pues vivi en Puerto Ordaz una ciudad a 8 horas de Brasil y tenia urgência médica por mis hijos*” (DAVI, 2021). Relatando ainda que: *“Mudar siempre és difícil. Imagina tu salir com una maleta de 25 kilos para arrumar lo máximo.que entre alli y reiniciar tu vida. Reiniciar siempre és difícil. Mas com fé y refuerzo siempre se vá poder”* (DAVI, 2021).

O migrante Davi passou por situações difíceis antes de migrar, perdeu uma filha, teve que atravessar o país em busca de remédio, o filho mais novo também estava precisando de atendimento médico e com dificuldades em seu país. Relatou que o que mais o preocupou quando decidiu imigrar foi o idioma. Falou bem da Paraíba, mas relatou dificuldades em um atendimento junto à polícia federal e dos baixos salários recebidos em Campina Grande, e as dificuldades pela pandemia. Sobre as principais mudanças ao migrar relatou o som das vozes, o tempero da comida e as formas das casas. Quanto às dificuldades de migrar foi direto ao dizer: *“Mudar é sempre difícil. Imagine sair com uma mala de 25 quilos para arrumar o máximo possível, entre lá e reinicie sua vida. Reiniciar é sempre difícil. Mas com fé e reforço, você sempre será capaz”*.

A terceira entrevista deu-se com migrante não-indígena Pedro, de 47 anos, por mensagens de texto, via *whatsapp*, em espanhol, em julho de 2021, o contato desse migrante me foi passado por outro migrante, já entrevistado e que disse que a sua esposa, não iria poder conversar sobre as suas experiências migratórias. A conversa com Pedro foi mais curta, compartilharei alguns trechos da mesma para que nos auxilie a entender esse mosaico de experiências migratórias e narrativas.

Sobre a decisão de migrar Pedro relatou: *“en busca de calidad de vida para mi y mi familia...mi pais mi familia”* (PEDRO, 2021). Com relação ao contato com os brasileiros disse: *“con la gente de brasil son increíble son lo maximo no tengo palabra como esplicart el trato es biem”* (PEDRO, 2021), perguntei então se em algum momento ele se sentiu discriminado ou maltratado no Brasil, e ele disse: *“si tenido diferencia maltrato. Pero mejor es olvidar”* (PEDRO, 2021). Pedro relatou sobre sua vida no Brasil: *“moro con 8 personas. 3 hijo”* (PEDRO, 2021), está no Brasil há 1 ano e 8 meses, sobre o Brasil disse: *“para otros paise que yo e vivido Brasil es un pais pasifico y es bien para trabajar”* (PEDRO, 2021). Que quer: *“aprender el idioma tener mi casita y tener mi licencia de conductor, superarme en buscar mas remunerasion e biem conversar com la gente y esplicarle xque estoy aqui”* (PEDRO, 2021). Informou como foi sua travessia migratória: *“frontera pacaraima llegue en las carpa de Refugio De la O.N.U. ... interiorisacion en casa de un amigo* (PEDRO, 2021).

Que conheceu: *“boa vista Manaus sao paulo y ahora paraiba campina grande”* (PEDRO, 2021). Perguntado sobre como tem sido a vida em Campina Grande, respondeu: *“relativamente biem...Brasil es un paraiso”* (PEDRO, 2021). Disse que tem familiares na Venezuelana, mas não disse mais nenhum detalhe sobre, nem como e se há comunicação com eles.

A entrevista com Pedro foi mais curta, ele também não deu muitos detalhes nas falas, nem sobre sua cidade ou estado de origem na Venezuela, do conversado, nota-se que ele evita falar sobre dificuldades ou demonstrar alguma fragilidade em suas narrativas: *“si tenido diferencia maltrato. Pero mejor es olvidar”* (PEDRO, 2021). E diz ter saído da Venezuela em busca de melhor qualidade de vida. Sobre a vida em Campina Grande afirma: *“relativamente biem...Brasil es un paraiso”* (PEDRO, 2021). Ao falar sobre objetivos ele menciona em buscar mais remuneração, aprender idioma, comprar uma casa, tirar carteira de motorista. Nesse trecho da conversa me chamou atenção a frase: *“conversar com la gente y explicarle xque estoy aqui”* (PEDRO, 2021., a melhoria do idioma teria como um dos objetivos conversar com as pessoas e explicar-lhes o porquê que está aqui, esse desejo de explicar-se me remeteu a ideia abordada por Sayad de que o imigrante necessita justificar sua presença na sociedade, para ser melhor compreendido e aceito na mesma.

A quarta migrante não-indígena que dialoguei foi Maria, 35 anos, vinda de Caracas, foi a única migrante urbana do sexo feminino que topou conversar, fora ela havia tentado contato com mais duas. A conversa com Maria, deu-se por mensagem de texto, via *whatsapp*, em espanhol, em junho de 2021, consegui seu contato por meio do grupo de ajuda à venezuelanos. Maria, falou sobre os motivos que lhe motivou a migrar: *“Emigre por lá economia porque lá persona trabaja y trabaja y no alcanza el dinero que gana para cubrir Las nesecidades básica como comida, ropa y transporte (MARIA, 2021)”*, sobre a dificuldade de migrar disse que: *“Lá preocupación mas grande fue dejar a mi familia a mis 2 hijos y mi madre... Yo tuve que emigrar primero con mi hija que solo tenia 5 meses”* (MARIA, 2021). Relatou também sobre o seu percurso da Venezuela até chegar à região metropolitana de Campina Grande, Puxinanã:

*Llevo 1 ano 8 meses desde lá primeira vez que pise Suelo brasileiro jajaja.Elegi a Brasil porque una prima y su mama me ayudaron primero a emigar a este país.Llegue a Brasil por carretera passando lá frantera Roraima. Primero llegue a boa vista, luego a Manaus ahora estoy en Puxinanã Campina Grande. Llegue a campina grande con lá ayuda de lá Iglesia de jesus Cristo de Los santos de Los últimos días (mórmons) ya que mi hermano como miembro de esa Iglesia realizo el*

*cadastro para poder llegar aqui a Puxinanã. Lá vida a sido gracias a Dios mejor que en vezuela asi ganes poço te alcanza para comprar una cosita que necesites en casa o que necesiten Los niños. Ahora que estoy aqui con mi familia si me pienso quedar aqui a vivir (MARIA, 2021).*

Sobre o período que estive na região norte do Brasil, contou:

*Bueno, em boa vista estive casi 2 meses allí en lá casa de mi prima conociendo un poco del lenguaje y como yo tenia a lá nina pequena no podia buscar trabajo mientras que mi prima tá estaba em busca de empleo desde casi 1 ano y no conseguia nada, decidimos viajar a Manaus donde vive lá mama allí estuvimos 4 o 5 meses donde lá estadia fue fuerte ya que no se conseguia trabajo ni para mi, ni para mi prima allí duramos buscando um mês, despues nós toco colocarnos em Los semáforos por que donde lá mama trabajaba lá despidieron por Ella se enfermo com uma gripe fuerte y no pudo ir a trabajar 2 días, con lo que ganhamos allí daba para comprar algunas cosas. Con lo que ganhamos em lo semáforos daba para comprar algunas cosas para lá casa allí en Los semáforos ganhamos cestas de comida, panal y ropa para lá nina. Despues pensamos para no estar pidiendo mas em Los semáforos compramos água y vendíamos água allí mismo em Los semáforos. Las cuentas de lá casa el alugue y lá luz lo cancelaba el esposo de lá mama de mi prima. Despues a mi hermano se le Dio lá oportunidad de traer a mi mama y a mis hijos para boa vista donde yo tive que devolverme a boa vista allí sacaron lá documentacion y con lá ayuda de lá Iglesia de Los santos de Los últimos dias llegamos aqui a Puxinanã a finales de março del ano passado (MARIA, 2021).*

Com relação a sua vida em Puxinanã (região metropolitana de Campina Grande), relatou:

*Aqui em Puxinanã a sido gracias a Dios una experiencia muy grata porque Las personas han sido muy amables nós Han ayudado mucho por médios de Las Iglesia evangélica e católicas por organizaciones de Cáritas ayuda para emigrantes. Y aqui he trabajado de empleada informal vendendo bolo de pote com mi cunhada, pizza caseira com una mujer brasileira, limpando casa, vendido Din Din y gracias a Dios estoy trabajando Los fines de semana en un lanchonete. Lo que gano no és mucho Pero da para pagar cuenta. Aquí tambien he recibido ayuda de lá prefeitura con cesta de comida y alugue (MARIA, 2021).*

Sobre sua experiência migratória contou ainda que:

*Mi experiencia como emigrante fue fuerte Al principio pero ya ahorita gracias a Dios és mas suave por conosco un poço mas tanto como hablar como personas y lá forma de trabajar. El contacto con Los brasileiros aqui em Puxinanã a sido muy acogedor son personas muy colaboradoras y ayudan de corazon. Me senti discriminada fue en Manaus de verdad por tantas cosas que a veces algunas personas te dicen que te maltratan y te bloquean psicologicamente, Pero despues entendi que son personas que no entienden tus necesidades y lo difícil que és llegar a un país donde tu no entiendes nada y que tienes que hacer cualquier cosa para pagar Las cuentas (alugue, água y luz) y poder cubrir tus necesidades como és lá comida (MARIA, 2021).*

Maria relatou que mora com 6 pessoas contando com ela, sua mãe, 3 filhos e seu esposo que chegou em janeiro. Sobre as dificuldades encontradas no momento ela conta que: *“Ahora lo que encuentro mas difícil és encontrar trabajo com carteira asignada Pero no Sé si se deba a está pandemia. Los câmbios fue el lenguaje”* (MARIA, 2021). Perguntei se tinha familiares na Venezuela e ela disse que: *“Si toda mi família quedo alla. Nosotros nós comunicamos via whatsapp”* (MARIA, 2021). Questionada se tinha vontade de mudar de cidade ou de voltar para a Venezuela ela disse: *“Me gustaria conocer otras ciudades, Pero no mudarme y regresar a Venezuela”* (MARIA, 2021).

A entrevista com Maria foi mais longa, e ela deu mais detalhes de sua experiência migratória. Refletindo sobre o que ela disse e também pelo que foi dito pelos outros migrantes, percebemos que a questão do emprego formal e bem remunerado é algo bem difícil de conseguir aqui para os migrantes venezuelanos. A mão de obra migrante é bastante explorada no Brasil e mal remunerada. Percebe-se também pelo relato de Maria a rede de apoio que é formada entre os migrantes: *“Elegi a Brasil porque una prima y su mama me ayudaron primero a emigar a este país”*; *“em boa vista estuve casi 2 meses alli en lá casa de mi prima conociendo un poco del lenguaje y como yo tenia a lá nina pequena no podia buscar trabajo mientras”* (MARIA, 2021).

O percurso migratório das famílias de migrantes em sua maioria se dá de modo fragmentado, vem um ou dois membros, depois vem o restante e às vezes alguns ficam no país de origem. Observa-se como obstáculo comum que foi relatado pelos migrantes foi a questão do idioma, todos tentam apreender o mesmo para melhor se integrarem à sociedade local. Quanto à questão da discriminação, mesmo confirmando haver sofrido algum tipo de discriminação, aqueles que afirmaram ter sofrido ou tido dificuldades preferiram não entrar em detalhes de como se deu as situações que passaram, como percebido na fala de Maria: *“Me senti discriminada fue en Manaus de verdad por tantas coisas que a veces algunas personas te dicen que te maltratan y te bloquean psicologicamente”* (MARIA, 2021).

Percebe-se nas conversas com esses migrantes, narrativas de superação, eles evitam demonstrar muita vulnerabilidade, mesmo os que afirmaram discriminação ou maus tratos não dão detalhes sobre o ocorrido e preferem não falar muito sobre. Analisando essa característica pensei duas possibilidades, podem preferir não falar para não relembrem e reviverem o sofrimento ocorrido, ou podem preferir se mostrarem fortes mediante uma narrativa de superação, já que estavam dialogando com uma brasileira e era assim que queriam serem

vistos, fato que recairia no que discutimos antes juntamente com Nascimento (2019), sobre a influência da pesquisadora no campo e nas interações, e nas narrativas que serão ouvidas.

### **3.3.2 Dos diálogos com os migrantes indígenas-Waraos.**

As entrevistas com os migrantes indígenas *Warao* foram mais curtas, foram todas verbais, apenas duas dessas seis interações depois se deram de forma breve via *whatsapp*. Os *Waraos* possuem mais dificuldades com a nossa língua que os migrantes venezuelanos não indígenas/urbanos, além de dificuldades com a escrita, não falam nem escrevem fluente nem espanhol nem português. Dando-se a comunicação emportunhol, pela experiência das interações, percebi que eles entendem melhor o português do que conseguem falar, acredito que em virtude disso usam as placas escritas para ajudar na comunicação durante a coleta. Apesar desses fatos que dificultam a comunicação, as interações que estabelecemos foram muito ricas, tanto as ocorridas no centro da cidade quanto àquelas que se passaram no abrigo. Relatarei aqui as 6 entrevistas e seu contexto para refletirmos sobre todas essas experiências e o que elas nos apontam.

A primeira entrevista que tive com os *Waraos* foi com o migrante Raoni, que chegou à Campina Grande em 2020. Nosso primeiro encontro foi em março de 2020, quando fui até o abrigo em que estavam no sindicato dos urbanitários levar uma cesta básica, eles estavam em grande número e precisando de alimentos. Me apresentei, entreguei a doação e conversamos brevemente, no portão do sindicato dos urbanitários (já estávamos em período de pandemia COVID-19, o sindicato estava com cerca de 50 migrantes). Perguntei em espanhol como tinha vindo até o Nordeste, se tinha sido de avião, e ele respondeu que não, e gesticulou indicando transporte de rodovia, comentei: muito distante né, e ele concordou: “sí”. Perguntei também o que tinha o levado a vir de Recife para Campina Grande, ele disse que lá estava difícil, tinha muitos migrantes na cidade, que não estavam conseguindo doações lá e nem pagar aluguel. Não insisti em mais perguntas por ser o primeiro contato, não quis ser invasiva e sustar com muitas perguntas, me despedi e dei boas-vindas a ele à cidade.

O segundo contato se deu em junho 2020, os migrantes já haviam mudado de abrigo, estavam em Bodocongó, tinha em torno de 60 migrantes nesse abrigo, havia duas migrantes grávidas, crianças e também idosos. Nessa visita apenas observei a interação dos migrantes com o pessoal do grupo de ajuda e peguei o contato telefônico de Raoni, que estava sendo o

interlocutor do grupo, apresentando as demandas dos migrantes. O terceiro contato deu-se no novo e atual abrigo em que estão os migrantes no bairro do Jeremias. No período dessa visita tinha em torno de 66 migrantes, de idosos a crianças. Já havia nascido os bebês das duas grávidas que estavam no abrigo anterior, elas os tiveram no ISEA pelo SUS, uma delas testou positivo para COVID-19, mas não houve complicações de saúde nem com ela nem com o bebê. Na visita observei que a estrutura do abrigo era muito precária principalmente para comportar esse número de pessoas em meio a uma pandemia. Havia muitas redes espalhadas na entrada do abrigo, numa espécie de pátio de entrada, que parte dos migrantes usavam para dormir. Na conversa com Raoni desse encontro ele me falou que a alimentação e gás que estavam recebendo da prefeitura não estava dando, porque tinham muitas pessoas no abrigo.

O quarto contato com ele foi por *whatsapp*, em fevereiro de 2021, ele me mandou: “*oi bom dia*” (RAONI, 2021), e eu perguntei se estava tudo bem, e ele disse: “*Si todo bien*” (RAONI, 2021), perguntei então como estavam no abrigo, e ele disse: “*abrigo no ta muchas mejor*” (RAONI, 2021), perguntei então quantas pessoas tinha e ele disse “*60 persona*” (RAONI, 2021), depois não falou mais nada, mandei uma mensagem depois que ficou sem resposta, pois ele não usava mais esse número e havia mudado de cidade e estado.

Posteriormente consegui com outro pesquisador seu novo número e tivemos uma breve conversa esse ano, 2021. A primeira conversa pelo novo número foi em julho e não fluiu muito, perguntei como ele estava: “*Hola Leticia. Estoy bien. Todos*”, depois pedi pra ele falar sobre sua experiência em Campina Grande, e ele não quis falar sobre, apenas disse: “*No estou em campina grande*” (RAONI, 2021). Respeitei seu espaço e não fiz mais perguntas. Em outubro desse ano ele me mandou uma mensagem: “*Oi Bom dia Leticia*” (RAONI, 2021), e respondi perguntando se estava tudo bem, e ele disse: “*Estamos tudo bem*” (RAONI, 2021), ele me perguntou se estava em Campina Grande e se estava indo visitar o abrigo, e respondi que tinha ido em agosto e que tinha seis *Waraos* apenas no abrigo. Ele me falou: “*Yo estoy Maceio*” (RAONI, 2021), perguntei se morava em casa ou em abrigo e ele me relatou: “*Moro aluguel. Una Casa*” (RAONI, 2021), perguntei se tinha muitos *Waraos* em Maceió, e ele disse: “*7 familias*” (RAONI, 2021). Perguntei se ele estava melhor que em Campina e ele disse: “*si*” (RAONI, 2021). Perguntei se ele queria o número novo que os migrantes estavam usando no abrigo e ele me disse, que já tinha e que falava com eles. Ao fim da conversa ele me disse: “*Cualquier cosa de abrigo campina grande me fala*” (RAONI, 2021). Fato que me

fez perceber que mesmo em outro estado ele procura saber como estão seus conterrâneos aqui em Campina Grande, ou não têm muitos interlocutores entre seus pares.

Em maio de 2021, interagi com a migrante Maya, uma jovem mãe, que estava na coleta no centro de Campina Grande com seu bebê, ela era bastante tímida e a maioria das informações que fluíram na nossa conversa vieram de perguntas feitas por mim. A entrevista ocorreu pela manhã, numa rua perpendicular, entre a Maciel Pinheiro e a Venâncio Neiva, a calçada em que a migrantes estava sentada com seu bebê era em frente a uma loja de roupas. Me aproximei de Maya, que estava sentada na calçada, usando uma máscara de pano laranja adereço da pandemia COVID-19, baixei-me para ficar na mesma altura em que ela estava (ela demonstrou surpresa em sua face, provavelmente porque não é o costume das pessoas que passam por ela, fazerem isso). Após baixar-me, me apresentei e perguntei seu nome e o nome do seu bebê, o mesmo era muito, simpático e sorriu para mim. Maya estava com seu bebê no colo, ao seu lado tinha um copo para a coleta e uma sacola com comida (uma doação recebida). Perguntei a ela o nome do seu bebê, e ela disse Ruan, apenas ele, perguntei, e ela confirmou com um gesto com a cabeça. Perguntei então há quanto tempo estava em Campina Grande e ela respondeu com a mão indicando um ano. Estava passando muita gente na calçada e a percebi ainda mais tímida para conversar, o olhar dos passantes pareciam lhe julgar, por estar pedindo ajuda na rua, ou por estar fazendo isso com um bebê no colo, me despedi dela, e fiquei observando-os por um tempo de uma outra rua.

Durante o período que interagi e depois que fiquei observando, percebi que as pessoas que passavam por ela, as que ajudaram, depositaram um trocado no copinho de coleta e seguiam seus cursos, sem nenhuma outra interação. Outras pessoas apenas passavam, a olhavam e seguiam seus rumos. Com relação a coleta na companhia do filho, destaco que esse é um hábito cultural das mães *Waraos*, o hábito de levar seus filhos para onde forem, inclusive para as coletas, é um hábito cultural das mulheres *Waraos*, desde que ainda estavam em seus territórios e praticavam coleta extrativista, e depois coleta nas ruas.

Destaco que essas mulheres possuem um papel historicamente de protagonista em seus grupos, em regra são elas que saem para a coleta, pouco se vê os homens coletando nas ruas. No início da migração transnacional dos *Waraos* para o Brasil, muitas dessas mulheres que primeiro migravam, para depois vir o restante da família (ACNUR, 2021).

A entrevista com Yara deu-se em junho, também no centro de Campina Grande, na mesma calçada que antes havia encontrado com Maya. Ela segurava Ruan no colo, o bebê de

Maya, mas a última não estava lá. Yara, era uma senhora, já de cabelos brancos no ombro, deficiente visual (não possuía a visão do olho esquerdo). Yara, assim como Maya também demonstrou surpresa quando baixei a sua altura para me apresentar e conversarmos. Da mesma forma que na entrevista com Maya, a maioria das informações vieram por meio de perguntas, ela também demonstrava ser bastante tímida.

Me apresentei e perguntei seu nome, a mesma baixou a máscara que usava, acredito que para que eu a entendesse melhor e disse: “Yara”. Perguntei se ela tinha vindo da Venezuela, ela disse que sim, confirmando com a cabeça, complementando a resposta, mesmo sem eu ter perguntado justificando porque tinha saído de seu país, “*no habia comida*” (YARA, 2021). Falou também que a mãe do bebê havia saído, apontando em direção ao calçadão da Cardoso Vieira, como que se justificando por estar com um bebê. Perguntei a ela quanto tempo ela estava em Campina Grand, e ela respondeu gesticulando com a mão indicando 2, perguntei: dois anos? Ela confirmou balançando a cabeça afirmativamente. Perguntei então, se aqui em Campina Grande estava melhor, e ela ficou calada e baixou a cabeça, não falando nada. Durante o tempo que dialogamos uma das pessoas que passou por nós deixou uma ajuda no copinho de coleta e seguiu sem falar nada. Fiquei um tempo observando de outra rua e notei que a maioria das pessoas que passavam não interagiam com a migrante, apenas olhavam e seguiam seus itinerários.

As entrevistas com os demais Warao deu-se de modo coletivo, em julho de 2021 no abrigo do Jeremias. Nesse encontro reencontrei, Maya e Yara que estavam no abrigo, e dialoguei com Juaci, Ivaí e Ari, também estavam presentes uma criança: Poty, e o bebê de Maya: Ruan. Na visita pude conhecer mais sobre eles e suas relações, o abrigo estava bem mais vago, a maioria dos migrantes haviam ido embora de Campina Grande, no abrigo restavam oito: Juaci, Ivaí, Ari, Maya, Yara, Jean (que estava fora durante a visita); e as crianças: Poty e Ruan. Os últimos migrantes a saírem do abrigo haviam se destinado à cidade de Patos, que também possui a presença de famílias migrantes *Waraos*. Pela composição da comunidade do abrigo se percebe a heterogeneidade da população *Warao* que migrou até a cidade, entre os oito que ainda estavam no abrigo, tinha de recém-nascido à idosa. Ao chegar no abrigo, me apresentei aos que ainda não conhecia e sentei para conversar com eles. Na conversa perguntei por onde tinham passado no Brasil, Juaci (pai de Ari e sogro de Maya) e Ari (marido de Maya), me falaram que passaram por Boa vista, Manaus, Belém, São Luís e Campina Grande, e que tinham familiares que estavam em São Luís. Ivaí (irmão de Maya),



que estava dentro do abrigo, saiu e se aproximou do pátio onde estávamos conversando, ele contou que estava vendendo roupas no centro, pelo que entendi de maneira informal, parecia feliz em comunicar que não estava parado, estava fazendo algo, trabalhando.

Perguntei se ainda tem familiares na Venezuela e responderam que sim, eles têm um celular que quando tem créditos eles conseguem se comunicar com esses familiares e com outros migrantes que estão em outras cidades. Na visita os ajudei a cadastrar outro *chip* no celular, percebi na interação que a maioria deles tem dificuldades em utilizar o celular, Ari era o mais desenrolado nesse meio de comunicação, mexia no celular com mais facilidade e ajudava os mais velhos. O abrigo possui uma estrutura muito precária, o ponto positivo é que não estão desabrigados como quando estavam na rodoviária e também que estão implementando uma horta no quintal do abrigo, o que ajudará na sustentabilidade e subsistência deles, nenhum deles tem emprego formal, vivem da coleta, de doações e alguns deles possuem bolsa família.

Nessa visita ao abrigo acompanhei o momento em que eles estavam fazendo refeição, a cozinha deles tinha poucos utensílios e estavam comendo em bacias e travessas, com colheres, o almoço deles era arroz e frango. Eles têm uma preferência por frango e peixe e não costumam comer carne vermelha, também não consomem ovo vermelho de galinha, sobre esse último é porque acreditam que não fazem bem e não é bom para o crescimento das crianças. Com relação às roupas, as mulheres *Waraos* sempre estão de vestidos ou de saias, nunca as vi usando calças ou shorts. O migrante Juaci me mostrou com orgulho a horta que estavam construindo e apontando para outra parte do quintal, disse que vão plantar lá também, apontou para perto de umas árvores onde mostrou as sacolas da limpeza que tinham feito no quintal. De crianças *Waraos* restantes no abrigo tinha, Poty de 8 anos, irmã de Maya e Ruan, um bebê de uns 5 meses, filho de Maya. Poty me apresentou a cachorrinha que criava no abrigo, cujo o nome era Brasileira. Nessa visita aprendi algumas palavras em *Warao*: *yakera*- bom dia; *nuera*- comida; *naruia*- tchau.

### **3.4 Das direções apontadas pelo empírico.**

Nas interações ocorridas com os migrantes e que aqui relatei, percebe-se que os atravessamentos das vivências migratórias são inúmeros. Travessias pessoais, físicas e simbólicas. Nas entrevistas observou-se que os migrantes optaram por narrativas de força e

superação, evitando dar detalhes sobre momentos difíceis, como quando sofreram algum tipo de discriminação. Nas suas falas mesmos suas vidas na sociedade local não estando 100%, dificuldades com emprego, baixos salários no caso dos migrantes não indígenas/urbanos, e no caso dos *Waraos*, dificuldades de luta por itens básicos de sobrevivência (como alimentos). Os migrantes que interagi não anunciaram arrependimento por terem migrado, assumindo uma postura de não demonstrar vulnerabilidades. Apresentam-se como dispostos a busca por condições melhores de vida, mesmos que essas condições não estejam aqui, como no caso dos *Waraos* que passaram por Campina Grande e continuaram a migrar, para outras cidades e estados.

A ideia abordada no livro de Butler: “Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?”, se aplica de algumas maneiras as experiências migratórias vividas por alguns migrantes venezuelanos, em especial, os migrantes indígenas. No livro a autora traz o conceito de precariedade, entrelaçada a algumas vidas no contexto social neoliberal, bem como diante desse quadro social, quais vidas seriam passíveis de luto. As vidas passíveis de luto seriam aquelas, cujo o enquadramento proporcionaria sensibilização, vidas que importam. As tramas sociais e de poder produzem vidas que não são tidas como vidas e sujeitos que não são tidos como sujeitos.

Ao refletir, por exemplo, sobre a questão da ausência dos migrantes nos números estatísticos da COVID-19, nos faz pensar que embora presentes, embora interagindo em sociedade com os demais campinenses. “o luto público está estritamente relacionado à indignação” (BUTLER, p. 66, 2019) o que possui um enorme potencial político, de modo que aquelas vidas que não causam comoção pública, encontram-se mais vulneráveis às violências físicas e simbólicas. Os migrantes venezuelanos ao serem omitidos dessas estatísticas da pandemia se enquadram nesse conceito que Butler traz em seu livro, de vidas não passíveis de luto social, pelo enquadramento social dado a essas vidas. As molduras que destacam os enquadramentos sociais são operações de poder, por elas aprende-se a apreender a vida do outro como perdida ou lesada, logo essas significações são construções sociais. “A precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro” (BUTLER, p. 31, 2019). A “valoração” da vida dos migrantes estaria, portanto, nas mãos do luto público nacional, o que definiria também sua precariedade.

Desse modo, não poderia se pensar em vidas precárias sem interação social. A vida pleitearia necessidade de abrigo, alimento, redes de sociabilidades. Ainda sobre a vidas tidas como não passíveis de luto, de acordo com Butler a condição de precariedade seria a um só tempo, uma questão material e perceptual, “aqueles cujas as vidas não são consideradas potencialmente lamentáveis e, por conseguinte, valiosas, são obrigados a suportar a carga da fome, do subemprego, da privação de direitos e da exposição diferenciada à violência e à morte” (BUTLER, p. 45-46, 2019), bem como a exposição a deslocamentos forçados, dentro dessa perspectiva se encaixaria a vida dos migrantes em situação de vulnerabilidade.

Butler também traz uma reflexão que se encaixa para pensarmos a questão do migrante, ao se pensar em que termos a cidadania é conferida ao sujeito, para a autora o cidadão seria “ele mesmo um intercâmbio de coligações (...) não há sujeito singular ou multiplamente determinado, mas um processo social dinâmico, um sujeito que está não apenas em marcha, mas que é constituído e reconstituído no decorrer do intercâmbio social” (BUTLER, p. 200, 2019).

Ao se observar o grande deslocamento desse fluxo migratório em Campina Grande de 2019 a 2021, onde a população migrante indígena passou de 60 pessoas para 8 pessoas no abrigo, percebe-se a influência da ausência de políticas bem elaboradas para a população migrante. A má gestão e falta de especialização em gestão migratória dos agentes públicos locais, também foram fatores que influenciaram de modo determinante o deslocamento dessa população em busca de melhores condições em outros destinos.

Sobre a condição do migrante, destacamos que “o imigrante é sempre e de todo modo um clandestino. Às vezes podendo ser resgatado da clandestinidade...por uma regularização provisória. Mas o estigma permanece” (DI CESARE, p.190, 2020). Desse modo, observa-se que “as fronteiras não são somente aquelas de tijolos e arames farpados. É possível discriminar e excluir facilmente atrás da capa da invisibilidade” (IDEM).

Diante de todo esse contexto social, devemos ainda refletir acerca das interações que se dão no cotidiano do migrante. Para análise das interações, importante pensarmos sobre o que afirma GOFFMAN:

A expressividade do indivíduo parece envolver duas espécies radicalmente diferentes de atividade significativa: a expressão que ele transmite e a expressão que emite. A primeira abrange os símbolos verbais, ou seus substitutos, que ele usa e os outros sabem estar ligada a esses símbolos(...) A segunda inclui uma ampla gama de ações, que os outros podem considerar sintomáticas do ator, deduzindo-se que a ação foi levada a efeito por outras razões diferentes da informação assim transmitida (GOFFMAN, p. 12, 2002).

Essa reflexão trazida por Goffman abre reflexão sobre as entrevistas em que os migrantes confirmaram ter sofrido discriminação, no entanto evitavam falar sobre as mesmas, reclamavam de baixos salários e das dificuldades no país, mas diziam que os brasileiros eram acolhedores, que era um bom país. Ou como no caso da migrante *Warao*, em que perguntei se ela estava melhor em Campina Grande e ela preferiu silenciar, baixar a cabeça e não responder. “A interação pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata” (GOFFMAN, p. 23, 2002). Assim, percebe-se que na interação não conta apenas o que se fala, mas todo o contexto, gestos e narrativas apresentadas. Uma mistura oceânica de significações, que o pesquisador tenta captar e retratar em sua pesquisa, por isso a pesquisa consiste em uma dupla moldura. Por que o pesquisador também dará o seu enquadramento ao fato e o emoldará com base em seus acervos interpretativos, além de sua presença em campo que também influirá nas interações e diálogos.

Acerca dos silêncios, presentes em parte das entrevistas, nos aponta Pollak, que muitas vezes, ele é a linguagem ou símbolo em que se expressa o indizível, segredos ou muitas vezes experiências dolorosas. Sendo o silêncio compreendido pelo autor como “memória envergonhada” (POLLAK, 1992).

As decisões em meio aos percursos migratórios não são fáceis como nos apontam as falas dos nossos interlocutores, entre elas a de Davi (2021): *“Vi morir a mi hija de 32 años me senti impotente pues tenia que cruzar el país de extremo a extremo buscando medicamento, finalmente una contractura muscular se presento en el menor de mis hijos este termino com um fuerte dolor de cabeza que lê impedia dormir. Esto mas la inestable condición país me animaron a vender um carro y otras cosas y salir de ali”*(...) *“Mudar siempre és difícil. Imagina tu salir com una maleta de 25 kilos para arrumar lo máximo.que entre alli y reiniciar tu vida.”* Nesse sentido também disserta Jardim (2017):

Diversos desafios que envolvem as escolhas migratórias negociadas na relação intergeracional, ou sobre as mudanças introduzidas por nascimentos ou falecimentos, a escolha de referir a “fluxos da vida” me permite deslocar a observação das decisões familiares para a indagação sobre as “decisões e experiencias migratórias” como ponderações complexas e existenciais, movidas coletivamente e vividas dentro de um jogo social permeado por múltiplas pressões (JARDIM, p. 32, 2017).

Em meio aos percursos migratórios é perene o fluxo de embate entre o sujeito migrante e o Estado e suas políticas, tanto nos motivos que ensejam por vezes sua migração, quanto pelos sofrimentos para se adentrar no outro país, tornar-se regular, ter acesso a serviços públicos, ter acesso a condições mínimas de sobrevivência, nesse sentido verifica-se que:

No gerenciamento de sujeitos em trânsito, tais recursos administrativos buscam plotar em um mapa previsível aquilo que é dotado de movimento. Considera-se importante refletir aqui sobre as lógicas burocráticas uma vez que elas são, paradoxalmente, referidas pelos imigrantes como base dos impedimentos de permanência, de acesso a categorias específicas de vistos e referidas como um esforço por comprovar, perante administrações fronteiriças, sua existência (corporal e de direitos sociais) e a fiabilidade de sua condição através de certidões e documentos (JARDIM, p. 58-59, 2017).

Sobre as dificuldades de emprego e salariais que foram relatadas pelos migrantes, destaco o que nos diz Albuquerque Júnior sobre a imigração que a mesma atua “ampliando o que Marx chamou de exército industrial de reserva, ou seja, amplia a quantidade de “braços desocupados” e disponíveis para serem utilizados pelas empresas, o que permite o rebaixamento geral da remuneração do salário pago por dadas atividades” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, p. 90, 2016). Aos migrantes mais vulneráveis são destinados os piores empregos e mais baixos salários. “Os imigrantes passam a encarnar, assim, o papel de bode expiatório de uma situação da qual são tão vítimas quanto os operários dos países em que chegam e com os quais disputam os poucos empregos existentes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, p.93, 2016). Além de ser a eles, migrantes, atribuído o fardo da falta de emprego dos nacionais, são explorados como mão de obra barata e ao mesmo tempo também como bode expiatório para o Estado justificar falhas na prestação de serviços públicos e o desemprego, e para as empresas a justificativa de baixos salários (oferta e demanda).

Nesse sentido também nos apontam as falas dos nossos interlocutores sobre a relação migrante e emprego no Brasil: “*No começo não foi fácil, eu não dominava bem o idioma e por isso não consegui mais emprego, o tempo passou, aprendi o idioma 80% e tudo mudou. Sou um profissional técnico universitário em segurança rural e fronteira e operador de plantas de processamento de petróleo. Além disso, sou cabeleireiro, consertador de celulares, auxiliar de padaria e alvenaria, e trabalho com instalações de câmeras, cercas e portões elétricos*” (João, 2021); “*que tienes que hacer cualquier cosa para pagar Las cuentas (alugue, água y luz) y poder cubrir tus necesidades como és lá comida*” (MARIA, 2021); “*Y aqui he trabajado de empleada informal vendendo bolo de pote com mi cunhada, pizza*

*caseira com una mujer brasileira, limpando casa, vendido Din Din (...) Ahora lo que encuentro mas difícil és encontrar trabajo com carteira asignada Pero no Sé si se deba a está pandemia” (MARIA, 2021).*

A criação da imagem dos imigrantes como predadores de empregos e dos recursos do país o qual eles chegam, serve para embasar o estranhamento e a hostilidade aos migrantes e refugiados. Nessa visão “o estrangeiro é visto não apenas como alguém que vem tomar posse das vagas de trabalho que deveriam ser reservadas aos nacionais, mas também como quem vem disputar os bens ou mercadorias colocadas à venda no mercado” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, p. 96, 2016). Nesse sentido “o estrangeiro, quando não é o turista, de quem se espera o consumo conspícuo, o consumo que vai deixar o dinheiro” (IDEM), passa a ser visto como predador de mercadorias que deveriam ser reservadas aos nacionais.

A imagem do migrante ou refugiado como uma presença predatória, como um agente dos processos de perdas que o nacional vem enfrentando é uma explicação confortável para os agentes públicos nacionais, escolhe-se um bode expiatório: o estrangeiro, e a ele se atribui todos os problemas econômicos e sociais que se vem vivenciando no País. Essa posição gera reações xenófobas, presente tanto nas classes mais empobrecidas que temem ficar sem emprego (especialmente em situações de crise econômica), quando nas classes médias que temem perda de poder aquisitivo, ou a diminuição de oferta de produtos que garantem seu *status*, bem como a diminuição de seu poder de consumo que lhe atribui *status* social.

Albuquerque destaca que, situações como a experienciada pela migrante Maria (2021): “*Me senti discriminada fue en Manaus de verdad por tantas cosas que a veces algunas personas te dicen que te maltratan y te bloquean psicologicamente, Pero despues entendi que son personas que no entienden tus necesidades*”, são afloradas em situações de aumento da insegurança social, de modo que, frente ao medo do desemprego ou da diminuição do poder de compra, “de adquirir bens considerados não só indispensáveis à sobrevivência como indivíduo, mas também como marcadores da distinção de classe, o discurso e, inclusive, as práticas e reações de xenofobia pode se constituir numa tentativa de defesa de um status quo em perigo”(ALBUQUERQUE JÚNIOR, p. 100, 2016), por parte dos nacionais.

Os sujeitos migrantes e refugiados diferenciam-se entre si e são diferenciados, em um processo constante de construção, em um processo interacional e situacional. Assim a identidade formulada se apresenta como uma construção formada por diferenças internas e externas, não se devendo tomar as experiências migratórias como algo homogêneo e

uniforme. A edificação das identidades e alteridades flui por meio “do agenciamento de determinados caracteres em detrimento de outros, a depender do contexto” (PEREIRA, p. 35, 2020), em um processo contínuo e não fixo.

Evidencia-se, que o estrangeiro, em regra, é enxergado com desconfiança na sociedade de destino. Um dos motivos pode se dá pelos “seus comportamentos, atitudes, códigos de valores não obedecem às mesmas regras que definem aquela cultura que o está recepcionando” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, p. 9, 2016). Percebe-se, portanto, que a construção do sentimento de xenofobia possui como base a diferenciação, uma demarcação entre nós e eles, distinção e estranhamento daquele que vem de fora do nosso território nacional físico e simbólico. No entanto, esse estranhamento pode ser alimentado socialmente em maior ou menor grau para populações específicas, a depender das construções sociais estabelecidas na sociedade receptora, que por vezes, assume mais o papel de sociedade que repele do que recepciona.

Sayad afirma que em meio a negociação do refúgio o *status* do país do qual se origina o migrante/refugiado apresenta influência no *status* do imigrante, no modo como ele será enxergado na sociedade de destino (SAYAD, 1988). Dissertando:

[...] o imigrante mais do que qualquer outro, é portador, tem sempre consigo ou junto de si a marca do estatuto e da posição atribuídos a seu país na escala internacional dos estatutos e das posições políticas, econômicas, culturais, etc. [...] Um imigrante não é apenas o indivíduo que é: ele é também, através de sua pessoa e pelo modo como foi produzido como imigrante, o seu país. (Sayad, 1998, p. 241).

Desse modo, as desigualdades e conflitos globais e as interpretações locais dadas aos países de origem dos migrantes, mostram-se como elementos que irão nutrir as desconfianças sobre os solicitantes de refúgio. A exemplo do que ocorre com os migrantes venezuelanos no Brasil, pela visão presente no nosso país acerca da Venezuela.

A visão da imigração enquanto contínuo processo de “readaptação” por si só, não contempla a multiplicidade dessa temática que possui inúmeras outras vias além da adaptação, assimilação e integração. A temática migratória no Brasil nos aponta outras vias, inclusive para ampliar os conhecimentos e as críticas à sociedade. Pois, “os imigrantes e refugiados nos permitem conhecer mais sobre instituições, rotinas burocráticas que os orientam e o funcionamento de instituições nacionais de modo mais explícito, mais do que sabemos enquanto lidamos com tais tecnologias uma posição de “nacionais” (JARDIM, p. 24, 2017). A

exemplo do relatado pelo migrante Davi (2021): *“Si claro un dia en la policia federal me fue difícil. Comunicar me com um funcionário. Recuerdo que yo queria hacer un câmbio de residência. Câmbio do endereço, mas fui persistente y concrete todo”*.

De modo que “a experiência direta dos imigrantes, localmente na sociedade de acolhida, acaba revelando zonas de abandono, elementos considerados óbvios e pouco problematizados pelos nacionais” (JARDIM, p. 33, 2017). Assim, pensar em “olhar a questão migratória atual apenas como um problema decorrente das “imperfeições da lei” ou de sua “desatualização” é também nutrir uma imaginação de que seu aperfeiçoamento poderia sanar sofrimentos e obstáculos vivenciados pelos imigrantes” (JARDIM, p.33, 2017). Onde na verdade, isso é apenas um dos pontos da questão, que possui muitos outros.

Quando se assume o tom dos discursos hegemônicos acerca do “problema migratório” sem a devida reflexão, se é levado apenas a dimensões quantitativas dos problemas migratórios e os uma análise genérica sobre os entrelaçamentos dos imigrantes com situações de vulnerabilidade. No entanto, o “problema migratório” está longe de ser uma questão demográfica, é bem mais complexa a questão instaurada ao se observar o excesso de autonomia dos imigrantes diante das formas legais existentes e extremamente restritivas, ainda presentes no Brasil atual (JARDIM, 2017).

Verifica-se através das análises proporcionadas pelo campo que “o sujeito migrante vai sendo constituído enquanto caudatário de expectativas e direitos específicos através da interação com diversos agentes mediadores ao longo da sua experiência cotidiana de viver em um país que não é o seu” (JARDIM; LÓPEZ, p. 152, 2013). Dos cidadãos nacionais que passaram pelas migrantes sentadas na calçada e apenas a olharam, aos cidadãos nacionais que prestaram ajuda a esses migrantes, ao policial federal que os entrevistou, a servidora da prefeitura que com eles interagiu, ao profissional de saúde que atendeu as migrantes gestantes, e todas as outras pessoas com as quais esses migrantes interagiram e virão a interagir enquanto estão nesse novo território. Percebe-se assim, que “o fato social da imigração, portanto, provoca a ortodoxia nacional e convida os estados a refletirem sobre seus limites, externando os dilemas provocados” (JARDIM; LÓPEZ, p. 152, 2013).

Sobre os olhares atravessados que sofreram as migrantes que interagi na rua, me lembrou o que afirma Jardim, citando, Foucault: “todo discurso, sobre as migrações neste caso, é sempre um discurso estético, é a necessidade de impor nossa estética sobre a do 'outro'. O imigrante é, assim, uma construção constante que sentimos a necessidade de



desconstruir “(FOUCAULT *apud* JARDIM; LÓPEZ, p. 79, 2013). “Ao imigrante lhe é permitida a celebração de sua 'cultura', desde que de forma pontual e, sobretudo, sob uma estética que seja agradável aos nossos sentidos” (JARDIM; LÓPEZ, p. 78, 2013), em data comemorativa específica, previamente permitida pelos nacionais. Pois, como afirma Jardim, o imigrante confronta nossa estética nacional. Há um “enfrentamento com esse 'outro' num território que é nosso e passa, necessariamente, pela valoração estética de seus hábitos, de sua aparência, de sua forma de relacionar-se” (JARDIM; LÓPEZ, p. 78-79, 2013).

Acerca da ideia de inclusão dos migrantes, nos lembra Jardim e López:

A inclusão do 'outro' é com demasiada frequência pensada em termos de uma adaptação à ética e à estética hegemônicas, acionando uma percepção homogênea de si mesmo que obscurece qualquer diversidade. Desde esse patamar, pretende-se ajudar o 'outro' e o processo de integração, afim de que deixe de ser uma ameaça a sensibilidades e discursividades hegemônicas (JARDIM; LÓPEZ, 81, 2013).

Observa-se que “a primeira condição hostil da hospitalidade é que o estrangeiro renuncie à sua condição, que se torne como os autóctones, que manifeste a intenção de querer ser assimilado, de integrar em si a identidade nacional do país que o hospeda” (DI CESARE, p. 193, 2020), nesse sentido, para que a sua chegada ao território nacional não signifique uma invasão “é preciso que o estrangeiro ao menos abandone sua estrangeiridade, que o migrante, então, se declare pronto para reduzir progressivamente sua irritante alteridade” (IDEM), aprendendo o idioma, abandonando suas crenças e culturas, absorvendo a cultura nacional para tornar sua estrangeiridade cada dia mais imperceptível, e assim, ele ser melhor acolhido.

Nesse contexto, verifica-se que, “a perspectiva estadocêntrica e etnocêntrica se impõe, reduzindo o emigrante a imigrante, que deverá mostrar gratidão à comunidade benevolente que o acolhe, superando as deficiências que porventura lhe possam ser atribuídas” (DI CESARE, p. 194, 2020), além disso, há o processo de “despolitizar a imigração, fazendo do acolhimento uma questão puramente técnico-moral” (IDEM), afirmando: “não cabe mais pessoas no país”, ou “cabe mais pessoas, mas elas devem ir pro interior do estado X”, mesmo sem lá ter estrutura para eles.

Assim, “o fenômeno migratório ganha então visibilidade enquanto problema social, onde não há pessoas com diversos graus de agenciamento de suas vidas e em circunstâncias que precisam ser melhoradas, senão vítimas e malfeitores” (JARDIM; LÓPEZ, p. 82, 2013).

Dicotomia essa que não representa bem a realidade cotidiana dos migrantes, que é sim, permeada por diversos graus de agenciamentos ao longo de suas experiências migratórias.

Através das entrevistas, podemos confirmar uma reflexão, de fato os migrantes que chegam ao país com uma rede relacional já consolidada, com o domínio do idioma, com documentação e capital para dar início a sua vida em outro país, são pouquíssimos. Dentre os migrantes venezuelanos que conversamos nenhum tinha todos esses requisitos que poderia tornar suas mudanças e experiências migratórias mais fáceis. Pode-se observar também que o migrante urbano João, que era mais fluente no Português, era o que estava mais estabilizado no país, já não precisava mais vender doces na rua, pois já tinha emprego. Nesse sentido Jardim afirma:

Quanto mais “documentado”, mais inserido, mais o sujeito seria sedentário, e, portanto, “pertencente” a um determinado local. Quem é o sujeito e que documentos porta para sustentar sua intensão de permanência? Ingressamos aí nas categorias conquistadas pelo sujeito em deslocamento, antes de seu ingresso nesse novo contexto de comprovações de sua existência, seria imigrante, turista ou refugiado? sua capacidade de decodificar as novas exigências e lógicas que percorrem o espaço administrativo a que irá se reportar (JARDIM, p. 58, 2017).

A ideia de provisoriedade permanente e necessidade de justificar a presença trazida na teoria Sayad (1998), encontra-se presente na fala de um dos nossos interlocutores: *“superarme en buscar mas remuneracion e biem conversar com la gente y explicarle xque estoy aqui”* (PEDRO, 2021). A necessidade de justificar sua presença presente em alguns trechos das entrevistas é gerada pela a condição imigrante como sendo constituída por uma contradição: provisório-permanente. A situação de provisoriedade ilusória que jamais se afirma permanentemente, mas que pode durar indefinidamente (SAYAD, 1998), leva o migrante a sempre ter que justificar sua presença.

O caráter de provisoriedade também influencia no seu processo relacional, nas interações, com a sociedade no qual se encontra, bem como na integração desse migrante na sociedade receptora. Ainda sobre os efeitos provenientes do caráter de provisoriedade, a questão documental é bem significativa, visto que, por meio dela o migrante ou refugiado tem que justificar sua permanência e motivação para estar no território do outro. Pelo exposto, a relação Estado e migrante mostra-se arbitrária e assimétrica. Ocupando o migrante na sociedade receptora sempre um local provisório que necessita justificar presença indefinidamente.

Pensar sobre a migração, para além de significar refletir sobre a sociedade, também implica em repensar acerca do Estado. Di Cesare nos aponta que “o migrante desmascara o Estado. Da margem externa interroga seu fundamento, aponta o dedo contra a discriminação, relembra o Estado sua constituição histórica, descrê sua pureza mítica. E por isso obriga-o a repensar-se. Nesse sentido, a migração traz consigo uma carga subversiva” (DI CESARE, p. 28, 2020). Assim, para o Estado e parte dos nacionais mais conservadores o migrante incomoda, porque “acena para a possibilidade de um mundo configurado de outro modo, representa a desterritorialização, a fluidez da passagem, a travessia autônoma, a hibridização da identidade. Com a intensão de reafirmar o poder soberano, o Estado barra o migrante na fronteira” (DI CESARE, p. 26, 2020), podendo admiti-lo em seu território desde que dentro de suas regras e controles previstos, se julgar interessante politicamente e/ou economicamente.

Faz-se necessário refletirmos criticamente conforme nos propõe Bhabha, a pensar em nação enquanto “um espaço liminar de significação, que é marcado internamente pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputas, por autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural” (BHABHA *apud* JARDIM; LÓPEZ, p. 44, 2013). Desse modo, poderemos compreender melhor os atravessamentos que perpassa a temática migratória e as vivências e narrativas desses migrantes venezuelanos em nossa sociedade. Ao deslocar-se o migrante carrega consigo suas experiências, sua história, as cargas de sua sociedade de origem, suas marcas biográficas, culturais e estéticas e todas essas características irão influir nas suas interações e relações de recepção na sociedade de destino ou de chegada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Ser, eu diria agora, não é estar em um lugar, mas estar ao longo de caminhos. O caminho, e não o lugar, é a condição primordial do ser, ou melhor, do tornar-se” (INGOLD, p. 38, 2015).*

Nessa dissertação, analisamos as narrativas, as interações e os percursos migratórios dos migrantes venezuelanos que estão ou estiveram em Campina Grande-PB. Essa abordagem e análise nos possibilitaram, a realização do nosso primeiro objetivo específico, entendendo e percebendo que as características, percursos, experiências e narrativas que carregam esses migrantes podem influenciar nas suas interações e nos seus processos de integração e

recepção na cidade. Também nos permitiu verificar nosso segundo objetivo específico, identificando estigmas sociais, e constatando que esses podem interferir nas relações sociais estabelecidas pelos migrantes venezuelanos na cidade de Campina Grande-PB.

Ao longo do trabalho, situamos o contexto social e histórico a nível mundial, nacional e local em que está inserida nossa temática de pesquisa, delineando nosso foco e objetivos. Bem como, evidenciando as características do fluxo migratório venezuelano e os fatores que fomentaram a migração desde a Venezuela até Campina Grande na Paraíba. Refletimos ainda, sobre a integração de migrantes e as especificidades da integração venezuelana, partindo das teorias que nos embasaram nas reflexões sobre a integração e recepção dos migrantes na sociedade local.

Na sequência, mapeamos o campo, realizando, descrições e observações. Nessa fase do texto, efetuamos o mapeamento físico e simbólico do campo de pesquisa, delineamos o lócus e o tempo da pesquisa, com uso de dados e fotografias das visitas ao campo, detalhes dos abrigos, dos percursos migratórios, na Paraíba, no Nordeste, além dos principais percursos dos migrantes *Waraos* na cidade de Campina Grande, a partir dos quais construímos uma cartografia do campo de pesquisa.

Nas trilhas direcionadas pelos diálogos, observações e interações, abordamos o que nos foi apontado pelos migrantes nas entrevistas, bem como o que foi observado enquanto pesquisadora durante essas interações. Realizamos diálogos dos dados empíricos com as teorias, mediante análise apresentada ao longo da dissertação. Destacamos ainda como se deu a escolha dos interlocutores, os contatos, bem como os desafios enfrentados na pesquisa qualitativa em meio a uma pandemia. Por fim, destacamos nessas considerações finais as direções que nos foram apontadas pelas vias do empírico e da teoria.

A abordagem dessa pesquisa possui caráter qualitativo, buscando uma apreensão analítica que considera o movimento dialético entre a realidade social e suas estruturas, a sociedade, o sujeito e suas subjetividades, em nosso caso, o sujeito migrante e a sociedade local de recepção. De modo que os tons e direções de nossa pesquisa não foram guiados apenas por números e normas, e sim, por múltiplos fatores que compõem esse contexto migratório e o cotidiano desses migrantes, presentes nas entrelinhas das vivências, dos percursos, em suas interações e narrativas. Desse modo, nossa trilha de pesquisa seguiu o caminho da pesquisa social de caráter interpretativo ou compreensivo de análise crítica da realidade, bem como, dos discursos em torno da mesma, em um diálogo entre os discursos

sociais e o que nos apontou a etnografia através das observações de campo e das narrativas dos migrantes.

Quanto aos desafios da pesquisa tivemos aqueles inerentes a uma pesquisa sobre imigração, mais acentuados por se tratar de uma pesquisa com migrantes transnacionais advindo de uma migração forçada, em sua maioria em situação de vulnerabilidade. Além disso, nosso grupo de interlocutores era bastante heterogêneo, tendo passado por diversas experiências ao longo de seus processos migratórios, cuja abertura para o diálogo sobre suas vivências não se deu sem receios e/ou desconfianças. Destaco ainda as dificuldades de comunicação pelas diferenças de idioma e pelo contexto proporcionado pela Pandemia COVID-19, que dificultou as interações no campo de pesquisa.

Mediante o observado ao longo da pesquisa, de fato a afirmação de Sayad (1998) que define a imigração como um fato social total, coaduna com que observamos e vivenciamos durante a pesquisa. Realmente falar em imigração é falar da sociedade como um todo, em perspectiva histórica e também do ponto de vista das estruturas presentes na sociedade e seus funcionamentos e relações de poder. A experiência da pesquisa apontou demandas antigas a muito já discutidas quando se aborda sobre imigração, a exemplo da xenofobia, do racismo, da visão utilitarista acerca do migrante enquanto mão de obra barata. Bem como, restou evidente, o que nos apontou Sayad (1998) em sua teoria acerca do julgamento do migrante quanto sua origem, que a reputação do país de origem do migrante recaí sobre o mesmo na sociedade local, onde os indivíduos dessa sociedade o julgaram de acordo como enxergam e julgam o país de origem desses migrantes, como se um fosse reflexo do outro.

Quanto às demandas emergentes restou evidenciado que a imigração transnacional para o interior do nordeste, a exemplo da verificada na nossa pesquisa, necessita de debates sociais e políticos. A falta de estrutura de Campina Grande para recepção dos migrantes venezuelanos é notória, ficou também comprovada a necessidade de preparo e formação especializada em imigração por parte dos agentes públicos locais, para lidar com as peculiaridades desse fluxo migratório, em especial com a imigração indígena.

Verificou-se que as contradições nas políticas migratórias e nas suas práticas interferem diretamente nos percursos de integração dos migrantes e nas suas interações e integração na nova sociedade. No contexto migratório da nossa pesquisa observou-se muitas omissões políticas e muita iniciativa da sociedade civil no apoio aos migrantes venezuelanos. A cidade de Campina Grande mostra-se com pouca estrutura de acolhimento e necessita de

um desenvolvimento de uma política especializada na assistência aos migrantes, em especial aos migrantes de maior vulnerabilidade social que são os migrantes indígenas. Uma evidência disso é que poucos migrantes permanecem na cidade, dos *Waraos* de 60 migrantes em 2020, em 2021 só tinha 8 migrantes no abrigo de Campina Grande. Eles seguiram para outros destinos em busca de melhores condições de vida. Observou-se que há uma dinâmica própria desse grupo de migrantes, em sua maioria, eles possuem redes de contatos com outros migrantes da mesma etnia que estão espalhados em outras cidades. Os migrantes através de dessas redes mantêm comunicação entre os membros dos seus grupos, em busca de melhores condições de vida, fator que também faz com que se desloquem com frequência entre as cidades brasileiras, especialmente entre aquelas que já tem grupos assentados.

A pesquisa nos permitiu diagnosticar que os *Waraos* possuem interações predominantemente coletivas. Vivem coletivamente em famílias, distribuem a comida e a coleta de forma coletiva. Possuem contatos com outros migrantes *Waraos* de outras cidades e estados, bem como com os familiares que estão na Venezuela por telefone (aqueles que possuem acesso). Já os migrantes não indígenas/urbanos, ficam mais invisíveis na cidade, não sendo facilmente identificados, desenvolvem interações que na grande maioria se restringem à sua família. Os migrantes não indígenas/urbanos geralmente possuem mais autonomia socioespacial, tendo mais facilidade para conseguir meios de manutenção, por meio de emprego e de se integrar à sociedade local. Verificou-se também a influência da mídia e das *fake news* acerca dos migrantes na criação de um estereótipo ruim em torno dos migrantes, estigmatizando-os e dificultando suas interações e integração na nova sociedade.

Desse modo, observamos que as desigualdades globais socioeconômicas postas, estruturam posições sociais, assim, a posição que o migrante ocupa nas desigualdades estruturais globais, possui relação com os diferentes graus de autonomia socioespacial que o mesmo terá no país que recebe (WEIB, 2018). Evidenciou-se também através da pesquisa que os migrantes formam suas redes de sociabilidade e de reciprocidade, (re)territorializando-se na sociedade de destino (HAESERBAERT, 2004). Observamos, ainda, a dualidade do estrangeiro teorizada por Simmel (2004), pois, os migrantes, sinônimo de estrangeiro, combina a tensão de proximidade e distância, o desprender de um ponto e o tentar se fixar noutro. No entanto, permanecendo como sendo um *sujeito outro* conforme nos conceitua Agier (2015), nem daqui e nem de lá, nem nacional, nem *outsider*, pois já também não mais pertence ao local de origem. Bem como, a característica de provisoriidade teorizada por

Sayad (1998), que o migrante carregará durante todo o seu percurso migratório, tendo sempre que justificar sua presença. Observou-se ao longo da pesquisa conforme nos apontou a teoria de Jardim (2017) que as dificuldades enfrentadas por alguns migrantes venezuelanos que interagimos, que os migrantes nos permitem conhecer mais sobre instituições, rotinas burocráticas nacionais. A autora nos sugere que esvaziemos a ideia de “integração” e “adaptação” pela concepção de contínuo aprendizado, “integração, além de evocar uma ideia de assimilação e diluição de diferenças culturais, carrega como pré-noção algumas certezas de que há uma lógica de funcionamento na sociedade de acolhida, que seria aprendida de modo acumulativo” (JARDIM, p. 25, 2017). Como se houve um sistema pré-estabelecido para adaptação dos migrantes à nova sociedade.

Percebemos, pela pesquisa, que a dificuldade com o idioma é presente tanto entre os migrantes não indígenas/urbanos, quanto com os *Waraos*. No entanto, mostra-se mais intensa com esses últimos, pois a maioria fala idioma próprio diferente do espanhol, que possui mais semelhanças com o português. Os *Waraos* possuem mais dificuldades na sociedade campinense com o idioma e a cultura, com a documentação, bem como para conseguir autonomia em um meio urbano, sem pesca e coleta extrativista e com dificuldades para viverem de artesanato. Assim, eles acabam tendo que ‘lutar’ por itens básicos de subsistência e são vistos com bastante desconfiança por parte da sociedade local por coletarem/pedirem dinheiro nas ruas. Quanto aos migrantes não indígenas/urbanos entre as principais dificuldades estão o acesso aos documentos, reconhecimento de diploma, emprego formal e bem remunerado. A questão da documentação consiste em uma das burocracias que mais dificultam a vida dos migrantes, em especial no acesso aos serviços públicos como educação e saúde. Com relação à idade os migrantes *Waraos* mais velhos são os que mais tem dificuldade com o idioma no Brasil e os migrantes não indígenas/urbanos mais velhos possuem uma dificuldade maior em conseguir empregos formais.

O fluxo migratório dos venezuelanos em Campina Grande não é homogêneo, o recorte apresentado pela pesquisa nos proporcionou enxergar essa heterogeneidade e suas peculiaridades. A migração venezuelana se apresentou composta de multiplicidade de indivíduos e experiências, apontando para a heterogeneidade desse fluxo. De crianças aos idosos, migrantes indígenas e não indígenas/urbanos, com trajetórias e experiências migratórias múltiplas. Essa característica aponta para a desconstrução da visão homogeneizadora acerca dos migrantes venezuelanos e requer atenção, para que se possa

compreender a temática em suas diversas dimensões, bem como, se possa construir diálogos sobre esse fluxo migratório que ultrapassem preconceções em repetição e sem aprofundamento. Cada migrante possui seu percurso migratório, desde o processo decisório de migrar até as experiências desse movimento nos percursos de trânsito e na nova terra.

As direções que surgem do empírico, das narrativas e da teoria apontam para a necessidade de visões e de métodos de lidar com os fluxos migratórios que não tendam para medidas pré-formuladas que sirvam a todos os migrantes. Esse fluxo migratório é repleto de peculiaridades, e se mostra necessário que haja um diálogo de assistência aos migrantes, mas com respeito a autonomia e cultura dos mesmos. Não há apenas um plano para enxergar esses fluxos migratórios, não devendo haver consenso posto e fixo de um fluxo que é permeado de movimento, incertezas e buscas. Ademais, talvez haja alegria e mistério muito mais no caminho do desvendamento, nos interditos, nos silêncios, do que na solução. Pode haver ou não saídas redentoras, o que se tem certeza é que há impasses e diversas fronteiras e subjetividades (TELAROLLI *apud* SALIH, 2018).

Concluimos que, a origem dos migrantes influencia na recepção e integração dos mesmos na sociedade local. Que os migrantes são estigmatizados, e que esses caracteres estão presentes a influir no cotidiano desses migrantes em Campina Grande. Que os migrantes que mais se condicionam às normas da sociedade local são os que melhor se integram a mesma, se camuflando entre os nacionais. Que os migrantes indígenas *Waraos* possuem maior dificuldade de interação e integração na cidade e são os mais estigmatizados. Que as narrativas dos nossos interlocutores de superação, por vezes, vão de encontro com a realidade social experienciada por eles e observada no campo por mim enquanto pesquisadora. Que as narrativas, experiências e características que carregam esses migrantes influenciam nas suas interações e integração na cidade, de modo que se verifica uma seletividade, quanto o tratamento e a categorização dos migrantes.

Efetuar essa pesquisa significou o acompanhamento de processos, de idas e chegadas de migrantes à cidade, seus fluxos e os que eles têm a nos comunicar. Apresentando a vida em movimento com todas as suas incertezas, interditos, partidas e chegadas, inclusive as alegrias de suas existências. Em um trânsito de experiências com o desconhecido, evidenciam-se novas formas de habitar e coabitar, que muito tem a nos revelar. *Naruia!*



## REFERÊNCIAS

ACNUR. **A resposta humanitária no Brasil: Uma análise sobre a Estratégia de interiorização.** 2019. Disponível em: <[https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/07/REACH\\_Relat%C3%B3rio-Interioriza%C3%A7%C3%A3o\\_FINAL\\_PORTUGUESE.pdf](https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/07/REACH_Relat%C3%B3rio-Interioriza%C3%A7%C3%A3o_FINAL_PORTUGUESE.pdf)>; Acesso em: 10/12/2020.

ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil.** Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 12/01/2020.

ACNUR. **Dados sobre refúgio.** Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>>. Acesso em: 12/01/2020.

ACNUR. **Nota informativa para municípios sobre chegadas espontâneas de população venezuelana, incluindo indígenas.** Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/08/Nota-Informativa-para-Munic%C3%ADpios.pdf>>; Acesso em: 10/02/2020.

ACNUR. **Os Warao no Brasil. Contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes.** 2021. Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/publicacoes/>>; Acesso em: 30 de julho de 2021.

ACNUR; OIM. **Painel de interiorização.** 2021. Disponível em: <<http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao/>>; Acesso em: 10/02/2021.

AGIER, Michel. **Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação.** 1.ed. São Paulo: Editora Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.

AGIER, Michel. **Migrações, descentramento e cosmopolitismo: uma antropologia das fronteiras.** Tradução: Bruno César Cavalcanti, Maria Stela Torres B. Lameiras, Rachel Rocha de A. Barros. São Paulo: Edufal: Editora da Unesp, 2015.

AGIER, Michel. **On the margins of the world, the refugee experience today.** *Polity Press*, 2008.

AGUIAR, C. M. **Entre a crise e a crítica: migrações e refúgio em perspectiva global.** Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados, v. 8, n. 16, p. 21-41, 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro.** São Paulo: Cortez, 2016.

ALBUQUERQUE, Fabiane Cristina. **Meu corpo em campo: reflexões e desafios no trabalho etnográfico com imigrantes na Itália.** Cadernos de campo, São Paulo, n. 26,

v.1,2017.Disponível em:<<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/141421/140857>>; Acesso em: 11 de julho de 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1ª ed. Edições 70: 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BLOGDONINJA. Márcia Lucena descarta relação entre chegada da malária ao Conde à acolhimento de venezuelanos pelo município. 17.04.2021. Disponível em: <<https://www.blogdoninja.com.br/2019/04/17/ouca-marcia-lucena-descarta-relacao-entre-chegada-da-malaria-ao-conde-a-acolhimento-de-venezuelanos-pelo-municipio/>>; Acesso em: 01/07/2021.

BLUMER, H., & Reis, C. M. (2018). **Sociedade como interação simbólica**. Plural, 25(2), 282-293. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2018.153656>.

BRASIL. **Lei 13.445**. 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm)>. Acesso em: 30/09/2018.

BRASIL. **Lei 9474**. 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9474.htm)>. Acesso em: 30/09/2018.

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Recepção Midiática na Construção de Imaginários do Brasil como País de Migração**. *Chasqui*, no. 125, marzo 2014, pp. 33-42.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Quem canta o Estado-Nação?: língua, política e pertencimento**. Tradução: Vanderlei J. Zacchi e Sandra Goulard Almeida. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

CARARO, Aryane; SOUZA, Duda Porto. **Valentes, histórias de pessoas refugiadas no Brasil**. Editora Seguinte; 1 ed. Kindle. 2020.

CLICKPB. **60 venezuelanos farão testes rápidos para detecção da COVID-19 em Campina Grande**. 7 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.clickpb.com.br/paraiba/60-venezuelanos-farao-testes-rapidos-para-deteccao-da-covid-19-em-campina-grande-283560.html>>; Acesso em: 03 de agosto de 2021.

COSTA, Marco; COSTA; Fátima. **Metodologia da Pesquisa: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: Dos Autores, 2019. Edição do Kindle.

DELEUZE, Gilles Félix GUATARRI. **Mil platôs-capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DIAS, Gustavo; SIERRA, Fulvio Rivero. **Vidas vulneráveis: ser migrante em tempos de conservadorismo e crise pandêmica na América Latina**. Revista Cadernos de Campo | Araraquara | n. 30 | p. 9 | jan./jun. 2021 | E-ISSN 2359-2419. Disponível em: <(PDF) Vidas vulneráveis: ser migrante em tempos de conservadorismo e crise pandêmica na América Latina | Gustavo Dias - Academia.edu>; Acesso em: 30/08/2021.

DI CESARE, Donatella. **Estrangeiros Residentes: uma filosofia da migração**. Tradução: Cézár Tridapalli. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

DOU. **Portaria nº 120, de 17 de março de 2020**. Disponível em:<<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=18/03/2020&jornal=515&pagina=1>>; Acesso em: 08/04/2020.

DURAND, Jorge; LUSI, Carmem. **Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

FACUNDO, Angela Navia; HAMID, Sônia Cristina; MUNEM, Bahia Micheline; GOMES, Charles Pontes. **Pessoas em movimento: práticas de gestão, categorias de direito e agências**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 7 Letras, 2019.

FACUNDO, Angela. **Êxodos, refúgios e exílios: colombianos no sul e sudeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Papéis selvagens, 2017.

FELDMAN-BIANCO, Bela (et al). **Migração e exílio**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Leituras filosóficas. Edições Loyola. Edição do Kindle. 1996.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Curso no Collège de France (1977-1978). Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

G1, GLOBO. **João Pessoa deve receber pelo menos 69 venezuelanos refugiados**. 28 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2018/08/28/joao-pessoa-deve-receber-pelo-menos-69-venezuelanos-refugiados.ghtml>>. Acesso em: 20/09/2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 10ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. Ed. LTC, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Mathias Lambert. Publicação original 1963. Digitalização 2004.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOV.BR, Casa Civil. **O socialismo exclui, o Brasil acolhe**. Publicado em 16/01/2020. Disponível em: < <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/janeiro/o-socialismo-exclui-o-brasil-acolhe>>; Acesso em: 02/03/2021.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. 2015. Petrópolis, Editora Vozes.

JARDIM, Denise F. **Imigrantes ou Refugiados? Tecnologias de controle e as fronteiras**. Jundiá, Paco Editorial: 2017.

JARDIM, Denise Fagundes; LÓPEZ, Laura Cecilia. **Políticas da diversidade: (in)visibilidades, pluralidade e cidadania em uma perspectiva antropológica**. SciELO - Editora da UFRGS. Edição do Kindle. 2013.

JORNAL DA PARAÍBA. **Paraíba tem 350 imigrantes da Venezuela e inserção no mercado ainda é desafio**. 20 de junho de 2019. Disponível em: <[http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida\\_urbana/paraibatem350imigrantesdavenezuela-e-insercao-no-mercado-ainda-e-desafio.html](http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/paraibatem350imigrantesdavenezuela-e-insercao-no-mercado-ainda-e-desafio.html)>. Acesso em: 20/01/2020.

MACÉ, Marielle. **Siderar, considerar: migrantes, formas de vida**. Tradução: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

MAFESOLLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós modernas**. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCOZERO. **Morte de menina torna mais dramática situação dos indígenas Warao no Recife**. Redação: Inácio França, em 02/11/2020. Disponível em:<<https://marcozero.org/morte-de-menina-torna-mais-dramatica-situacao-dos-indios-warao-em-recife/>>. Acesso em: 07/11/2020.

MARIN, Elizara Carolina; POZOBON, Rejane de Oliveira. **Sonhos que cruzam fronteiras: sentidos construídos a partir do processo migratório**. Sociologias, Porto Alegre, v. 12, n. 24, p. 382-409, agosto de 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151745222010000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151745222010000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15/12/2019.

MENEZES, Daniel Francisco Nagao; RAIMO, Vania Bogado de Souza di. **Brasil: Preocupações sobre Xenofobia e Militarização**. *IN* BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jaroshinski (Coord). Migrações Venezuelanas. Catarina von Zuben; Paolo Parise; José Carlos Pereira; Francisco Max; Luís Felipe A. Magalhães, Daniel Menezes; Duval Fernandes; Alberto Jakob; Luis Renato Vedovato; Camila R. da Silva; Natália Demétrio; Joice Domeniconi; Victor Del Vecchio; (Organizadores). – Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

MILESI, Rosita; COURY, Paula; ROVERY, Julia. **Migração Venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual**. Editora: Aedos, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 53-70, Ago. 2018. Disponível em: <Migração Venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual | Milesi | Revista Aedos (ufrgs.br)>; Acesso em: 05/01/2021.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. **O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima**. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/161080/156154>>; Acesso em: 12 de julho de 2021.

NETO, Helion Póvoa; FERREIRA, Ademir Pacelli. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

OBMIGRA. **RESUMO EXECUTIVO-RELATÓRIO ANUAL 2020**. Disponível em: <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>>; Acesso em: 10/01/2021.

PACÍFICO, Andrea P.; SANTANA, Mônica; SILVA, Sarah. **A Proteção aos Refugiados na Paraíba: Uma Análise descritiva do Programa Nacional de Interiorização dos Venezuelanos**. *IN* BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jaroshinski (Coord). Migrações Venezuelanas. Catarina von Zuben; Paolo Parise; José Carlos Pereira; Francisco Max; Luís Felipe A. Magalhães, Daniel Menezes; Duval Fernandes; Alberto Jakob; Luis Renato Vedovato; Camila R. da Silva; Natália Demétrio; Joice Domeniconi; Victor Del Vecchio; (Organizadores). – Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

PACÍFICO, Andrea Pacheco *et al* (Org.). **O Estado da Arte sobre Refugiados, Deslocados Internos, Deslocados Ambientais e Apátridas no Brasil: Atualização do Diretório Nacional do ACNUR de teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso de graduação em João Pessoa (Paraíba) e artigos (2007 a 2017)**. Campina Grande: EDUEPB, 2020.

PARAIBAONLINE. **Mendicância: venezuelanos estão vindo a Campina Grande para obter alta lucratividade**. 7 de fevereiro de 2020. Disponível em < <https://paraibaonline.com.br/paraiba/mendicancia-venezuelanos-estao-vindo-a-campina-grande-para-obter-alta-lucratividade/>> ; Acesso em: 02 de agosto de 2021.

PARAIBAONLINE. **Procuradora orienta que população observe conduta dos venezuelanos em CG**. 7 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://paraibaonline.com.br/paraiba/procuradora-orienta-que-populacao-observe-conduta-dos-venezuelanos-em-cg/>>; Acesso em: 02 de agosto de 2021.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PEREIRA, Alexandre Branco. **Viajantes do tempo: imigrantes-refugiadas, saúde mental, cultura e racismo na cidade de São Paulo**. Curitiba: CRV, 2020.

POLEMICAPARAIBA. 13 CASOS: Venezuelana é diagnosticada com malária em Conde. 26.06.2019. Disponível em: <<https://www.polemicaparaiba.com.br/paraiba/venezuelana-e-diagnosticada-com-malaria-em-conde/>>; Acesso em: 02/08/2021.

POLITIZE. **Como começou a crise na Venezuela?**. Publicado em 10 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/crise-na-venezuela>>; Acesso em: 20/03/2020.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Histórico (Memória). RJ, v. 5, n. 10, pp. 200-212. 1992.

QUEIROZ, Silvana Nunes de; SILVA, Carla Craice da. **Imigrantes Internacionais na Região Nordeste e a Pandemia De COVID 19** IN BAENINGER, Rosana; FERNANDES, Durval (Coord.). **Impactos da pandemia de COVID-19 nas migrações internacionais no Brasil - Resultados de Pesquisa**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, 2020. Disponível em: <[https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/\\_impactospandemia.php](https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/_impactospandemia.php)>; Acesso em: 20/12/2020.

RANGEL, Marcio. **FLAGRANTE: venezuelanos chegam de táxi em CG e prefeitura diz que eles recusam a receber ajuda**. Reportagem do Blog Marcio Rangel. Acesso em: 11/03/2020.

RATHA, Dilip; PLAZA, Sonia; DERVISEVIC, Ervin. **Migration and Remittances Factbook 2016**. *Global Knowledge Partnership on Migration and Development*, (KNOMAD), 2016.

REDIN, Giuliana. **Migrações internacionais: experiências e desafios para a proteção e promoção de direitos humanos no Brasil**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM. Edição do Kindle, 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROSA, Marlise (Coord. Acadêmica). **Os Warao no Brasil – Contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes**. EGAS, José; MARTINEZ, Frederico [et al.]. ACNUR: 2021.

ROSENTHAL; Gabriele. **Pesquisa social interpretativa: Uma introdução**. Tradução: Tomás da Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Edição do Kindle.

SALIH, Tayed. **Tempo e migrar para o norte**. Tradução: Safa Abou-Chahla Jubran. 2 ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

SANTOS, Gislene; FLORANI, Nádia P. **Migrações na América Latina Contemporânea: processos e experiências humanas**. SANTOS, Zuila Guimarães Cova dos; PEREIRA, Rosa Martins Costa. A cidade pelo olhar do imigrante boliviano e haitiano: uma leitura de mapas mentais. Cap. 9. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

SARMENTO, Gilmar Gomes da Silva; RODRIGUES, Francilene dos Santos. **Entre a Acolhida e o Rechaço: Breves notas sobre a violência e os Paradoxos da Migração Venezuelana para o Brasil**. IN BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jaroshinski (Coord). Migrações Venezuelanas. Catarina von Zuben; Paolo Parise; José Carlos Pereira; Francisco Max; Luís Felipe A. Magalhães, Daniel Menezes; Duval Fernandes; Alberto Jakob; Luis Renato Vedovato; Camila R. da Silva; Natália Demétrio; Joice Domeniconi; Victor Del Vecchio; (Organizadores). – Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

SARTORRETO, Laura Madrid. **Direito dos refugiados- do eurocentrismo às abordagens de terceiro mundo**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2018.

SASSEN, Saskia. **Expulsões: Brutalidade e Complexidade na Economia Global**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Prefácio: Pierre Bourdieu; Tradução: Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=E1tPJOKBo9cC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=E1tPJOKBo9cC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 21/12/2019.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia. Fundamentos da fenomenologia**. In: WAGNER, Helmut R. (Org.). Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SILVA, Camila Rodrigues. **Sínteses, reflexões e perspectivas sobre a política de interiorização no acolhimento de venezuelanos em 2018**. IN BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jaroshinski (Coord). Migrações Venezuelanas. Catarina von Zuben; Paolo Parise; José Carlos Pereira; Francisco Max; Luís Felipe A. Magalhães, Daniel Menezes; Duval Fernandes; Alberto Jakob; Luis Renato Vedovato; Camila R. da Silva; Natália Demétrio; Joice Domeniconi; Victor Del Vecchio; (Organizadores). – Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

SILVA, João Carlos Jarochinski. **Uma política migratória reativa e inadequada - a migração venezuelana para o brasil e a resolução n. 126 do Conselho Nacional de Imigração** IN BAENINGER, Rosana [et al.] (Organizadores). **Migrações Sul-Sul**. 2ª edição. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População —ElzaBerquó — Nepo/Unicamp, 2018. Disponível em: <(99+) (PDF) Uma política migratória reativa e inadequada - a migração venezuelana para o brasil e a resolução n. 126 do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) | João Carlos Jarochinski Silva - Academia.edu>; Acesso em: 16/09/2019.

SILVA, João Carlos Jarochinski; LEVEL, Beatriz Patrícia de Lima. **Venezuelanos no Brasil e o atendimento humanitário.** In Direitos Humanos e Vulnerabilidade e o Direito Humanitário. JUBILUT, Liliana Lyra [et al.], organizadores. Boa Vista : Editora da UFRR, 2019. Disponível em: <(99+) (PDF) Venezuelanos no Brasil e o atendimento humanitário | João Carlos Jarochinski Silva - Academia.edu> ; Acesso em: 04/02/2021.

SILVA, Vanderlan (Org). **De centros e periferias: estudo das interações sociais em lugares públicos e instituições.** Campina Grande: EDUFCG, 2019.

SIMMEL, Georg. **Fidelidade e Gratidão e Outros textos. O Estrangeiro.** 1ª ed. Editora Relógio d'água, 2004.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade.** Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TRUZZI, Oswaldo; MONSMA, Karl. **Sociologia da migração: entre a compreensão do passado e os desafios do presente.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222018000300018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222018000300018)>

VELHO, Gilberto. **Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica** IN & ALVITO, Marcos & VELHO, Gilberto (Org.), Cidadania e Violência, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV: 1996, pp. 10-24.

VILLAMAR, María Del Carmen Villarreal; ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. **Mobilidade humana: perspectivas e desafios — apresentação do dossiê.** 2017. Disponível em: <(99+) (PDF) (2017) Mobilidade humana: perspectivas e desafios. Apresentação do dossiê. | Maria del Carmen Villarreal Villarreal e Gisele Almeida - Academia.edu>; Acesso em: 05/01/2021.

VISNIEC, Matéi. **Migraantes ou tem gente demais nessa merda de barco ou o salão das cercas e muros.** Tradução Luciano Loprete. 1. Ed. São Paulo: É Realizações, 2017.

WEIB, Anja. **Tornar-se refugiado: uma abordagem de trajetória de vida para a migração sob coação.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/soc/v20n49/pt\\_1807-0337-soc-20-49-110.pdf](http://www.scielo.br/pdf/soc/v20n49/pt_1807-0337-soc-20-49-110.pdf)>. Acesso em: 12/11/2020.

ZETTER, Roger. **More labels, fewer refugees: remaking the refugee label in an era of globalization.** *Journal of Refugee Studies*, Oxford, v. 20, n. 2, p. 172-192, 2007.



## **APÊNDICE A- ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA AS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS DOS MIGRANTES NÃO INDÍGENAS**

- Qual seu nome?
- Quantos anos possui?
- Onde nasceu?
- Morava com quantas pessoas?
- Como se sustentava ou trabalhava em seu país?
- Porque decidiu ir embora/migrar?
- O que mais lhe preocupou quando decidiu migrar?
- O que sentiu quando deixou seu lugar de origem?
- Há quanto tempo está no Brasil?
- O que fez escolher o Brasil?
- Como veio para o Brasil?
- Já esteve em quais cidades do Brasil?
- Como veio para Campina Grande?
- Como tem sido a vida em Campina grande? Tem enfrentado alguma dificuldade por aqui? Quais?
- Como tem sido o contato com os brasileiros em Campina Grande?
- Já se sentiu discriminado?
- Com quantas pessoas você vive?
- Tem filhos? Quantos?
- O que acha mais difícil em Campina Grande?
- Quais as principais mudanças que achou ao migrar?
- Tem familiares ainda na Venezuela? Consegue se comunicar com eles?
- Já pensou em se mudar para outra cidade ou voltar para Venezuela? Porquê?